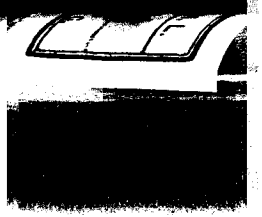
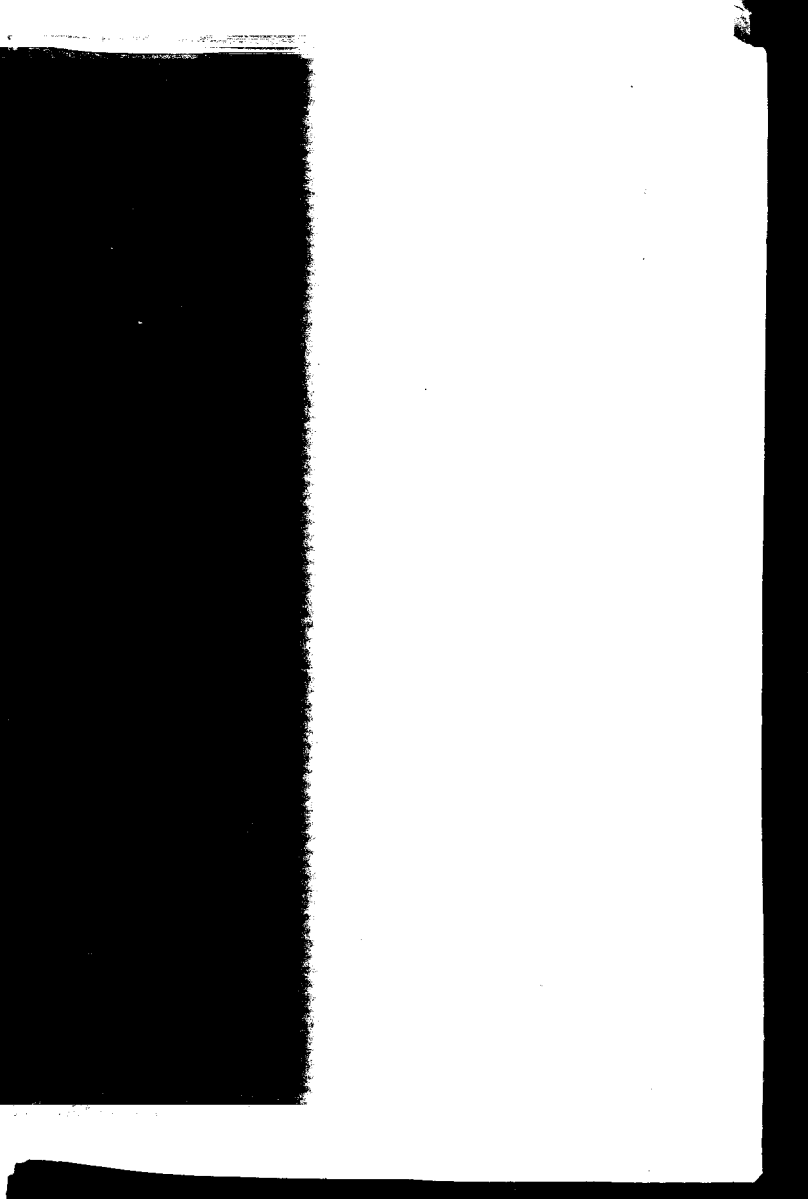




HISTORIA GERAL

DA

INVASÃO DOS FRANCEZES

EM PORTUGAL,

E

DA RESTAURAÇÃO DESTE REINO,

ESCRITA

POR

JOSÉ ACCURSIO DAS NEVES.

TOMO III.

LISBOA. M. DCCCXI.

Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

HISTORIA
DA
RESTAURAÇÃO.

CAPITULO I.

Pintura abbreviada da Europa na epoca, de que tratamos; fermentação da Hespanha. Moretti vem a Lisboa em commissão; o principado das Asturias, e todo o norte da Hespanha levantão o estandarte de Fernando VII. Palafox em Aragão.

DEpois da catastrofe de Madrid acalmou a tempestade por alguns momentos: não foi senão para condensar mais a nuvem, e despedir raios por toda a Hespanha. Hum silencio horroroso se estendia desde as columnas de Hercules até os gelos da Fin- 1808 Maio.

1808 Maio. landia, onde o intrepido Gustavo Adolfo, esse mesmo, que expulso dos seus Estados por huma daquellas atrozes perfidias, que fazem tão memoravel a historia do presente seculo, vemos discorrer a Europa com o disfarçado titulo de Conde de Gottorp, disputava passo a passo a herança de seus avós, contra os poderosos exercitos do ambicioso Alexandre. A Dinamarca, obedecendo cegamente ás ordens de París, e de Petersburgo, auxiliava com as suas armas a injusta causa dos usurpadores; continuava o armisticio entre os Turcos, e os Russos, que Napoleão tinha açaimados, esperando a occasião de os entregar a novos, e sanguinolentos combates, quando mais conviesse á sua politica. Tudo se achava opprimido, mas quieto; assemelhando-se a huma vasta prisão, onde o triste repouso dos encarcerados he só perturbado pela voz imperiosa do carcereiro, e dos guardas, que a governão.

A Austria, que era a unica potencia, que se julgava ainda com forças,

ças, para levantar a cabeça, e dar a mão a tantos póvos, que desejavão sacudir o jugo, soltava apenas alguns suspiros pela sua independencia. Depois de muitos mezes de preparativos, ella fez em fim alguns esforços, e a independencia se ouvio bradar, não só por todos os Estados Austriacos, mas por quasi toda a extensão do antigo imperio Germanico. E para que? Para cahir moribunda hum momento depois junto ás correntes do Danubio! 1808 Maio.

Este quadro he triste! Apartemos delle os olhos, para os fixarmos sobre a Hespanha, a primeira de tantas nações opprimidas, que ousou levantar o braço, e a unica, (comprehendendo Portugal) que sem dinheiro, sem governo, e quasi sem exercito, e sem recursos, conseguio quebrar os ferros, que a traição lhe havia lançado. Os Hespanhoes derão o exemplo; e os Portuguezes, que se achavão ainda mais faltos de meios, porque o governo intruso se havia apoderado de tudo, dissolvido as tropas, exhaurido, e desarmado a nação,

1808 Maio. ção, seguirão o impulso: huns, e outros achárão apoio no governo Britanico, que do seio dos mares espiava os movimentos do continente, e os Francezes forão arrojados para além do Ebro.

Vejamos em detalhe, como se effeituou esta revolução maravilhosa. Hum breve ensaio sobre os successos da Hespanha servirá de preliminar aos de Portugal, que seguirei, como assumpto proprio.

No dia 4 de maio, em que chegou a Badajoz a noticia dos acontecimentos de 2 em Madrid, o povo, e as tropas manifestárão por altos clamores os desejos de vingança. Os Generaes se congregárão em conselho; e determinárão, que a maior parte do exercito se puzesse prompta, para marchar á capital, se as circumstancias o pedissem; fez-se circular em Hespanha, e Portugal huma proclamação anonyma, que concitava os póvos; e foi este o primeiro symptoma, que se nos manifestou, da proxima revolução.

Entre outras mais providencias,

que

que então chegárão a dar-se em Badajoz, foi huma o enviar-se a Lisboa D. Friderico Moretti, segundo tenente de Guardas Wallonas, em commissão secreta, a communicar estes acontecimentos ao General Carrafa, e conferir com elle, e com os mais chéfes sobre o partido, que poderia tomar-se a respeito das tropas Hespanholas, que ainda existião em Portugal. Moretti partio immediatamente, e chegou a Lisboa em 22 horas; mas bem depressa conheceo, que erão baldados os seus trabalhos; porque Carrafa, ou por julgar impossivel salvar as tropas, ou por algum outro motivo particular, não se prestou ás suas insinuações; e frustrado por este modo o fim da sua commissão, teve elle de voltar para Badajoz, antes que fossem conhecidos os seus designios. 1808 Maio.

O intruso Murat, instruido por seus emissarios de quanto se passava, fez sahir da Estremadura as tropas, que alli se tinhão accumulado, mudando-as para os seus antigos quarteis; removeo tambem de Badajoz o Ge-

1808 Maio. General Solano, restituindo-o ao seu governo da Andaluzia, e conseguio desta fórma dissipar a borrasca, que se ia armando por esta parte.

Não lhe succedeo assim pelo lado das Asturias. Fez-se circular por aquelle principado huma breve proclamação, attribuida a Fernando VII., com a data de Bayona a 8 de maio, na qual se pintava o cativeiro deste Soberano com cores mui vivas, e se convidavão os Asturianos, não a restituir-lhe a corôa, mas a dispôrem, e organizarem hum plano de governo com as provincias circumvisinhas, para salvarem a Hespanha, como já em outro tempo a tinhão salvado em circumstancias mais arriscadas; a lhe restituirem a liberdade, sem já mais admittirem o jugo estrangeiro; a domarem o perfido inimigo, que despojava de seus direitos ao seu infeliz Principe.

A lembrança dos altos feitos, com que os companheiros de Pelayo tanto se havião illustrado por aquellas montanhas, e o amor, que estes póvos consagravão a hum Soberano adorado

do

do de toda a Hespanha, e que em certo modo se achava naturalizado naquella provincia pelo seu titulo de Principe das Asturias, são estimulos poderosos, que exaltão o seu enthusiasmo; a grande distancia, em que se achavão os exercitos inimigos, e a sua posição geografica lhes são favoraveis; elles se commovem, e põe á sua frente o Marquez de Santa Cruz de Marsenão, que desenrola o estandarte de Fernando VII., e faz repetir este nome com saudosos vivas não só por todo o principado, mas tambem pelos reinos de Leão, e Galliza. 1808 Maio.

Vendo porém os Asturianos, que as mais provincias ficávão ainda tranquillas, acalmárão o seu primeiro impeto, até que chegárão a Oviedo alguns commissarios, e tropas de Murat, para fazerem prisões, e impôrem castigos: foi então que elles se vírão na necessidade de romperem de hum modo mais vigoroso. Abrírão-se os depositos d'armas, e forão estas distribuidas pelo povo; prendêrão-se os proprios commissarios de Mu-

1808 Maio. Murat, estabeleceo-se hum governo regular; declarou-se formalmente guerra á França; e mandarão-se emissarios a Inglaterra, a pedir soccorros.

A este tempo se levantava tambem a capital de Leão, e mandava pedir armas á Coruña. A Coruña recebeo o impulso, e o communicou a toda a Galliza: o Arcebispo de Compostella, e o Bispo de Orense despregárão nesta occasião toda a dignidade de seu caracter, todos os recursos das suas virtudes, rendas, e patriotismo.

Por outro lado a fermentação dos espiritos lavrava pela Biscaya, e Castella: os insultos commettidos por hum Francez contra hum Hespanhol ateárão o fogo em Santander a 26. Amotinou-se o povo, e ficou toda essa noite sobre as armas; a 27 se formou hum conselho de governo, de que foi eleito primeiro membro o illustre Bispo de Santander, que depois temos visto fugitivo, como tantos outros, para escapar á vingança dos usurpadores. (*) Mandárão-se ti-

(*) O proprio Murat nos deixou hum

tirar relações de todas as armas, que se achassem promptas, e alistar todos os individuos, que ás pudessem empunhar, desde a idade de 17 até 45 annos, e ainda de mais, quando tivessem a força sufficiente. Espalhárão-se proclamações, derão-se muitas outras providencias apropriadas ás circumstancias; e em poucos dias todo o norte da Hespanha se vio incendiado até mesmo ás portas da França, na Navarra, e em varios pontos da estrada militar. 1808 Maio.

Os Aragonezes, posto que ameaçados de todas as partes, levantavão-se em massa, e se preparavão, para colher os louros, de que bem depressa se virão cobertos, pondo á sua frente o seu capitão General D. José Palafox e Melci. Este chefe, cujo nome será immortal, vendo consolidada a sua

---

monumento bem demonstrativo da admiravel conducta deste Prelado nas raivosas declamações contra elle, e que fez inserir na gazeta de Madrid de 30 de junho. Esta gazeta, que era o orgão do governo intruso, não faz tanta hónra ao Arcebispo de Burgos, e a outros Prelados Hespanhoes.

1808 Maio. sua authoridade, e dispostos os animos para a mais vigorosa defeza, publicou, e fez circular, não só pelo reino de Aragão, mas tambem pelas outras provincias da Hespanha, hum notavel manifesto, em que fazia responsaveis pessoalmente pela segurança d'ElRei, (Fernando VII.) de seu irmão, e seu tio, ao Imperador dos Francezes, todos os individuos da sua familia, todos os Generaes, e officiaes Francezes; e annunciava, entre outras mais cousas, que no caso de se perpetrar alguma violencia contra as vidas daquellas pessoas Reaes d'Hespanha, a nação devolveria a corôa a algum dos legitimos herdeiros, que no mesmo manifesto forão individuados; que se os Francezes commettessem alguns roubos, devastações, mortes em Madrid, ou qualquer outra cidade, por elles invadida, serião considerados como criminosos de alta traição, e se lhes não daria quartel; que todos os actos até alli praticados, e os mais, que se praticassem em Bayona, serião considerados nullos, e extorquidos por violen-

lencia, e declarados por traidores os Hespanhoes, que nelles tivessem parte. 1808. Maio.

Era a justa resposta ao impio discurso proferido pelo degenerado Hespanhol D. Miguel José de Azanza, na abertura do illegal congresso de Bayona, (*) e ás criminosas proclamações, que este mesmo conciliabulo enviava aos póvos de Aragão, Santander, e outras terras da Hespanha; persuadindo-os a depôrem as armas. (**) Desgraçadamente muitos outros Hespanhoes, e até alguns Prelados, (***) corporações, e tribunaes prostituírão a lingua, e a pena aos usurpadores, para segurarem os ferros da sua infeliz patria.

A força dictava muitas vezes, mas nem sempre, estes discursos; que po-

(*) Foi inserto no supplemento á gazeta de Madrid de 21 de junho de 1808.

(**) Gazetas ordinaria, e extraordinaria de Madrid de 14 de junho do mesmo anno.

(***) Entre os Prelados se distinguio, por escandaloso, o Arcebispo de Palmira, Abbade de Santo Ildefonso, cujo discurso se publicou na gazeta de 17 do mesmo junho.

1808 Maio.

porém fosse a força, a volubilidade de caracter, a traição, ou a cobardia, os effeitos erão sempre os mesmos. Que os timidos achem na patria huma mãi clemente, que lhes perdoe as suas fraquezas, quando a procurão arrependidos, he muito justo; mas excede a toda a decencia o despejo daquelles, que cobrindo a sua infamia, ou a sua cobardia com o pertendido bem da patria, ainda fabricão serviços dos seus crimes, que pertendem erigir em virtudes! São virtudes na verdade muito frequentes no infeliz seculo dos Napoleões, e dos Godoys; que porém acharião a sua recompensa sobre os cadafalsos nos seculos dos Epaminondas, dos Aristides, e dos Brutos! A virtude nunca apoia os crimes; o verdadeiro bem da patria exige dos seus filhos, que em lugar de se unirem aos assassinos, que a despedação, exponhão valerosamente os peitos ás balas, para a salvarem.

1808
Maio.

CAPITULO II.

Revolução no sul da Hespanha, principiada em Valencia, e continuada nas outras provincias. Formão-se varias juntas; governo supremo em Sevilha; providencias energicas. São mortos como traidores o Governador de Badajoz, e o Capitão General da Andaluzia. Conducta de Morla; proclamação do governo de Sevilha aos Portuguezes.

O Sul da Hespanha não foi mais tardio, nem menos activo na sua revolução. Valencia deo o exemplo a 23 de maio; e em quanto de hum lado o abraçavão a Mancha, e os reinos de Murcia, e de Granada do outro, se ensaiavão os Catalães, para vingarem no sangue desses bandos de salteadores, que compunhão o exercito Francez do General Duhesme, a atrocidade dos crimes, que perpetravão por todo o principado.

1808 Maio. A gazeta de Madrid de 20 de maio, que nesta capital deo materia a discursos os mais servis, e aduladores da parte dos funcionarios públicos, porque a metralha, e as baionetas davão a lei em Madrid, apenas appareceo em Valencia, foi o sinal do rompimento, porque em Valencia se respirava livre. Nella forão lidas com horror a renuncia da corôa de Hespanha, e Indias, feita por Carlos IV. a 8 em Bayona, e a approvação forçada, que lhe prestárão a 12 Fernando VII., e os Infantes, então já transportados a Bordeaux: a violencia tão manifesta neste ultimo acto, a desgraça de toda a Familia Real, a orfandade da nação, a perfidia dos usurpadores arrancárão aos Valencianos profundos suspiros, e protestos de vingança.

Amotinou-se o povo, congregárão-se as authoridades, e concordárão em formar huma junta do governo, que passou a estabelecer outras subalternas, para os differentes ramos de administração. Mandárão-se alistar todos os visinhos não in-

vá-

válidos desde 16 até 40 annos de idade; abrírão-se os depositos d'armas, e estas se distribuírão a quem as pedia; lançou-se a mão a todos os Francezes, que se encontravão, sem que por então fossem maltratados, pois sómente forão postos em segurança; convidárão-se os póvos confinantes a fazerem causa commum; praticando-se por esta fórma em Valencia scenas em tudo semelhantes ás de Oviedo; pontos diametralmente oppostos, hum ao sul, outro ao norte da Hespanha, sem communicação entre si, onde simultaneamente começou a brilhar o clarão da independencia; mas no primeiro com mais felicidade, que no segundo; porque nelle se não extinguio mais, conservando-se até o momento, em que escrevo, sempre intactos os muros de Valencia contra os ataques do inimigo; ao mesmo tempo que Oviedo tem passado pela infeliz sorte, de se ver entregue por muitas vezes ás mais horrorosas devastações. 1808 Maio.

A revolução retardou-se ainda por alguns dias na Andaluzia; mas em

1808 Maio. compensação ella brotou aqui mais regular, mais formidavel, e tomou bem depressa a superioridade, o que se deve á importancia das personagens, que a conduzírão, e das forças, e recursos, que desde logo se pudérão pôr em acção, á extensão do terreno, e grandeza das cidades, sobre que o governo de Sevilha estendeo a sua jurisdição.

Foi na manhã de 27 de maio, que os Sevilhanos se levantárão, apresentando-se em força á casa *del ayuntamiento*, (corresponde ás nossas camaras) e pedindo, entre outras cousas, que as authoridades constituidas, a Audiencia, os Estados ecclesiastico, secular, e regular, o corpo da nobreza, os officiaes Generaes, e o commercio nomeassem huma junta, que reassumindo o poder, e todas as jurisdicções, regesse, e decretasse, quanto pudesse occorrer em defeza da religião, e da patria; para cujo fim, dizia este mesmo povo, que delegava na nova junta o poder absoluto, de que se julgava revestido.

Não houve demora, e neste mesmo

mo dia ficou organizada, e instalada a junta, de que forão nomeados, Presidente o célebre D. Francisco de Saavedra, cujos talentos são bem conhecidos em toda a Europa, e vogaes os deputados de todas as referidas classes, escolhidos pelas suas virtudes, conhecimentos, e patriotismo, para serem os depositarios do poder supremo em nome de Fernando VII., e conduzirem a magnifica obra da salvação do Estado em circumstancias tão arriscadas. As suas operações correspondêrão á justa expectação dos eleitores, e instantaneamente se puzerão em acção, não só os recursos dos reinos de Andaluzia, mas tambem os das provincias, e territorios comarcãos, onde pôde chegar a voz do novo governo. 1808 Maio.

Tomou a junta o titulo de suprema do governo de Hespanha, e Indias, e os seus membros se revestírão de hum distinctivo proprio para lhes conciliar o respeito, e obediencia dos póvos, que consistia na banda nacional de tiracollo. Este tom de superioridade lhes podia suscitar

1808 Maio. emulações, e contradicções da parte das outras juntas, anteriormente estabelecidas em differentes provincias da Hespanha; mas felizmente se preferio por toda a parte o bem geral ás etiquetas, e considerações particulares, que terião inutilizado os fins, a que todos se propunhão. Huma infinidade de commissarios sahio logo de Sevilha, com circulares, e proclamações para as cidades, e provincias meridionaes, e occidentaes da Hespanha; e a junta vio em poucos dias debaixo da sua obediencia as importantes cidades de Cordova, Cadix, Jaen, Granada, Badajoz, e suas dependencias, e foi respeitada mesmo nas outras provincias, que tinhão governos separados. Sevilha foi olhada desde então, como a capital de toda a Hespanha.

Estabelecêrão-se repartições subalternas, para terem a seu cargo os differentes negocios da fazenda, policia, e guerra; ordenou-se, que se creassem juntas particulares, subordinadas á do governo supremo em todas as terras, que tivessem mais de

de 2ϕ visinhos; mandou-se continuar a marcha ordinaria dos negocios forenses nos tribunaes, e juizos respectivos; fechou-se o theatro público; decretárão-se preces pelo bom acerto da junta; e sem se prejudicar a objecto principal do alistamento, e armamento geral, derão-se as providencias mais adequadas, para se fazer a colheita, que naquelle anno foi abundante, e não faltar o pão ao povo. 1808. Maio.

Os filhos da patria forão chamados para a sua defeza desde a idade de 15 até a de 45 annos, divididos em tres classes: 1.ª de voluntarios, 2.ª de solteiros, cazados, e viuvos sem filhos, 3.ª de casados, e viuvos com filhos, ordenados de ordens menores, e serventes das igrejas não necessarios. Os da primeira classe tiverão ordem, para logo se pôrem em movimento, ou aggregados ás tropas veteranas, ou formados em corpos separados, á voz dos chéfes militares; os da segunda, e terceira ficárão reservados para o segundo, e terceiro chamamento, segundo o exigis-

1808 Maio. gissem as circumstancias. Tinha a junta suprema debaixo das suas ordens immediatas a maior parte das tropas Hespanholas existentes, commandadas pelos seus Generaes mais experimentados, e por isso contou desde o principio com hum exercito, que veremos pouco tempo depois abater nos campos de Baylen a soberba de hum dos corpos principaes do exercito Francez, e de hum dos seus mais famosos Generaes.

Estabeleceo a junta para os soldados voluntarios o soldo de quatro reales (160 rs.) com a sua ração de pão, e para a mais tropa augmentou hum real (40 rs.) ao soldo ordinario. Abrírão-se as cadéas, para se tirarem dellas, e se armarem os prezos, excepto os culpados de roubo, assassinio, aleivosia, lesa magestade Divina, ou humana, e outros, que merecessem pena corporal, e nota de infamia. Lançou-se mão de todas as armas; não para se repartirem tumultuariamente pelo povo, como em outras partes, mas para serem distribuidas pelas recrutas; não

se

se perdendo já mais de vista a tranquillidade pública, no meio dos movimentos convulsivos, e imprevistos de hum tão grande povo. Prohibio-se o uso indistincto das armas, e o dispararem-se tiros pelas ruas; e huma policia activa, e vigilante, se não pôde evitar de todo, cohibio muito as desordens. (*) 1808 Maio.

Não forão tão tranquillos os primeiros passos da revolução em Badajoz, e em Cadix. Em Badajoz levantou-se o povo a 30, e principiou por fazer em pedaços o Governador da praça, Conde da Torre del Fresno, como partidista Francez. Forão igualmente assassinados alguns outros individuos, que erão, ou se julgavão do mesmo partido, e prezos varios Francezes, entre os quaes se achárão hum ajudante de campo do General La Grange, e outro do General Bertrand, que iáo de viagem, mandados

(*) O Conde de *Val de la guela* foi morto em Sevilha, não pelo povo; mas pela mão occulta, que pôz na mão dos assassinos o punhal, que lhe traspassou o peito.

1808 Maio. dos por Junot com despachos. Hum Ajudante de campo do Ex-Marquez d'Alorna, official Portuguez, que voltava a Lisboa com huma carta de Napoleão para o mesmo Junot, esteve tambem a pontos de ser immolado pelo povo de Badajoz; mas escapou, e conseguio, por destreza, occultar a carta.

Dados estes passos, formou-se a junta de Badajoz, em cujas mãos o povo entregou pacificamente o seu destino; e postas de parte as considerações pessoaes, se cuidou sómente na salvação do Estado; de fórma que chegando áquella praça no 1.º de junho o commissario do governo de Sevilha D. Ramon Gavinales para fazer o levantamento nella, e em toda a Extremadura, quasi não teve que fazer, senão approvar o que estava feito, e proseguir no que se achava começado.

Residia em Cadix o Capitão General da Andaluzia Marquez del Soccorro, este mesmo Solano, de que tantas vezes tenho fallado, o qual, contra toda a expectação, se oppôz

ás

ás determinações do governo. Forão baldados os clamores do povo, que lhe requeria se declarasse por Fernando VII., e se puzesse á sua frente, e baldadas todas as diligencias de seus proprios amigos: Solano foi inflexivel. Propunhão-lhe, que mandasse fazer fogo sobre a esquadra Franceza, e desse entrada aos Inglezes, que estavão fóra, e já se devião considerar alliados: elle respondia, que alliados erão os Francezes, e inimigos os que estavão fóra; que as cousas não podião ser de outra fórma, senão como se achavão dispostas. 1808 Maio.

Abandonado á sua sorte, encerrou-se em casa. O povo a rodeou, crivou de balas as portas, e janellas, e elle, pertendendo escapar-se, foi surprendido, e morto cruelmente: seu corpo foi conduzido em troféo pelas ruas de Cadix. Que pasmosas contradicções, que horrorosas consequencias não trazem comsigo as revoluções! Foi este o fim tragico do desgraçado Solano, cujo comportamento em Portugal tinha merecido elogios, e que ainda depois da sua re-

1808 Maio retirada para Badajoz, foi reputado como huma das mais firmes columnas da patria, em que os Portuguezes, e os Hespanhoes punhão os olhos. Pelo contrario Carrafa foi sempre olhado com aversão em Portugal, como hum fiel servidor dos Francezes, hum executor cego das ordens de Junot; e nós o vimos justificado perante a junta Central. Huma sentença não altera a verdade dos factos; mas faz presumpção, e confere direitos. Eu sempre desejava ver o manifesto, que se nos prometteo, do seu comportamento em Portugal; elle ministraria materias muito importantes para esta Historia.

Mais huma contradicção. D. Thomás Morla, Governador de Cadix, portou-se depois da morte de Solano como hum digno Hespanhol, e hum fiel vassallo de Fernando; despregou a sua actividade, e os seus talentos na defeza da patria, e em socegar os tumultos da populaça furiosa, que ameaçava, com o pretexto de traições imaginarias, inundar as ruas da cidade com o sangue dos

seus

seus compatriotas, e mandou atacar a esquadra Franceza, que depois de quatro dias de fogo se rendeo em 14 de junho ás armas Hespanholas. He o mesmo Morla, que em dezembro de 1809 figurou, senão de traidor, ao menos de cobarde, na entrega de Madrid; que foi declarado como traidor pelo governo Hespanhol, e traidor se tem mostrado nos serviços infames, que tem feito aos usurpadores. 1808 Maio.

Concluirei este capitulo com a seguinte proclamação do governo de Sevilha aos Portuguezes, que espero os meus leitores se não desagradarão de achar nesta obra.

A junta suprema do governo de Hespanha ao povo de Portugal.

Portuguezes! a vossa sorte he talvez a mais dura, que já mais soffreo povo algum sobre a terra. Os vossos Principes forão obrigados a deixar-vos, e os acontecimentos da Hespanha são huma prova irrefragavel da absoluta necessidade da-

1808 Maio. *daquella medida. Vós tivestes ordem para vos não defender; e com effeito não vos defendestes. Junot offereceo fazer-vos felizes, e a vossa felicidade consistio em seres tratados com maior crueldade do que aquella, que os mais ferozes conquistadores irrogão aos póvos, que tem subjugado á força d'armas, e depois da mais obstinada resistencia. Vós tendes sido despojados dos vossos Principes, das vossas leis, dos vossos usos, dos vossos costumes, da vossa propriedade, da vossa liberdade, até das vossas vidas, e da vossa santa religião, que os vossos inimigos já mais respeitárão, quaesquer que tenhão sido (na fórma de seu costume) as promessas que fizessem de a proteger; e por mais que affectem, e pertendão ter algum conhecimento della. A vossa nobreza foi anniquilada; a sua propriedade confiscada, em castigo de sua fidelidade, e lealdade. Vós tendes sido vilmente arrastados para os paizes estrangeiros, e obrigados a prostrar-*

1808 Maio.

trar-vos aos pés daquelle homem, que he o author das vossas calamidades, e que com a mais horrivel perfidia usurpou o vosso governo, e vos governa com hum sceptro de ferro. Mesmo agora, que as vossas tropas deixárão as vossas fronteiras, e viajão em cadêas para morrer em defeza daquelle, que vos tem opprimido, e por este meio poderá a sua profunda malignidade conseguir as suas vistas, destruindo aquelles, que constituirião a vossa fortaleza, e fazendo que as suas vidas sejão instrumento de seus triunfos, e da gloria selvagem, a que elle aspira.

A Hespanha vio a vossa escravidão, e os horrorosos males, que se lhe seguírão, com a duplicada sensação de dor, e desesperação. Vós sois olhados como irmãos, e a Hespanha arde por voar em vosso soccorro. Mas certos chéfes, e hum governo fraco, e corrompido, a retiverão em cadêas, e continuárão a preparar os meios, pelos quaes a ruina do nosso Rei, das nossas leis,

da

1808 Maio. *da nossa independencia, nossa liberdade, nossas vidas, e até da nossa santa Religião, em que estamos unidos, deveria acompanhar a vossa ruina, pela qual hum povo barbaro poderia consummar o seu triunfo, e completar a escravidão de todas as nações da Europa. A nossa lealdade, a nossa honra, a nossa justiça, não se podião submetter a tão flagrante atrocidade! Nós quebramos as nossas cadêas, entremos por tanto em acção, nós temos exercitos, nós temos chêfes, e a voz geral da Hespanha he*, Morreremos em defeza da nossa patria, mas teremos cuidado de que morrão tambem comnosco aquelles infames inimigos. *Vinde pois, generosos Portuguezes, uni-vos com a Hespanha para morrer em defeza da vossa Patria, as suas bandeiras vos esperão, ellas vos receberão como irmãos infamemente opprimidos. A causa de Hespanha, e de Portugal he a mesma, não deixeis de confiar nas nossas tropas, os seus desejos são os vossos mesmos,*

mos, e podeis contar com a sua coragem, e fortaleza, como parte da vossa segurança. 1808 Maio.

Vós tendes entre vós mesmos o objecto da vossa vingança, não obedeceis aos authores da vossa desgraça, atacai-os, elles não são mais do que hum punhado de miseraveis homens, aterrados com hum terror panico, humilhados, e conquistados já pela perfidia, e crueldades, que tem commettido, e que os tem coberto de opprobrio aos olhos da Europa, e do mundo! Levantai-vos por tanto em hum corpo, mas evitai o manchar, com crimes, vossas mãos honradas; porque o vosso fim he resistir-lhes, e destruillos; os nossos esforços unidos serão bastantes para esta nação pérfida, e Portugal, Hespanha, que! Toda a Europa respirará, ou morrerá livre, e como homens. Portuguezes, a vossa patria já não está em perigo, este já passou, univos, e voai a restabelecêlla, e a salvalla. Sevilha, 30 de maio de 1808. Por ordem da suprema junta

1808 Maio. *ta do governo. D. João Baptista Esteler, 1.º Secretario. D. João Baptista Pardo, 2.º Secretario.*

CAPITULO III.

Os Francezes usão de todos os recursos, do artificio, e da força, para suffocarem a revolução da Hespanha. Promoção de Reis; José he mandado vir para Bayona; Dupont na Andaluzia; Bessieres nas provincias do norte. Acções illustres dos Aragonezes; primeiro sitio de Saragoça.

EM quanto a nação Hespanhola forcejava deste modo, para resgatar a seu Soberano, e reivindicar a sua independencia, o caro alliado em Bayona, e o seu Lugar Tenente em Madrid empregavão todos os recursos do artificio, e da força, para suffocarem os seus movimentos. Prégavão, e fazião prégar; dispondo ao mesmo tempo os exercitos, para le-

va-

varem a assolação a todas as provincias, e acabarem com o terror, e com a violencia o que não pudessem pelas persuasões, e pelo engano. Não deixarei esquecida a seguinte proclamação, tão pérfida, como ousada, com que Napoleão quiz seduzir o povo Hespanhol: vai na lingua Hespanhola, da mesma fórma que se publicou em Madrid. 1808 Maio.

Napoleon, Emperador de los Francezes, Rei de Italia, y Protector de la confederation del Rin, &c.

A todos los que las presentes viren, salud.

E Españoles: despues de una larga agonia, vuestra nacion iba a perecer. He visto vuestros males, y voi a remediarlos. Vuestra grandeza, e vuestro poder hacen parte del mio.

Vuestros Principes me han cedido todos sus derechos á la corona de las Españas: yo no quiero rei-

1808 Maio.

nar en vuestras provincias, pero quiero adquirir derechos eternos al amor, y al reconocimiento de vuestra posteridad.

Vuestra monarquia es vieja: mi mission se dirige á renovarla; mejoraré vuestras instituiciones, y os haré gozar de los beneficios de una reforma, sin que experimenteis quebrantos, desordenes, ni convulsiones.

Españoles: he hecho convocar una assemblea general de las deputaciones de las provincias y de las ciudades. Yo mismo quiero saber de vuestros deseos, y vuestras necessidades.

Entonces depondré todos mis derechos, y collocaré vuestra gloriosa corona en las sienes de otro yo mismo asegurando os al mismo tiempo una constitucion, que concilie la santa, y saludable auctoridad del Soberano con las libertades, y los privilegios del pueblo.

Españoles: acordaos de lo que han sido vuestros padres, y mirad á lo que habeis llegado. No es vues-

tra

tra la culpa, si no del mal gobierno, que os regia. Tened suma esperança, y confiança en las circunstancias actuales; pues yo quiero, que mi memoria llegue hasta vuestro, ultimos nietos, y que exclamen: Es el regenerador de nuestra patria. Dado en nuestro palacio imperial y real de Bayona á 25 de maio de 1808. = *Napoleon* = 1808 Maio.

He hum medico, que tendo atenuado á força de sangrias hum homem robusto, persiste em querer continuar-lhe a cura, para o matar, e roubar.

Em conformidade com as idéas indicadas na proclamação, o caro alliado deo movimento ao congresso de Bayona, aprazando-lhe, por hum decreto da mesma data, o dia 15 de junho seguinte, para começar a grande obra da nova constituição, isto he, da subversão da monarquia; e mandou vir de Napoles seu irmão José, para presidir a este acto, e supplantar a dynastia dos Bourbons no throno da Hespanha. (*)

(*) O decreto da nomeação de José para

1808 Maio. Como por esta promoção ficava vaga a corôa de Napoles, proveo nella o seu dilecto cunhado Murat, ficando devoluto, para experimentar nova sorte, o grão-ducado de Cleves, e Berg. Portugal não foi por então contemplado; d'onde se vê, que antes de pouco tempo teria de haver huma nova promoção, se os successos a não embargassem. Os conquistadores Romanos tambem dispuzerão de algumas corôas no tempo dos seus triunfos; mas nunca com tanto escandalo!

Pelo que pertence aos exercitos, o primeiro que se moveo, foi o do General Dupont, adiantando-se de Toledo, para suffocar na origem os movimentos dos Andaluzes; chegando a Anduxar em 29 de maio, e tendo noticia dos acontecimentos de Sevilha, e da disposição de todos os póvos d'além da serra Morena, teve de fazer alto, para reunir as suas colu-

mnas.

Rei d'Hespanha, e Indias he de 6 de junho; mas a este tempo já elle atravessava a França, encaminhando-se para Bayona.

mnas, e esperar reforços. Neste intervallo tambem as juntas, e os Generaes Hespanhoes organizárão, como pudérão, o seu exercito; de fórma que quando Dupont se aproximou a Cordova, já encontrou huma séria resistencia; mas as tropas Hespanholas, pela maior parte bisonhas, não puderão suster o impeto dos veteranos Francezes. Cordova foi entrada, e entregue á pilhagem, e a barbaridades inauditas; Jaen acabava de passar por huma quasi igual sorte, em quanto o General Vedel com hum novo bando de salteadores protegia a retaguarda a Dupont, guarnecendo os desfiladeiros da serra. 1808 Junho.

Se os Francezes caminhassem immediatamente sobre Sevilha, esta capital corria grande risco, e a propria Cadix, ainda mal convalescida dos tumultos populares, não estava segura; mas os attractivos de Cordova, as suas immensas riquezas, os despojos dos seus templos retardárão os passos ao inimigo. Foi Cordova para Dupont, o mesmo que em outro tempo Capua para Annibal: bre-

ve-

1808 Junho. vemente o veremos, qual outro Varro, em huma nova Cannas.

Tocou ao Marechal Bessieres fazer as suas correrias pelas provincias do norte, tendo ás suas ordens os Generaes Lassalle, e Merle. Lassalle marchava o primeiro sobre Palencia, quando chegou a Madrid a noticia do levantamento de Segovia, para onde consequentemente foi tambem destacado o General Frere. Palencia, e Segovia succumbem á viva força; mas Valhadolid, e toda a alta Castella pegão em armas, Logronho, Santander, todas as costas Cantabricas, e huma parte da Navarra estão em fogo.

Bessieres fórma em Burgos o ponto central das suas forças; mas estas são pequenas, para domar tantos póvos. Lassalle, e Merle marchão contra Valhadolid, onde os Francezes entrão a 12, depois de terem regado com o seu sangue as margens do Pisuerga em hum renhido combate. O mesmo Merle, e Ducos se encaminhárão depois para Santander, de que as suas tropas tomárão posse.

a 23. Erão torrentes, que derribavão facilmente os fracos diques, que lhes oppunhão multidões de povo indisciplinado, e pela maior parte sem chéfes, e mal armado, mas em passando, tornava tudo ao primeiro estado. Vio-se então, qual era o caracter de huma guerra nacional, e vê-se ainda hoje, que os Francezes não dominão na Hespanha, senão o terreno, que pizão. 1808 Junho.

E que fazião por este tempo os valerosos Aragonezes? commandados pelo seu intrepido Palafox murchavão as palmas do orgulhoso Lefebre, colhidas em outros campos, e davão á sua patria hum nome illustre, que a duração dos seculos nunca poderá escurecer. Destinado pelos usurpadores, para manter no jugo o reino de Aragão, e não se tendo atrevido a pôr os olhos na sua capital, Lefebre soube a 8 de junho em Noates, que Tudela tinha arvorado o estandarte de Fernando VII., e recebido armas, e alguns outros soccorros, que lhe enviára Palafox, debaixo do commando de seu irmão; que se havia

1808 Junho. via cortado a ponte, e que tudo se dispunha para a defeza. Elle marcha contra esta cidade, sem lhe dar tempo a organizar-se; passa o Ebro em barcas, e ainda que com bastante perda, consegue desalojar os Hespanhoes dos seus pontos.

Este successo o ensoberbeceo; mas as fadigas do combate o obrigárão a dar tres dias de descanço ás suas tropas, e os patriotas os aproveitárão, para se reunirem, e ameaçarem nova luta. A 12 Lefebre marcha sobre Malen, e a 13 descobre os Hespanhoes nas alturas, commandados por Palafox em pessoa. Elle os ataca, e corre muito sangue: a superioridade das suas forças obriga os Hespanhoes á huma retirada; mas não he senão para se entrincheirarem em Saragoça, nesta immortal cidade, que renovou desde então os dias famosos de Sagunto, e Numancia.

Cuidárão os Francezes, que os fracos muros da capital de Aragão (*) cahirião, como os de tantas outras

(*) Para maior realce da gloria de Saragoça deve saber-se, que estes muros não

tras cidades aos ataques da seducção, e da perfidia; mas enganárão-se. Hum soldado Hespanhol, que fora prisioneiro do inimigo, apresentou-se com huma carta para o governo de Saragoça, e com hum bom provimento de proclamações sediciosas, impressas na lingua do paiz. A carta foi outra vez mandada, sem se abrir, mas acompanhada de outra de Palafox, que fez conhecer aos Francezes, que estas armas erão inuteis contra hum povo, tão fiel, como valeroso, commandado por hum tal chéfe. Com tudo em Saragoça tambem houverão traidores. 1808 Junho.

Começárão as operações de sitio, e Lefebre foi reforçado pela divisão do General Verdier, em que entravão alguns dos infelices Portuguezes que o despotismo tinha arrancado á sua patria, para os transportar á França; mas ambos estes Generaes experimentárão por muitas vezes o valor dos braços Hespanhoes, já nas vigorosas sortidas dos defensores da ci-

erão mais que huns reparos, feitos muito á pressa de barro, e fachina.

1808 Junho. cidade, e já nos ataques, que fazia em varios pontos o Marquez do Lazan, digno irmão de Palafox, que movia os póvos do reino contra os Francezes, em quanto este defendia a capital.

O inimigo chegou a apossar-se dos suburbios, e a penetrar por algumas ruas. O posto importante do Torrero foi-lhe vendido pelo commandante da artilheria Hespanhola, que fez retirar a sua gente, e abandonar duas baterias no momento mais critico de huma acção; e em consequencia a cidade se vio exposta a hum bombardeamento terrivel, que fez della hum monte de ruinas. Por hum novo acto de traição, pegou fogo em hum armazem de polvora, que destruio muitas casas, e matou muita gente; mas nem estes desastres, nem as privações immensas de huma cidade sitiada fizerão desanimar os seus habitantes. Sustidos pelo seu valor, reconquistado o Torrero, e auxiliados por 7$\mathcal{D}$ Valencianos, que depois de terem desafrontado as margens do Xucar, e do

Gua-

Guadalaviar, corrêrão em soccorro dos seus irmãos do Ebro, não só se defendêrão; mas depois de hum sitio de dous mezes, em que os Francezes tiverão grandes perdas, libertárão em fim a capital, e quasi todo o reino. 1808 Junho.

CAPITULO IV.

Duhesme na Cataluña; tentativas, e revezes dos Francezes neste principado. Successos de Valencia; attentados do conego Calvo, e seu castigo. Moncey em Valencia, e Caulincourt em Cuenca.

DUhesme era o commandante do exercito Francez da Cataluña, composto de 14, ou 15 homens de todas as armas, e estando senhor das importantes praças de Barcelona, e Figueiras, das riquezas, e arsenaes immensos da primeira, tinha maiores recursos, para se manter no prin-

ci-

1808 Junho. cipado, do que os seus collegas nas provincias, que occupavão. Com tudo elle vio á roda de si levantarem-se os póvos, e fazerem a revolução, de que não pôde suspender os progressos.

Quiz assegurar-se da praça de Lerida, cuja posse lhe seria da maior importancia, não só pela sua fortaleza, mas tambem, porque lhe facilitaria a communicação com Lefebre, e com estas vistas a mandou occupar pelo regimento Hespanhol da Estremadura, munido para este fim com ordens do governo de Madrid; mas nem os habitantes de Lerida quizerão admittir o regimento nos seus muros, nem este praticar contra elles acto algum de violencia.

Então mesmo se negavão os de Manreza á estas requisições de Duhesme, e queimavão nas praças os iniquos decretos, e papeis officiaes de Bayona, e Madrid; Tortosa fazia o seu levantamento formal, e insurgião todos os póvos do principado, formando juntas, que reconhecião por suprema a de Lerida; esta-

be-

belecendo correspondencias com Saragoça, e Valencia; e dando providencias energicas, para hum armamento geral. Dentro dos muros da propria Barcelona houverão commoções, que infelizmente forão infructuosas para os seus habitantes, e seguidas da parte dos oppressores de actos de crueldade contra alguns dos que chamavão revoltosos. 1808 Junho.

Neste estado de cousas, e em conformidade com as insinuações de Murat, pôz Duhesme em movimento mais de ametade do seu exercito em duas columnas, huma de 4ϕ200 homens ás ordens do General Chabran, para se assenhorear de Tarragona, domar Tortosa, e cooperar depois contra Valencia, outra de 3ϕ800 ás ordens do General Schwartz, para subjugar Manreza, e Lerida, que erão os pontos, que se olhavão, como o foco da insurreição. (*)

Par-

(*) *Cabon. Hist. de las oper. del exercito de Catal. tom. I. cap. I.* tráz copiadas as instrucções secretas dadas por Duhesme aos Generaes Chabran, e Schwartz: dellas se vê,

1808 Junho. Partírão ambas a 4 de junho; mas a de Schwartz foi precedida de avisos secretos, que alguns bons Hespanhoes de Barcelona fizerão aos de Manreza, para se prevenirem. Houve hum rebate geral por estes contornos, de que os *somatenes* (correspondem ás nossas ordenanças) concorrêrão a disputar o passo aos inimigos sobre as alturas do Bruch, conduzidos por alguns soldados Hespanhoes, que tinhão escapado de Barcelona. A natureza auxiliou a boa causa, despedindo copiosas chuvas, que fizerão demorar os Francezes em Martorel todo o dia 5; e derão tempo aos *somatenes*, para se entrincheirarem entre penhascos, e arvoredos;

que o primeiro, logo que se apoderasse de Tarragona, devia deixar nesta praça 1(?) homens, incorporar na sua divisão o regimento Suisso de Wemptfen, que fazia a sua guarnição, e proseguir para Valencia, onde devia achar-se a 22, para cooperar com Moncey: que o segundo devia subjugar Manreza, fazer suas tentativas contra Lerida, impondo grandes contribuições nestas cidades, e marchar para Saragoça, a cooperar com Lefebre.

dos, e abrirem fossos na estrada, que cobrirão de ramagem. 1808 Junho.

Na madrugada de 6 continuou o inimigo a sua marcha. Huma avançada de cavallaria se precipitou no fosso, e a columna inteira vio repentinamente sobre si huma nuvem de balas despedidas d'entre os rochedos, que a puzerão em confusão. Combateo-se vigorosamente; mas a paizanagem, desalojada das suas posições, teve de retirar-se, e Schwartz teria provavelmente entrado em Manreza, se nesta retirada a carregasse com o mesmo vigor, com que a tinha atacado. Temendo novas emboscadas, não se atreveo a passar além de Casa-Masana; e entretanto concorrêrão os *somatenes* de alguns póvos mais distantes, que unidos aos primeiros, e animados com a irresolução do inimigo, cahírão sobre elle, tomárão-lhe huma aguia, e parte da sua artilheria, e o obrigárão a retirar-se em debandada, e com grande perda até dentro dos muros de Barcelona. Dizem alguns periodicos daquelle tempo, que os *somatenes* se servírão nes-

1808 Junho. nesta acção de canhões feitos de troncos de arvores. Foi a primeira na presente guerra, em que os Francezes forão vencidos na Hespanha: ella deo brado por toda a Cataluña, e desconcertou tanto os projectos do inimigo, que Duhesme se vio obrigado a expedir avisos a Chabran, para que se recolhesse a Barcelona com a sua columna.

Este General tinha marchado, sem opposição, até Tarragona, onde entrou no dia 7; e destacando 2000 homens para o seu ulterior destino, já estes não pudérão penetrar, vendo a cada passo cerrado o caminho pela paizanagem. Em consequencia das novas ordens, toda a columna se pôz em marcha para Barcelona a 9; mas encontrando a pouca distancia já levantados os póvos, tentou reentrar em Tarragona.

Já a este tempo os Tarragonezes se tinhão posto em pé de defeza, coroando de artilheria os seus muros, e enviando aos paizanos das povoações circumvisinhas armas, e munições, para se defenderem, e hum

of-

official, para os dirigir; o que pôz os Francezes na necessidade de abrirem caminho á viva força. Os *somatenes* os esperárão em Arbós, posto muito vantajoso por natureza, e fortificado com alguma artilheria. Elles o defendêrão briosamente, causando grande perda aos Francezes; mas em fim estes o forçárão, e forão buscar o abrigo de Barcelona; tendo queimado, saqueado, e commettido as mais cruéis atrocidades naquelles póvos. 1808 Junho.

Reunido por esta fórma o exercito Francez em Barcelona, e visinhanças do Llobregat, tentou Duhesme huma nova expedição contra Manreza, mais forte, que a primeira, de que entregou o commando a Chabran. Sahio a 13, para experimentar a 14 huma nova derrota no mesmo ponto de Bruch, onde Schwartz havia experimentado a primeira. (*)

Perdidas as esperanças de pene-

(*) Diz *Cabanes tom. I. cap.* 1º que os defensores de Bruch quizerão com razão pôr neste lugar a seguinte inscripção:

1808 Junho. trar por este lado a Manreza, voltou Duhesme as suas vistas contra Gerona, para onde marchou em pessoa a 17, com 7 batalhões, 5 esquadrões, e 8 peças de artilheria. Os paizanos do Vallés, e da costa de levante, instruidos do seu projecto, tinhão formado hum cordão na cordilheira de montes, que termina em Mongat, e fortificado com artilheria hum fraco castello, que está situado neste ponto; mas não o pudérão defender; e em consequencia entrárão os Francezes em Mongat, passárão a Mataró, e continuárão huma das marchas mais barbaras, e sanguinarias, que se tem visto, até Gerona, diante da qual forão assentar a 20 os seus arraiaes. Gerona teve de soffrer assaltos terriveis, de que não resultárão, senão louros para os seus de-

---

Caminante para aqui, *El que por todo pasó,*
Quel el Francez aqui *No pudo pasar de*
paró: *aqui.*

Victores Marengo, Austerlitz, et Jenæ
Hic victi fuerunt
Diebus VI. & XIV. junii anno 1808.

defensores, vergonha, e mortandade para os Francezes. 1808

Os paizanos do Ampurdão com algumas pequenas partidas de tropa, que havia em Rozas, punhão entretanto em aperto a guarnição de Figueiras, que era sómente de 400 homens, encerrados no castello de São Fernando, e faltos de provisões. Junho. Esta praça seria provavelmente restaurada, se o general Reille lhe não introduzisse a 3 de julho hum reforço de 3ⵔ homens, que póde ajuntar no Roussillon, e hum importante comboy de viveres, e munições. Julho.

Em muitas outras acções tiverão occasião de distinguir-se os bravos Ampurdanenses, commandados pelo célebre D. João Clarós; sendo huma dellas a gloriosa defeza de Rozas, contra huma columna inimiga, que sahio de Figueiras, com o intento de tomar aquella praça, de que as fortificações se achavão em hum estado deploravel. He aqui que hum paizano aprizionou o Principe de Salm-Kyrburg, (*) o mesmo, de

(*) *Caban. tom. I. cap. II.*

1808 Junho. que já fallei no *tom. II. cap. XXX.* desta obra. Outros ajuntamentos destes mesmos paizanos se adiantavão para o Roussillon, interceptando comboys, fazendo prizioneiros, e incommodando o inimigo por muitas maneiras.

Não me entranharei mais pelos successos particulares de Aragão, Cataluña, e outras provincias da Hespanha; porque o não permitte o meu plano: com especialidade os altos feitos de Saragoça, e Gerona pedem o ser transmittidos á posteridade por huma pena Hespanhola. (*) As forças dos Catalães não forão na verdade sufficientes, para expulsar o inimigo de todos os pontos fortes, que occupava no principado; mas em huma luta tão desigual, elles tem conservado o valor, e a dignidade, que os caracterizárão em todos os tempos.

(*) Tenho visto com prazer executada huma parte deste trabalho na obra citada nas notas precedentes, escrita pelo Tenente-coronel D. Francisco Xavier Cabanes, Ajudante Maior de Guardas Walonas, actualmente junto ao Marquez de la Romana.

pos. Povo immortal! Queira o ceo coroar com o mais feliz successo teus esforços pela salvação da tua patria, pela conservação, e independencia do governo de teu legitimo Soberano! 1808 Junho.

As horrorosas convulsões, a que Valencia se vio entregue, devem fixar por hum momento a nossa attenção. Hum malvado, tão hypocrita como Malagrida, tão sanguinario como Robespierre, fez desta generosa capital hum theatro de horrendos crimes, e teve este bello reino ás bordas do precipicio.

Os Valencianos fazião resoar os primeiros gritos da acclamação de Fernando VII., e os espiritos se achavão na maior effervescencia da sua raiva contra os Francezes, quando se apresentou ás portas de Valencia o célebre Conego de Santo Isidoro Balthazar Calvo, para introduzir nos seus muros a anarquia, a confusão, e a morte. Viera para este fim de Madrid, e tinha deixado vestigios manifestos do seu espirito intrigante, e orgulhoso em Cuenca, Chelva, Pedralva, e outras terras, por on-

1808 Junho. onde passára. Prégava aos póvos vingança, e odio eterno aos oppressores do Soberano, e da nação com huma vehemencia, que parecia sobrenatural; e os póvos o acreditárão. Apresentou-se á junta, tentando não menos, que o ser admittido entre os seus vogaes; e tratando a junta a sua pertenção ouzada com o desprezo, que merecia, declara-se o inimigo della, semeia destramente a discordia, e a intriga entre ella, e o povo, e projecta a sua ruina, como já havia projectado a do reino.

As intrigas de Calvo chegão a ser conhecidas; mas ao mesmo tempo que o seu credito perdia para com os cidadãos honrados, ganhava para com a populaça. Unem-se-lhe os malvados; e elle se vê rodeado de mais de quarenta assassinos, que não esperão, senão as suas ordens, para cravarem os punhaes.

Mais de 200 Francezes se achavão em custodia na cidadella de Valencia: a estes faz annunciar, que o povo se dispunha a assassinallos, e que só huma prompta fugida lhes

pó-

póde salvar as vidas; e em quanto os infelices se occupão em procurar os meios, o malvado assoalha a noticia de que os Francezes tinhão forçado a guarnição, e fugião, concitando por este modo o povo, para os assassinar. He assim que preparou os horrores da noite de 5 de junho, vespera do Espirito Santo, em Valencia, que se não igualou a de São Bartholomeu em Paris no número das victimas, porque as suas atrocidades tiverão hum theatro mais estreito, a excedeo talvez no furor encarniçado. 1808 Junho.

A junta, os magistrados, o capitão General, a força armada não tiverão poder bastante, para suspenderem a mortandade. Os cidadãos honrados, os clerigos, as communidades religiosas com crucifixos, imagens de Maria Santissima, e até com o Santissimo Sacramento nas mãos, não pudérão mover os barbaros á piedade: os Francezes desarmados cahião ás mãos dos ministros de Calvo, como cordeiros ao voraz dente de lobos esfaimados. No meio da confusão soão as vozes: *na junta*

ha

1808 Junho. *ha traidores ; estamos vendidos ; morrão todos ; acabe a junta* ; e como a cidadella estava em poder de inválidos , foi facil a Calvo o apoderar-se das baterias , e fez logo carregar canhões , e apontallos para a porta , e sobre a cidade.

Então elle se erige em unico commandante , insulta todas as Authoridades , pede dinheiro ao Intendente , manda ir á sua presença o Capitão General , hum dos mais zelosos em apaziguar os tumultos , e o ameaça de morte , se não cumprisse as suas ordens , officia audazmente ao Arcebispo , e aos empregados civis , e militares ; manda em fim como despotico , em nome de Fernando VII. , e com o titulo usurpado de Representante do povo.

Sua audacia tinha chegado ao cume : sua crueza estava mui longe de ser satisfeita. Soube , que existião ainda vivos na cidadella muitos Francezes , que os religiosos , e outras pessoas de piedade tinhão salvado ; e decretou na sua mente , que todos fossem assassinados. Para chegar ao fim des-

te

te abominavel projecto, os mandou transferir na manhã do dia 6 para as torres de Quarte; e com este pretexto os metteo no meio de huma populaça, ainda tumultuosa, que a meio caminho, junto á praça dos touros, renovou sobre elles a mortandade da noite precedente; podendo apenas os cidadãos honrados, que presenciárão esta scena, salvar alguns destes miseraveis, como a furto, das mãos dos assassinos. 1808 Junho.

Toda a cidade se cobrio de horror ao aspecto de taes barbaridades, e Calvo continuava tranquillo a expedir da cidadella as suas ordens. Achava-se então occupado em organizar huma nova junta, composta de vogaes escolhidos por elle, tendo declarado extincta a primeira; mas a Providencia quiz interromper o fio das suas maldades, deo valor, e firmeza aos membros da junta legitima, e elle mesmo cahio em fim no laço. Houve quem propôz, que o admittissem por Vogal, o que elle ao principio repugnou com altivez, não querendo admittir companheiros no exer-

1808 Junho. exercicio do poder, que usurpava; mas depois annuio, pensando sem dúvida, que em lugar de homens acharia automatos, que lhe servirião para os seus designios, e de que se desfaria em querendo.

Enganou-se; e quando menos o esperava, os vogaes da junta respondêrão aos seus insultos, fazendo na sua presença a declaração pública dos seus attentados, prendendo-o, e remettendo-o para a torre do Anjo na ilha de Mallorca, em quanto se lhe formou o processo. A parte sã do povo prevaleceo aos malvados, a virtude triunfou do crime, e Calvo veio expiar pelo garrote tantas atrocidades. O seu cadaver foi exposto na praça de S. Domingos em frente da cidadella com hum letreiro, que dizia: *por traidor á patria, e mandante de assassinatos.* A sentença foi proferida em junta plena, e passou com a unanimidade de 35 votos, abstendo-se de votar os ecclesiasticos, pelo seu caracter.

Em quanto Valencia era assim despedaçada com estas commoções in-

intestinas, Murat despachava o Marechal Moncey com hum corpo de 10$ homens, para cahir sobre este paiz pelo lado de Cuenca, contando com as operações combinadas dos Francezes da Catalunha pela parte do Ebro. As tropas Hespanholas de Murcia, e huma parte das de Valencia ajuntárão-se ao sul do Xucar, tendo a vanguarda em Chinchilla, e Albacete, o quartel-general em Almansa; porque ambos os reinos se vião ameaçados, em quanto ignoravão o caminho, que tomaria Moncey. Em fim a 21 de junho elle avançou ás escarpadas montanhas, que defendem a entrada do reino de Valencia, e os seus designios ficárão descobertos. 1808 Junho.

O passo era difficil, e os Francezes encontrárão huma porfiada resistencia nas Contreras, e nas Cabrillas; mas ainda que os poucos veteranos, que as defendião, enchêrão os seus deveres, tiverão de ceder á superioridade da força. Descendo ás planicies, os Francezes soffrêrão terceiro ataque; mas o terreno já permittia

1808 Junho. tia as evoluções da sua cavallaria, e as tropas Hespanholas, bizonhas, e inexpertas, pudérão apenas supportar as primeiras descargas.

A cidade de Valencia pois vio avisinhar-se o inimigo aos seus muros, para maior gloria dos seus defensores. A porta de Quarte, e a bateria de Santa Catharina, pontos muito proximos, forão os primeiros, que os Francezes atacárão a 28 pelo meio-dia. Chegárão a penetrar pela rua de Quarte, e abrio-se então a porta; mas pensando elles, que seria para se lhes dar entrada, se achárão com huma torrente de metralha de huma peça, que alli se havia collocado, a qual deixou hum claro espantoso nas suas fileiras. Seguio-se hum combate furioso, que durou mais de 7 horas, em que se chegou á arma branca, e forão por fim completamente rechaçados. Tendo experimentado igual successo pela porta de S. Vicente, para onde tinhão voltado a sua attenção desde as 5 horas, por ser a parte mais fraca da muralha, tiverão de retirar-se para entre Quarte,

te, e Misalta, onde Moncey tinha o seu quartel-general, defendido por huma forte bateria. 1808 Junho.

As tropas Hespanholas do Xucar fazião o seu movimento, cahia das montanhas a paizanagem, e Moncey, vendo-se ameaçado de todas as partes, e sem o apoio, que esperava da banda da Cataluña, foi obrigado a retirar-se com as reliquias do seu exercito mais depressa, do que tinha vindo. O illustre General Caro, digno irmão do illustre Marquez de la Romana, teve huma grande parte na defeza de Valencia: seu nome, e o de toda a sua familia devem passar com honra á posteridade. O Capitão-general fez-se crédor ao reino, e á nação de hum eterno reconhecimento, pelos seus importantes serviços, valor, e patriotismo.

A provincia de Cuenca tinha levantado o estandarte de Fernando VII., logo que Moncey deixára as suas montanhas: Caulincourt foi tomar satisfação por esta pertendida affronta, assolando a provincia, e entregando a cidade ao saque. O roubo

1808 Junho. bo foi o menor dos attentados desta nova quadrilha; a expoliação dos templos a mais pequena das suas impiedades: chegárão estes monstros a manchar com excremento humano os fragmentos dispersos das santas imagens, que havião despedaçado.

A seu tempo continuarei com os successos da Hespanha: agora voltarei os olhos sobre os de Portugal, que começão a ser da maior importancia.

Eu ouço ainda o estrondo do canhão inimigo, o exercito de Massena, que ameaçava conquistar em poucos dias a capital, e o reino, dista apenas cinco leguas do lugar da minha existencia; mas eu continuarei tranquillamente o meu assumpto. A energia, com que os Governadores do reino põem em movimento todos os recursos da nação, o valor, e a disciplina do exercito combinado, o furor, e a raiva, que animão os Portuguezes contra os depredadores da sua patria, e o genio sublime dos Generaes illustres, que jurárão defender-nos, oppõe muralhas de bronze

a esta nova invasão. O vencedor do Vimeiro, do Douro, de Talavera, e do Bussaco, o homem grande, que duas vezes tem salvado Portugal, auxiliado pelos robustos guerreiros, que o acompanhão, o salvará terceira (eu o espero) do jugo tyrannico, que vinhão impôr-lhe estes bebedores de sangue. 1808 Junho.

Não me he dado discorrer pelo futuro, que não apresenta aos mortaes senão sombras; e ainda que pela combinação do presente, e do passado podem arriscar-se algumas conjecturas, como historiador devo nellas ser comedido. Serão desvarios de imaginação ... mas se a estrella de Welington continúa a ser propicia, que importantes não serão os resultados! Desde a guerra de Pharsalia ainda se não discutírão tão grandes interesses pelas armas, e á gloria de Cesar ajuntará Welington a de proteger huma causa mais justa. Welington, immortal Welington! Desses Generaes famosos, que em nossos dias tem feito tremer a Europa, huns já se humilhárão a teus pés,

1808 Junho. pés, outros tem aprendido a respeitar o teu nome: prosegue na carreira dos teus triunfos, e o proprio Napoleão não está seguro no throno, que usurpa! Queira o ceo ouvir os meus votos: possa a humanidade reconhecida ajuntar hum dia aos mais titulos, que te hão grangeado as tuas acções brilhantes, o de Restaurador da Europa!

CAPITULO V.

Situação, e conducta das tropas Hespanholas em Portugal, desde os principios da revolução. Operações de Kelerman em Elvas, e suas inuteis tentativas contra Badajoz.

Ainda que os Francezes de Portugal continuavão no seu systema (que cada vez se lhes fazia mais necessario) de encobrir, inverter, e desfigurar os successos da Hespanha, foi-lhes absolutamente impossivel occul-

cultar huma revolução, que rompendo com o estrondo do trovão, produzia os estragos do raio. Na parte do exercito Hespanhol, que ainda estava ás ordens de Junot, havião officiaes, que seguião o partido de Godoy, de quem erão creaturas; e por consequencia o dos tyrannos da sua patria; mas a parte sá, e geralmente os soldados bramião de raiva, vendo-se obrigados a obedecer áquelles, de que desejavão verter o sangue, e a serem os proprios, que ajudavão a sustentar o despotismo, que os esmagava. 1808 Junho.

Já vimos a innutil tentativa, que se fizera desde os principios de maio, para os salvar, ou tirar delles o melhor partido; depois disso elles ficárão sendo o objecto de grandes cuidados para as novas authoridades, que se forão organizando na Hespanha, e igualmente para Napoleão, e seus delegados. A inquietação, que causavão a Junot, tambem a temos visto; e he talvez em consequencia das representações deste General, que seu amo lhe tinha dado ordem, para

1808 Junho. conservar sómente 4ⅅ Hespanhoes na cidade do Porto, e despedir o resto; o que elle assim praticava, mandando retirar para Galliza as tropas, que ainda restavão da divisão Taranco, e tambem, por insinuações de Murat, os dragões dos regimentos de *la Reina*, e *Montezo*, que fazião huns 400 homens, e 500 cavallos, posto que pertencentes á divisão Carraffa. Foi pois sómente esta divisão incompleta a que ficou em Portugal, e tão dispersa, que della se achavão apenas reunidos huns 3ⅅ500 homens no Porto, e os mais em destacamentos por Lisboa, Mafra, Santarem, Setubal, Cezimbra, e outros lugares.

Assim dispersos, e affastados dos seus lares, e sem o apoio dos seus Generaes, obrou nelles o patriotismo, que lhes inspiravão os gritos da sua patria agonizante. Erão contínuas as desordens entre elles, e os Francezes, e a deserção foi immensa, principalmente dos que estavão em Setubal, e outros pontos além do Téjo, d'onde lhes era mais facil a evasão

pa-

para Hespanha. De huma só vez desertárão daquelles sitios 130 voluntarios de Valencia com a sua bandeira; seguindo-os com força maior o General Graindorge, e dando se ordem á columna, que marchava sobre Elvas, que os perseguisse, tudo foi innutil. Ao exemplo destes, o regimento de Murcia se revoltou contra o seu proprio Coronel, que pertendeo detello. Encontrou no caminho hum destacamento Francez, e resultou do encontro virem parar a Lisboá varios cavallos sem cavalleiros, arreios sem cavallos, barretinas sem cabeças, mochilas, espadas retorcidas, e outros despojos, que o povo vio com extrema alegria desembarcar no terreiro do paço. Fugio quasi inteiro hum esquadrão de Maria Luiza, e erão infinitos os soldados, que escapavão avulsos. 1808 Junho.

Então mesmo foi Junot informado por Kellerman da revolução de Badajoz, e pensando poder ainda obstar-lhe, expedio o seu Ajudante d'ordens Gransaigne a este General, com a determinação positiva de que

1808 Junho. se puzesse á frente das tropas do seu commando, e fosse castigar os *insurgentes* este era o nome, que costumava dar aos illustres patriotas, que procuravão sacudir o jugo) permanecendo em Badajoz até segunda ordem. Kellerman foi mais prudente, temendo ser elle mesmo atacado em Elvas pelos Hespanhoes, de que ignorava as forças; e que em meros ajuntamentos de povo indisciplinado, e muito pouca tropa, fazião correrias até á vista desta praça, interceptavão-lhe os viveres, e o punhão em grande aperto, embaraçando-lhe o uso dos moinhos do Guadiana. Elle pois se limitava a medidas de defeza; e para se conhecer o seu sobresalto, basta ler-se a ordem do dia, que fez publicar no 1.º de junho, na qual como timido, e cobarde exhortava os habitantes d'Elvas a que tomassem as necessarias precauções, para livrarem de hum saque a primeira, e mais importante praça de Portugal, concluindo desta maneira: *Em consequencia o General de divisão* (elle Kellerman) *Commandante General da*

1808 Junho.

da provincia ordena, que os habitantes d'Elvas serão chamados para a defeza da sua patria. As companhias de ordenanças serão organizadas, para serem empregadas na guarda da cidade, logo que as circumstancias o exigirem. Ellas estarão debaixo das ordens do senhor General Miranda (o Marechal de campo, hoje Tenente-General Antonio José de Miranda Henriquez) *que fará as suas disposições preparatorias com o senhor Commandante d'armas, e Capitães d'ordenanças, para lhes assinallar os pontos, que devem occupar.* (*) Tal he o susto, em que se achava Kellerman, tal o homem, a que se encarregava a conquista de Badajoz!

Ao mesmo tempo que Kellerman dava estas providencias em Elvas, escrevia tambem á junta de Badajoz huma carta cheia de promessas aos Extremenhos, se reentrassem na ordem, e de tristes representações de fu-

(*) Esta ordem póde ver-se inteira na *Observ. Portug. pag.* 285.

1808 Junho. futuro, se persistissem na que chamava revolta. Os *insurgentes* tiverão a nobre altivez de despedirem o portador, sem resposta.

No dia 4 chegou Gransaigne a Elvas, levando além das ordens, que já referi, amplos poderes, para negociar com Extremenhos, e lhes perdoar, se se humilhassem. No dia seguinte passou a Badajoz com outra carta de Kellerman ao Commandante geral, e Representantes da Extremadura pelo mesmo gosto da primeira; porém mais extensa, e cheia de reflexões sobre o poder immenso do seu homem extraordinario (Napoleão) trazendo-lhes á lembrança as desordens, que occasionára a revolução de França, e declamando contra os *revoltosos*, que o erão, dizia elle, porque os Principes da casa de Bourbon tinhão renunciado os seus direitos sobre a Hespanha; mas concluia, como na primeira, que ainda era tempo de obterem o perdão, porque a espada não estava desembainhada. Perdeo Kellerman mais esta folha de papel, e Gransaigne as suas pas-

sadas ; porque os *revoltosos* ainda persistirão na descortezia de não responderem. Kellerman se enfureceo ; mas Gransaigne o moderou, resultando desta conferencia o tratarem sómente de tomar medidas, para que os Portuguezes não imitassem o exemplo dos Hespanhoes. 1808 Junho.

Póde contar-se no número destas hum *Te Deum* solemne, que immediatamente fizerão celebrar na Sé d'Elvas com assistencia do clero, camara, corpo militar, nobreza, e povo em acção de graças, pelos inculcados beneficios, que a nação Portugueza ia receber de Napoleão, segundo as promessas feitas á nossa chamada deputação. He da mesma natureza huma longa pastoral, datada do mesmo dia 5 em nome do Provisor, que governava a diocese por ausencia do Bispo, em que se expressavão os mais vivos testemunhos de admiração, para com o grande Imperador, de prazer, e gratidão pelas bondades, que acabava de praticar para com os Portuguezes, e se exhortavão os póvos ao soccego, e obedien-

1808 Junho. diencia. Era esta huma das armas, que sempre tinhão promptas estes usurpadores hypocritas, quando tratavão de conter hum povo, que chamavão fanatico, por ter religião.

Passados os primeiros movimentos de cólera ainda Kellerman se tornou ás boas com os Extremenhos. Que tal era o seu empenho em convertellos! A 7 escreveo terceira carta, não já ao General, nem á junta, mas aos cidadãos de Badajoz, e póvos da Extremadura, em que lhes dizia: que tinha esgotado todos os meios de conciliação, feito conhecer aos seus chéfes civís, e militares as suas disposições amigaveis, e lhes havia jurado, que já mais se lembraria de quanto havia passado: que suspendia todas as hostilidades, até que elles fossem mais bem illuminados, e instruidos; e propunha aos seus chéfes huma conferencia, a fim de se poderem entender, e para isso chamava os deputados do povo, e lhes assinava o lugar do Caya no dia seguinte 8 de junho pelas 4 horas da tarde: que se elles recuzassem esta com-

comparencia, lhes declarava, que toda a communicação estava acabada; que os não podia mais olhar, e tratar, senão como inimigos; e os faria responsaveis, por todos os males, que ião cahir sobre elles, e com huma palavra se podião evitar. 1808 Junho.

Kellerman não faltou da sua parte, pondo-se a caminho para o lugar aprazado, e á hora competente, acompanhado do Coronel Gransaigne, e de hum luzido corpo de dragões Francezes, de que deixou a maior parte quasi a meia distancia no sitio do marco, levando 40 cavallos até o porto, e ahi lhes mandou fazer alto passando sómente para a outra banda do rio elle, Gransaigne, e hum Ajudante d'ordens. Qual não foi o seu espanto, e a sua cólera, quando a guarda do mesmo porto, que seria de huns 50 infantes, lhes embargou o passo, e lhes certificou, que de Badajoz ninguem lhes vinha fallar! O seu coração se fez todo em fel, e elle voltou para Elvas, ameaçando fazer de Badajoz hum monte de ruinas.

Pas-

1808 Junho. Passou então a ordenar ao Coronel Miquel, que apromptasse a praça, e seus fortes para a defensiva, e ordenasse corpos para a offensiva; e a conferenciar com o General Avril, e com o Coronel d'Abbeville, sobre os planos de ataque contra Badajoz; prohibindo severamente a entrada dos Hespanhoes em Elvas, examinando os fundos, que existião nos cofres públicos, e fornecendo de tropa os fortes de la Lippe, e de Santa Luzia. Os Hespanhoes pela sua parte principiavão a formar o seu campo junto ao forte de S. Christovão, tendo a Kellerman em continúo susto, figurando-lhe maior número de tropas, do que na verdade tinhão, e ameaçando-o todos os dias com mostras de quererem atacallo.

Com effeito a força militar crescia rapidamente em Badajoz, pela incançavel actividade do general D. José Galluzo, de acordo com a junta. Contavão-se já alguns milhares de Hespanhoes promptos, e armados, e formava-se huma legião de voluntarios estrangeiros, de que se deo

deo o commando a Moretti, composta quasi toda de Portuguezes, que alli corrião a alistar-se, e especialmente dos artelheiros d'Elvas, e de hum depozito de alguns centenares de soldados nossos, que os Francezes tinhão ajuntado nesta praça dos despojos do exercito Portuguez. Todos os cadetes, cabos, sargentos, e officiaes Portuguezes erão gratificados com hum posto de accesso, por ordem da junta, o que concorreo muito para augmentar a sua affluencia, por mais severas que fossem as medidas, que tomava Kellerman, para evitar a emigração.

1808. Junho.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO VI.

O espirito da revolução faz progressos em Portugal. Prizão dos Francezes no Porto; congresso convocado por Bellesta, em que fica decidido o restabelecimento do governo do legitimo Soberano.

NÃo era sómente por Badajoz, que os Hespanhoes convidavão os Portuguezes, a pegar em armas contra os usurpadores, era por todos os pontos de contacto das duas monarquias, isto he, por toda a extensão das nossas fronteiras; e como a nação se achava com as melhores disposições, o espirito da revolução fazia progressos rapidos. Erão sementes bem granadas, que se lançavão em huma terra fertil; mas que hum braço malfazejo não cessava de revolver, para destruir a germinação.

Ellas brotárão primeiro nas provincias do norte, do que nas outras

do

do reino; porque alli obrava menos o braço inimigo. A' excepção da guarnição de Almeida, reforçada com a columna de Loison, que se achava nesta praça, e suas immediações, não havia mais tropa Franceza na Beira, Tras-os-montes, e Entre-Douro, e Minho, que as pequenas brigadas, que guarnecião a estrada militar, huma fraca guarnição na Figueira, e hum destacamento de cousa de 50 homens em Coimbra. E he com tão limitadas forças, que os usurpadores querião sustentar o seu violento, e aborrecido imperio sobre mais de ametade de Portugal! Transmontanos, Interamnenses, Beirões! Em outro tempo vós fostes os ultimos, que curvastes o pescoço ao jugo dos Romanos, tendo destruido as suas legiões agguerridas, e abatido a vaidade dos seus maiores Generaes: fostes depois os primeiros em sacudir o jugo dos Sarracenos; tambem o sois agora em despedaçar as novas aguias usurpadoras!

1808 Junho.

Junot conhecia bem o seu fraco; mas não podia acudir-lhe senão com pa-

1808 Junho. palavras, vendo-se obrigado a conservar huma força consideravel nos pontos de Peniche, e Setubal, para obstar a alguma tentativa dos Inglezes, nas importantes praças de Elvas, e Almeida, para fazer cara aos Hespanhoes, e ter ao menos estes pontos de apoio contra os movimentos intestinos: a sua mesma timidez o obrigava a concentrar o resto das suas forças em Lisboa, e lugares comarcãos; de forma que em caso de precisão as pudesse reunir junto a si. Em lugar de tropas, elle não cessava de enviar ás provincias, auxiliado pelos efficazes serviços de Lagarde, gazetas, proclamações, cartas, emissarios; e erão estas as armas, com que as pertendia manter tranquillas. De vez em quando recorria a triunfos imaginarios dos Francezes na Hespanha, e chamava em seu soccorro poderosos exercitos, só existentes na sua imaginação, como por exemplo o dos 60 invisiveis, commandados pelo invisivel Marechal Lannes, que fez transportar ás fronteiras da Hespanha na gazeta de 10 de junho.

O

O General Francez Quesnel achava-se encarregado por Junot do governo do Porto, ficando ás suas ordens o General Bellesta com a tropa do seu commando. Havia tambem na cidade setenta e tantos dragões, e varios empregados civís, e militares, todos Francezes, e nada mais; de fórma que a propria guarda de Quesnel era Hespanhola. He facil de imaginar o embaraço de Quesnel, e dos seus Francezes, vendo-se rodeados de perigos, que se avisinhavão, á medida que a revolução da Hespanha tomava maior calor. Elles espião cuidadosamente os movimentos da Galliza, e recebendo no dia 6 de junho noticias, que os puzerão em agonias, quizerão ver, se ainda lhes valia desta vez a voz dos ministros da religião. 1808 Junho.

Celebrava-se nesse dia a festa das justiças na igreja de S. Domingos, e achando-se ahi com os mais ministros o Corregedor do comarca, e o Juiz do crime, recebérão ordem do Corregedor mór Taboreau, para lhe irem fallar. Forão, e Taboreau lhes

1808 Junho.

lhes representou em ar de suplicante, que tinhão vindo más noticias de Galliza, e que bem sabião elles quanto podião para com os póvos as authoridades ecclesiasticas; que por tanto fossem persuadir ao Bispo, e mais superiores ecclesiasticos, que fizessem prégar obediencia e submissão, e usassem do seu ascendente, para que os mesmos póvos se conservassem tranquillos. Obedecêrão os ministros, e em quanto o Corregedor se encaminhava ao palacio episcopal com esta missão, e o Juiz do crime ao Prior dos carmelitas, rompe a explozão. O Juiz estava dando o seu recado ao Prior, quando hum seu official corre a dizer-lhe, que Quesnel estava prezo. Elle marcha apressadamente ao quartel deste Governador, e já lhe não póde fallar: os Hespanhoes o tinhão prendido, e aos mais Francezes, á excepção de alguns, que pudérão fugir, sendo deste número o delegado da policia Perron, hum daquelles, a quem os Portuenses mais abominavão, pelas vexações, e extorsões, que tinha pra-

ti-

ticado com abuso do seu cargo. Este mesmo foi depois prezo pelos paizanos das provincias. A prizão dos Francezes causou hum alvoroço geral em toda a cidade, e a revolução ficaria consummada desde este dia, se o negocio se deixasse entregue ao povo. 1808 Junho.

Dado este passo, resolveo Bellesta fazer hum congresso, composto das principaes authoridades Portuguezas, convocando para elle a camara, varios officiaes militares de maior patente, e ordenando ao Chanceller, que avisasse seis Desembargadores da Relação, de quem fizesse maior conceito. O Chanceller, que tinha dado parte de doente, transmittio o aviso ao Desembargador Estanisláo José Brandão, que fazia as suas vezes, mas quando este o recebeo foi já depois da hora aprazada para o congresso; sendo tão apertada a ordem, que se determinava, que todos fossem de cazacas, ou como se achassem. Brandão pois não teve mais tempo, que o de tomar hum dos lugares para si, e andarem elle mesmo,

1808 Junho. e outros de seu mandado, convocando os Desembargadores, que apparecêrão, para preencherem os cinco restantes.

Celebrou-se pois o congresso já depois da noite perante Bellesta, e seu Auditor de guerra, e assistirão a elle as pessoas seguintes: o Brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa; os Desembargadores Estanisláo José Brandão, João de Carvalho Martens da Silva Ferrão, Victorino José Cerveira Botelho do Amaral, João Bernardo Cardoso, Francisco Sabino Alvares da Costa Pinto, e Antonio Pedro de Alcantara Sá Lopes; o Juiz de fóra Luiz Barboza e Mendonça; os vereadores Bernardo de Mello Vieira da Silva e Menezes, e Thomás da Silva Ferras; o Procurador da cidade Manoel Felix Correa Maia; o Sargento-mór Raymundo José Pinheiro, e o Tenente Luiz Paulino.

Levantou Bellesta a voz, e expondo as circumstancias occurrentes, perguntou a todos em geral, se querião ficar com o governo Portuguez, se com o Hespanhol, ou com o Francez,

cez, dando ao mesmo tempo a entender, que Junot deveria ter sido preso em Lisboa, como Quesnel, e os seus o tinhão sido no Porto. (*) O Vereador Thomás da Silva Ferras foi o primeiro, que respondeo com enthusiasmo, que elle, a camara, e a cidade nada mais desejavão, que o suspirado governo do nosso legitimo Soberano; requerendo por tanto, que fosse logo restabelecido, e descobertas as Armas Reaes. O Desembargador Ferrão adiantou-se a fallar, dizendo entre outras cousas, que a Relação não devia figurar naquelle acto; porque não tinha representação por parte do povo, e sómente lhe com-

1808 Junho.

(*) Este facto apoia huma voz, que correo pública, e geralmente, de que não affianço, nem impugno a verdade. Disse-se, que os Hespanhoes do Porto enviárão hum emissario a Carraffa, para fazer prender os Francezes em Lisboa. O projecto não cabia, por certo, nas forças de Carraffa; mas a sua falta de execução não deixou de lhe grangear a opinião de traidor: opinião, que mais se ratificou, quando se vio o desarmamento das tropas Hespanholas, que se suppozerão entregues por elle.

1808 Junho. petia sentenciar as causas ; que não tinhão armas , nem meios de resistir a hum inimigo tão terrivel ; e que por isso seria melhor esperar-se a noticia do acontecido com Junot em Lisboa.

Foi muito mal recebida esta sua opposição pela maior parte dos assistentes , e pelo proprio Bellesta ; mas com especialidade por Ferras , que levantou contra elle hum grande reboliço : o que fazendo-se público , foi causa de que o povo jámais perdoou a Ferrão este excesso de circunspecção ou de timidez , que foi caracterizado de traição nos primeiros movimentos deste povo irritado. A sua vida esteve em perigo , e talvez deve o ser salva á prudencia do Bispo do Porto (hoje Patriarca eleito de Lisboa , e hum dos Governadores do reino) que para este fim o mandou aggregado ao Visconde de Balsemão na mensagem a Inglaterra , de que adiante fallarei ; e em Inglaterra ficou , sem mais se attrever a voltar ao reino.

Ficou pois decidido o restabeleci-

cimento do governo legitimo, e disso principiou a lavrar-se hum auto; insistindo porém alguns dos do congresso, em que devião lavrar-se dois identicos, hum para os Hespanhoes levarem, outro para ficar, decidio Bellesta, que era desnecessaria esta solemnidade, e dispensou com o auto. 1808 Junho.

CAPITULO VII.

A bandeira nacional he arvorada na fortaleza de S. João da fós; heroismo, e trabalhos de Raymundo. Os Hespanhoes se retirão com os seus prisioneiros, e fica ainda suffocada a revolução.

ESta resolução, que a noite tinha coberto com o seu véo, foi manifestada ao público com estrondo na manhã seguinte. Desfeito o congresso, Raymundo partio logo para a fortaleza de S. João da fós, por ordem de Bellesta, para que a governas-

1808 Junho. nasse interinamente, por ser a sua patente a maior da guarnição, em falta do Governador proprietario D. Francisco d'Alencastre, que se tinha ausentado para Lisboa, logo que entrárão os Hespanhoes no Porto, e obtido a sua demissão. Convocou nessa mesma noite o seu estado maior, e os officiaes das companhias fixas da guarnição da mesma fortaleza; e propondo-lhes o que premeditava obrar, em consequencia do que se havia resolvido no congresso, hum só não houve, que, sem hesitar, não approvasse tão nobres sentimentos, e se não puzesse logo prompto para a execução. Foi o primeiro passo, que derão, a prestação do juramento nas mãos do Capellão da fortaleza, de que se lavrou o seguinte

Termo.

Aos 7 dias do mez de junho de 1808 *de madrugada, nesta fortaleza de S. João da fós, onde eu o Padre José Barbosa Pereira Capellão da mesma fui chamado com os*

mais

mais membros da mesma fortaleza abaixo assinados pelo illustrissimo Major Governador Raymundo José Pinheiro; e por elle foi dito, que tendo sido prezos os Francezes, que estavão no Porto, era justo, que na fortaleza se arvorasse a Real bandeira, e se acclamasse o nosso augusto, e legitimo Soberano, o Serenissimo Senhor D. João Principe Regente; ao que todos unanime, e promptamente respondemos, que estimavamos, e approvavamos a sua proposição, que sempre estes tinhão sido os nossos sentimentos, e que sómente esperavamos opportunidade, pois que o tyranno era por nós detestado como inimigo da religião, dos Soberanos, e dos direitos mais sagrados, e sendo então por elle dito Major acclamado o mesmo Real Senhor, a que todos respondemos com repetidos vivas, e acclamações, me mandou deferir a todos o juramento dos santos evangelhos, e mo deferio tambem a mim, debaixo do qual todos nos obrigamos a defender a religião, 1808 Junho.

os

1808 Junho. *os direitos do nosso legitimo, e amavel Soberano, e a independencia da nação contra o usurpador, e a promover, e animar o povo, dispondo-o a tomar parte nesta importante empreza, mandando-me depois fazer, como fiz, á guarnição huma dissertação, em que a exhortei a cumprir inviolavelmente hum tão sagrado dever, para o que me mandou fazer este termo, que assinei com elle sobredito Major, e com os mais juramentados.* = *O Padre José Barbosa Pereira Capellão* = *Raymundo José Pinheiro, Major graduado e Governador,* = *José Antonio de Sousa Cardoso, Capitão* = *José Lucas do Sobral, Tenente commandante da guarnição d'artilheria do regimento nº. 4º. destacado na dita fortaleza.* = *Francisco José de S. Payo, 2º. Tenente* = *Manoel José da Silva Monteiro, Almoxarife da dita fortaleza* = *João Baptista da Pena, Sargento* = *Sebastião de S. Payo e Mello, Sargento da fortaleza.* =

Invocárão depois o auxilio da Virgem

gem Santissima do Rosario, Padroeira da fortaleza, e lhe dedicárão aquelle dia, em nome de S. A. R. com o voto de huma solemne festividade annual, para perpetuar a memoria de huma tão justa empreza, se ella a felicitasse. Raymundo officiou ao mesmo tempo para os castellos do Queijo, e de Matozinhos, a fim de tomarem a mesma resolução. 1808 Junho.

Apenas apontou o sol sobre o horizonte, a bandeira Portugueza he arvorada em S. João da fós, e firmada por huma salva Real, repiques de sinos, e fogo do ar. Respondêrão os castellos do Queijo, e de Matozinhos, e despertárão nos corações dos Portuenses os doces transportes da mais pura alegria, que delles tinhão sido banidos por mais de seis mezes de duro cativeiro. O ar se sentio atroado com altos vivas ao Principe Regente, e a toda a Real Familia, e jámais os presentes tinhão visto amanhecer hum dia tão bello; mas o seu prazer foi de mui curta duração. A magnifica obra da nossa restauração, começada com auspicios

tão

1808 Junho. tão lisongeiros, foi ainda destruida pela cobardia de alguns daquelles, que deverião ser os primeiros em arriscarem as suas vidas por hum Soberano, e por huma patria, que os tinhão collocado em huma ordem destincta, e enchido de favores; que havião posto nelles a sua confiança: temérão, vacillárão, retrocedérão. Os Hespanhoes partírão logo para Galliza, conduzindo á Coruña os seus prisioneiros feitos no Porto, e alguns outros, que forão tomando no seu caminho, e deixando entregue o destino da cidade, e de toda a provincia nas froxas mãos, que assumirão o governo. Bellesta deixou huma carta sua em poder da camara com sobrescrito para Junot.

Bordejava junto á fós do Douro o brigue de guerra Inglez, o eclipse, e causando expectação ao seu commandante a novidade, que observava nas fortalezas, aproximou-se á terra: Raymundo lhe fez sinal, mandou-lhe huma mensagem pelo Piloto-mór, e foi depois elle mesmo em pessoa darlhe parte dos successos, e convidallo

lo a entrar no porto. O commandante mandou logo embandeirar o brigue, e dar huma salva, e despachou hum commissario, que desembarcou na fortaleza, e foi remettido por Raymundo ao Governador das armas, Luiz de Oliveira da Costa, aquelle mesmo, que assistíra ao congresso da noite precedente, e tinha approvado a resolução, que nelle se tomára. Servia interinamente este posto; por se achar vago, por morte do precedente Governador o Barão de Villa-pouca, e ausencia de Bernardim Freire d'Andrade, que S. A. R. tinha nomeado, para lhe succeder, e ser elle o official militar de maior graduação, que se achava presente. 1808 Junho.

O commissario Inglez voltou bem depressa, e a seguinte carta, que entregou a Raymundo, mostra o acolhimento, que lhe fez o Governador, e o apreço, que deo á sua commissão.

Carta.

Fallando-me o commandante do brigue Inglez eclipse, em convi-

te,

1808 Junho. *te, que refere se lhe fizera, he preciso, que V. m. me diga sem demora, se fez algum convite ao mesmo commandante; pois que me põe em confusão esta palavra, estando eu inteiramente ignorando semelhante acontecimento. Deos guarde a V. m. Quartel-general do Porto 7 de junho de* 1808. = *Luiz d'Oliveira, Brigadeiro, Governador interino das tropas* = *Senhor Raymundo José Pinheiro.* = (*)

A resposta a esta carta, tal, qual se publicou em differentes cópias particulares, (**) he muito notavel, até pelo pouco alinho das suas expressões, que bem mostrão ser de hum homem mais valente, do que letrado. Res-

(*) Acha-se esta carta por certidão a folh. 85. dos autos de livramento de huma culpa, que se formou por factos posteriores ao mesmo Raymundo, e de que a final se julgou purificado no juizo da Correição do crime da corte, escrivão Antonio Rafael Raymundo da Silva.

(**) De huma destas cópias se acha huma pública fórma nos mesmos autos, seguidamente á carta precedente.

Resposta. 1808 Junho.

Pergunta-me V. S.ª no seu officio de 7 do corrente, se fiz desta fortaleza algum convite ao commandante do brigue Inglez eclipse, e que o dito convite o póz em confusão, e que lhe diga eu, se fiz algum convite ou não; pois que V. S.ª estava inteiramente alheio. Sou obrigado a dizer a V. S.ª que se V. S.ª está alheio no que no dia de hontem jurou o governo de S. A. R. que eu o não estou, e que com toda o mesmo governo, e guarnição acclamamos o novo governo do meu adorado Principe, e que convidei o dito commandante, para me dar todo o anxilio em nome do meu Principe; que lhe franquiei este porto; e que se houver quem mo dispute, eu lhe farei ver o quanto póde o nome do mesmo Real Senhor: o que posso dizer a V. S.ª, e que este porto está franco para os Inglezes. Fortaleza de S. João da fós 7 de junho de 1808. = Raymundo José Pi-

1808 Junho. *Pinheiro, Major graduado, e Governador.*

Foi o resultado ver-se o commandante do brigue na necessidade de se fazer outra vez ao largo na madrugada seguinte, e ficar a cidade obedecendo ao governo Francez, ao mesmo tempo que na fortaleza de S. João da fós se sustentava o nome do Principe Regente, com unanime consenso de toda a guarnição, e se conservava arvorada a bandeira Portugueza, pela constancia de Raymundo. Mr. Villiers, sendo Ministro de S. M. B. em Portugal, lhe enviou em memoria desta acção o lisongeiro presente de huma bela espada, que tem esculpidas na folha as Armas de Portugal, e as da Gram-Bretanha, com hum distico proprio; acompanhado este presente com o seguinte recado por escrito.

Recado.

Ao Senhor Tenente-Coronel (os Governadores do reino o tinhão promovido a este posto) *Raymundo faz seus cumprimentos o Senhor Villiers;*

liers; *e pede-lhe o favor de querer acceitar esta espada, ainda que de pouco valor, em lembrança d'elle ter levantado o estandarte do Principe Regente, e da consideração, em que o Senhor Villiers tem o seu zelo, e lealdade. Junqueira* 10 *de abril de* 1809. (*) 1808 Junho.

Na ponte d'alfandega tambem hum filho do patrão mór da ribeira arvorou a bandeira Portugueza; mas foi por este facto mandado prender. A 8, não só se conservou a bandeira na fortaleza, mas os vereadores Bernardo de Mello, e Thomás da Silva Ferraz a desenrolárão sobre o mar no barco da visita da saude. Não houve mais novidade, até 9 ao meio-dia, em que o Tenente-Coronel Manoel Ribeiro de Araujo se appresentou na fortaleza com hum prégo de Luiz de Oliveira para Raymundo, com ordem para se abrir em presença da guarnição. Assim se praticou, e continha

o

(*) Acha-se por certidão nos autos já citados a folh. 97, e foi publicado na gazeta de Lisboa de 26 de maio de 1809.

1808 Junho. o prégo huma nomeação do mesmo portador, que a conduzíra, para Governador da fortaleza, feita por Oliveira; e á vista della Raymundo se voltou para o novo provido, e lhe disse, que desde já lhe entregava o governo, se era para o exercitar em nome do Principe Regente; que se porém era, para seguir a voz dos Francezes, podia voltar, por onde viera; pois dentro daquelle recincto não consentiria, que se desse outro nome, que o do legitimo Soberano, e se não daria hum tiro contra os Inglezes, porque erão os nossos fiéis alliados.

Vendo Araujo esta deliberação, que foi adoptada, e aplaudida por toda a guarnição, sahio, a participar a Oliveira o acontecido; e voltando no fim da tarde, atrahio Raymundo com palavras amigaveis a casa daquelle Governador, pretextando, que era para se tratar de commum acordo, sobre os meios de se ordenarem as cousas pelo melhor modo possivel. Apenas Raymundo pôs os pés na salla de Oliveira, foi-lhe da-

dada a voz de prezo, por amotinador do povo, e compromettedor da nação; e era este o negocio, para que tinha sido chamado! 1808 Junho.

Sahio Oliveira para huma varanda immediata com o mesmo Araujo, e com o Tenente-Coronel Engenheiro Luiz Candido, que com elle se achavão, provavelmente, para darlhes as ordens particulares relativas a esta prizão: Raymundo ficou na sala; e vendo-se só, e que a porta, que dava passagem para a varanda, tinha a chave pela parte de dentro, teve a feliz lembrança de a fechar subtilmente, e se pôz a salvo, sem ser pressentido. Conservou-se occulto por muitos dias na cidade, fazendo publicar, que tinha fugido para Hespanha; e para que isto se acreditasse, escreveo huma carta a Oliveira, datada de Vianna a 10, e outra a sua mulher, datada de Valença a 13, estratagema, que veio a servir de muito para o progresso da restauração; porque elle annunciava, que ia buscar soccorros, e acreditou-se, que vinha á frente de hum exercito Hespanhol.

1808 Junho. Tal he em resumo a historia da evasão de Raymundo, segundo a tenho d'elle mesmo. As consequencias immediatas deste successo forão a introducção do Tenente-Coronel Araujo no governo da fortaleza de S. João da fós, manchando-se o livro do registro das ordens, a ella respectivas, com as que mandárão repôr tudo no estado, em que se achava, durante o governo Francez, e o ficar abafado por então o germen da restauração do reino.

A camara do Porto, apenas os Hespanhoes derão as costas, remetteo a Junot a carta de Bellesta, e outra sua, em que lhe participava os successos do dia 6. Oliveira fez-lhe hum semelhante aviso, o Corregedor da comarca o participou a Lagarde, e a Relação ao Ministro dos negocios do interior.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO VIII.

Notavel festim dado por Junot no theatro de S. Carlos; consequencias dos avisos, que recebeo este General sobre os acontecimentos do Porto; As tropas Hespanholas são atraiçoada, e ignominiosamente desarmadas, e prezas em Portugal.

EM quanto os portadores caminhavão com as cartas, procurava Junot suavisar os seus males, distrahir a attenção dos principaes cidadãos de Lisboa, e intimidar o povo, por meio de hum espectaculo, em que o luxo, a licença, e a vaidade se combinavão com o terror, para os mesmos fins: huma cêa, precedida de danças, e de concertos, no theatro de S. Carlos na noite de 8 para 9 de junho. Nada lhe esqueceo, para fazer este acto ao mesmo tempo magestoso, e terrivel; agradavel sómen-

1808 Junho. te o póde fazer aos seus, e a hum pequeno número de Portuguezes, que o seguião. Quatro mil aguadeiros rodeavão o edificio com os seus barris cheios de agua, para prevenirem qualquer incendio, numerosas tropas, tão promptas, e armadas, como se estivessem para entrar em combate, guarnecião as ruas até huma grande distancia; e por estes preparativos se póde julgar do resto.

Foi grande o número dos convidados de ambos os sexos, e de todas as classes, os quaes, para entrarem no theatro, tinhão de atravessar largo espaço por entre as fileiras destes assassinos, que nas pontas das suas baionetas lhes apresentavão a imagem da morte. Os homens entravão sem apparato: para receberem as senhoras, achavão-se quatro pages no vestibulo, que annunciavão a sua chegada a quatro Ajudantes d'ordens, que alli as vinhão receber, e as conduzião até á porta interior do theatro, onde o General Margaron fazia as honras da casa.

A platea tinha-se elevado, a correr

rer direita com o tabelado, e á roda della se collocárão varias ordens de assentos, ficando livre o centro para as danças. No topo estavão tres cadeiras de braços, a orquestra nas varandas das Pessoas Reaes, e na frente se via, entre outras decorações, o busto de Napoleão em pintura, servindo-lhe de peanha quatro bandeiras Francezas encruzadas, nas quaes se lião os famosos nomes de Marengo, Austerlitz, Jena, e Friedland. Por baixo dellas estava a bandeira Russiana, de cuja humilhação neste dia forão testemunhas o Almirante Siniavin, e toda a sua officialidade. 1808 Junho,

Em quanto entravão os convidados, forão-se estes arranjando, como pudérão, ficando sempre vazias as tres cadeiras de braços: apenas junto o concurso, annunciou-se a chegada de Junot, e tudo foi reboliço, para o virem receber á entrada, e o conduzirem até á cadeira do meio, que foi occupar, dando as dos lados a duas damas, que o acompanhárão, e sobresahião ao resto da companhia, como novas venus no meio do coro

das

1808 Junho.

das suas nymfas. Rompeo então a orquestra, e começárão as danças, que levárão huma grande parte da noite. Depois d'ellas correo-se o panno, e appareceo sobre o tabelado huma especie de barraca de campanha, e dentro desta a meza, que foi sómente para as senhoras. Os homens, de que huma grande parte, principalmente dos de certa ordem, tinhão sobido para os camarotes, a fim de melhor disfarçarem o desgosto, em que se vião, pela mistura, em que se achavão, e em que irremediavelmente tinhão deixado as suas familias, forão obrigados a descer para a cêa: por entre os bastidores, e de pé; he que forão comendo alguma cousa, de sociedade com os soldados, com os serventes, e com todo o lixo, que por alli se achava. Dizem os que assistírão, que não foi a meza, a que ostentou o luxo desta esplendida função.

Tristes prazeres, amargurado festim! Poucas horas erão passadas, depois de huma noite tão agradavel, quando Junot recebeo a noticia dos

suc-

successos do Porto, e então he que começárão os apertos; mas as angustias, de que o seu coração se via opprimido, não lhe embaraçárão o dar as providencias, que julgou proporcionadas ás circumstancias. 1808 Junho.

Vírão-se immediatamente sahir tropas Francezas para Mafra, Santarem, e outros lugares; algumas passárão o Tejo, e ignorava-se o seu destino. Fervião os correios, as imprensas puzerão-se em actividade, notava-se susto, e agitação em todos os movimentos dos Francezes, e só algumas noticias, que pouco, e pouco vinhão chegando ao público, e os successos, que forão sahindo daquella effervescencia dos espiritos, pudérão em fim aclarar os motivos.

Tanto o General, como Lagarde, e Herman respondérão ás cartas de participação, que recebêrão do Porto. Junot louvou a Camara; mas dando sempre a conhecer a espinha, que lhe ficava na garganta, porque ella não tinha tomado logo partido contra os Hespanhoes. Lagarde, não só

só escreveo huma carta furiosa ao
1808 Junho. Corregedor, mas tambem circulares aos magistrados de todas as terras confinantes com a Hespanha, que continhão as suas missões, e ameaças do costume; e concordárão todos em intimidar o Porto com 4Ⅾ homens da divisão de Loison.

Este General, que tinha ordem de entrar em cidade Rodrigo, e ahi se manter; e que não pudéra penetrar, senão até o forte da Conceição, situado na extremidade da Hespanha, em frente de Almeida, que os Hespanhoes havião evacuado á sua chegada, a teve com effeito agora, para retroceder, e cahir sobre o Porto. Assim, que a recebeo, elle se pôz em marcha, demolindo huma parte do forte, transportando para Almeida as munições, e mais effeitos, que pôde, e saqueando algumas aldêas, por onde passou.

A noite de 9 para 10 foi de grande agitação para os Generaes, e outros empregados Francezes em Lisboa; mas dos seus resultados não apparecêrão ao público, senão as de-

cla-

clamações de huma gazeta no estylo do costume. A de 10 para 11 foi ainda de maior reboliço, e de maior vulto o seu parto. Lagarde, para dar mais expedição ao seu laboratorio, tinha feito conduzir huma imprensa para a casa da sua residencia, e nessa noite mandou tambem ir o administrador da gazeta pela huma hora da madrugada. Trabalhou-se sempre, e com tudo Lagarde não se recolheo, senão muito depois de amanhecer, quando já estava executado aleivosamente o desarmamento das tropas Hespanholas, que se achavão acantonadas nos abarracamentos de campo de Ourique, e Val de pereiro. 1808 Junho.

Na tarde precedente tinhão ellas recebido ordem de se reunirem á hora dada, para embarcarem no terreiro do paço, e partirem para Hespanha. Era este o alvo dos seus desejos, e caminhando alegres debaixo deste engano, que favorecia o escuro da noite, apenas chegão ao terreiro do paço, os valentes Hespanhoes se achão rodeados de peças de artilheria, e de huma quadrilha ar-

ma-

1808 Junho. mada de cobardes Francezes, que só por cobardes podião commetter huma semelhante perfidia. Achavão-se escondidos com a sua artilheria debaixo das arcadas dos edificios, que fechão o recinto daquella praça, e nas embocaduras das ruas circunvisinhas; dalli cahírão repentinamente sobre os Hespanhoes, que bramião, como leões; mas tiverão de ceder, como cordeiros, na presença da metralha, e das baionetas: forão ignominiosamente desarmados, e o campo ficou coberto com as suas mochilas, e barretinas, que tudo forão obrigados a largar, e tudo foi entregue a hum rigoroso saque.

Appareceo então ao público o trabalho da noite precedente, e revelou-se o mysterio das tropas Francezas, que tinhão partido para os differentes pontos, com destino secreto. Huma gazeta, hum edital, e huma ordem do dia, tudo no gosto Francez, annunciárão o desarmamento dos Hespanhoes em todos os lugares, que occupavão; procurando encubrir com cores plausiveis hum pro-

procedimento infame, de que nenhum verniz pôde offuscar a negrura. (*) 1808 Junho.

Pela tarde começárão a apparecer em Lisboa os prizioneiros Hespanhoes feitos nos seus contornos; e nos dias seguintes continuárão a vir os de Mafra, Santarem, e outros pontos mais remotos. Entravão em magotes, sem armas, e entre Francezes, como victimas entre algozes.

Eu

(*) A ordem do dia começava por esta fórma no original Francez: *La conduite infame du Général Espagnól Belesta a O-Porto, l'enlevement du Général de divison Quesnel, de Mr. Taboreau, &c.* e eis-aqui como se traduzio na primeira edição, que foi a que se publicou por editaes: *A conducta infame do General Hespanhol Belesta no Porto, o roubo das peças do General de divisão Quesnel, do Senhor Taboreau, &c. L'enlevement du Général* significa *o roubo das peças do General*, segundo o diccionario do traductor; e achão-se muitas passagens destas nas traducções das mais obras do Governo Francez. Taes erão os homens illustrados, que estavão ao seu soldo! Na segunda edição, que se pôz em venda pública, conheceo-se, e procurou-se adoçar o erro, pondo se *pessoas*, em lugar de *peças*; na gazeta finalmente se emendou nesta fórma: *a violencia, com que se lançou mão do General, &c.*

1808 Junho. Eu vi muitos destes infelizes, e nunca se apagará no meu espirito a forte impressão, que me causárão o aspecto, e a marcha triste, e desconcertada, com que os conduzião os seus tyrannos, em recompensa de terem abandonado os seus lares, para os acompanharem a hum paiz estrangeiro, e serem instrumentos involuntarios dos seus roubos, e atrocidades. Maridos inválidos erão acompanhados por mulheres, e meninos banhados em lagrimas, que mal podião suportar as fadigas da jornada; outros ião conduzindo tristemente pelas arreatas os jumentos, que levavão os filhos, e as consortes; vi mulheres desmaiadas, vi outras atenuadas de cançasso, e cobertas de suor, por effeito de huma calma ardente, trazendo seus filhinhos aos peitos; e vi tambem alguns, prezos por cordas, para não cahirem, em cima de carros atacados de caixas, panellas, caldeirões, e outros objectos proprios de tropas volantes. A fraqueza do sexo, a enfermidade, e a infancia soffrião, como a robustez, os mesmos trabalhos.

lhos. Forão todos conduzidos a varios navios surtos no Téjo, e ahi conservados, debaixo de guardas vigilantes, maltratados, e mesmo morrendo de fome, até que os *eternos inimigos do continente*, segundo a expressão dos Francezes, lhes vierão restituir as armas, e a liberdade; depois de terem derrotado no Vimeiro os *invenciveis da grande nação.* 1808 Junho.

Os officiaes tinhão ficado ao principio em liberdade, debaixo da fé de hum termo, que assinárão, de se não ausentarem; mas passados poucos dias, tambem forão prezos; ou porque alguns dessem o exemplo de se retirarem, o que não he de admirar, pois se consideravão em hum injusto cativeiro; ou porque se tomasse este pretexto, para serem reduzidos ao mesmo abatimento, que os soldados. De huns, e outros conseguírão muitos o escaparem das suas prizões, porque achavão no povo Portuguez todo o auxilio possivel, para esta fuga.

Carrafa não se livra de vehementes suspeitas de ter concorrido para hu-

1808 Junho. huma tão atraiçoada entrega das tropas do seu commando; pelo menos a opinião pública dos Portuguezes o condemnou sempre; e mais o condemnaria, se naquelle tempo se soubesse hum facto, que hoje posso dar por authentico. Carrafa offereceo a Junot hum plano, para a reducção do exercito Hespanhol, á semelhança do que se havia praticado com as tropas Portuguezas, do qual o mesmo Junot fez presente a seu amo. Com tudo póde ser verdadeiro este facto, e Carrafa não ter sido complice no desarmamento, e prizão das suas tropas; suspeitas não são verdades demonstradas.

1808
Junho.

CAPITULO IX.

A festividade do Espirito Santo faz apparecer em Chaves, e em Villa pouca d'Aguiar os primeiros symptomas da revolução, e estes ainda ficão sem effeito. Exame de varios impressos a este respeito, e particularmente do folheto intitulado Memorias de Chaves.

POsto que a labareda ficou, como vimos, suffocada no Porto, o fogo existia, e se nutria em segredo nos corações de todos os fiéis Portuguezes, sempre prompto a manifestar-se, logo que as circumstancias o permitissem. Se em humas partes se amortecia, em outras ia apparecendo de novo; até que arrebentou hum volcão, de que não houverão forças, que podessem suspender a torrente. Vamos por partes.

Todos sabem o modo singular, com

1808 Junho

com que os póvos de Portugal (e tambem os de muitos outros paizes) celebrão a festividade do Divino Espirito Santo: festividade de huma grandissima devoção para com estes póvos, mas em que o profano se tem misturado com o sagrado, como tem acontecido a muitas outras das nossas ceremonias religiosas. No Egypto seguírão-se 7 annos de fome a outros tantos de abundancia, significados nas 7 vaccas magras, e 7 gordas, com que sonhou o Faraó; entre nós seguem-se a 7 semanas de abstinencia, que a igreja ordena aos seus filhos, outras tantas de fartura, em que estes, por sua propria devoção, se entregão a prazeres, e ritos tão jocosos, como estravagantes, e muitas vezes a excessos reprehensiveis. Vem depois disso a festividade propria, que dura 3 dias; e he então, que se dança, se toca, se canta, se come, e bebe, sem medida: com estes estimulos exaltão-se os espiritos, e muitas vezes se atrevem a cousas, que não emprehenderião no seu estado natural. Foi com effeito a festa

do

do Espirito Santo a que produzio os primeiros symptomas de revolução em Chaves, precisamente no mesmo tempo, em que Belesta a começava no Porto. 1808 Junho.

Os animos já estavão commovidos desde a noite de 4, (vespora do dia proprio da festividade) e succedendo na segunda oitava espalharem-se algumas noticias favoraveis sobre os acontecimentos da Hespanha, os musicos dos regimentos desorganizados daquella praça, que andavão nos seus descantes, associados com varias pessoas da plebe, rompem em altos clamores de *viva o nosso Principe*. Ajuntárão-se lhes mais individuos, e muitos rapazes com barretinas de papelão, e páos, em lugar d'armas, discorrêrão por todas as ruas, e toda a noite immediata continuárão os descantes, repetindo-se muitas vezes as alegres vozes: *viva o nosso Principe, viva, viva: morra Junot, e Napoleão.*

Estas sementes, que germinárão em huma parte do povo de Chaves, chegárão a espalhar-se pelos campos,

1808 Junho. e especialmente em Villa pouca de Aguiar; mas não granárão, porque a authoridade publica as não favoreceo. Pelo contrario derão se algumas demonstrações de desapprovação, e escreveo-se ao Governador das armas da provincia, para que desculpasse estes movimentos, como praticados por hum povo indiscreto. Tenho este facto de huma fonte, que me pareceo veridica; mas como não sou escritor de partido, exporei tambem as pertenções, que os habitantes de Chaves sustentão sobre a primazia da restauração, e os fundamentos, em que as apoião.

Corre impressa huma relação anonyma dos acontecimentos de Chaves em hum 4.º de papel, sem titulo, nem declaração da officina, em que se imprimio, na qual se referem os primeiros movimentos da restauração naquella praça por hum modo, que no essencial não differe muito da minha exposição; mas accrescenta-se nella, que o Governador, e o Juiz de fóra, não só auxiliárão aquelles mesmos movimentos dos tres dias

do

do Espirito Santo, mas consummárão a obra, fazendo collocar nas ameias do castello a bandeira encarnada com as Armas Reaes, em sinal de declaração de guerra á França, e ultimando a solemne acclamação do Principe Regente em Chaves, d'onde se communicára, não só ao destricto desta villa, mas até a Bragança, onde á sua imitação o General Sepulveda praticára o mesmo no dia 11. 1808 Junho.

Em huma semelhante relação do que se praticou em Villa-pouca de Aguiar tambem se diz, que chegando a esta villa em 8 de junho a *simples, e passageira noticia de que na praça de Chaves se havia acclamado o nosso amado Soberano*, e no dia seguinte por carta de Pedro de Sousa Canavarro a da prizão dos Francezes no Porto, se fizera a mesma acclamação por todos os habitantes daquella villa, entre repetidos vivas, toques de caixas, repiques de sinos; seguindo-se depois huma illuminação geral, em que se distinguírão as casas do mesmo Canavarro, e

1808 Junho. as de Manoel Gregorio Pereira de S. Payo. Confessa porém a mesma relação, que erão de desejar mais sólidos fundamentos, para as esperanças, e contentamento daquelle povo; e que estes apparecêrão felizmente no momento, em que o General Sepulveda mandára chamar ás armas, para a expulsão do inimigo por hum edital de 11 de junho.

Appareceo ultimamente hum folheto, tambem anonymo, impresso em 1809 na impressão Regia, que tem por titulo *Memorias da villa de Chaves na sua gloriosa revolução contra a perfidia do tyranno da Europa*; e nelle se dá toda a gloria ao administrador dos provimentos de boca para o exercito de Trazos-montes, Antonio Vicente Ferreira de S. Payo, de acordo com o Juiz de fóra de Chaves Domingos Alvares Lobo, attribuindo-se-lhes o terem feito na mesma praça a revolução, e acclamação formal nos dias acima indicados, em resultado de conferencias secretas, que antecedentemente houverão entre ambos, e de hum pla-

plano combinado, que se reduz aos artigos seguintes: 1808 Junho.

1.° Que no dia 6 de junho pelas 11 horas da noite sahirião com hum concerto de musica pelas ruas, e elle S. Payo, como chefe da revolução, levantaria a voz: *viva o Principe Regente, morra Napoleão, e seus sequazes.* Que os seus officiaes tinhão armas, e munições das que se havião comprado em novembro de 1807, e devião postar-se com ellas encobertas na frente, e retaguarda da musica para a defenderem de qualquer insulto dos assalariados pelo inimigo, e jacobinos, se os houvesse. Que os feitores Anastasio, Jeronymo, e Almeida devião ter os obreiros promptos, e armados, para entrarem em acção, se necessario fosse; occultando-se-lhes entre tanto o designio, e pretextando-lhes, que se dirigião ao deposito das lenhas, que se achavão roubadas.

2.° Que nos dias 7, 8, e 9 repetirião a mesma scena; e se o negocio tivesse accesso no povo, com elle organizarião hum governo de con-

1808 Junho confiança, pondo-lhe á tésta o Juiz de fóra, se as authoridades superiores da provincia se não prestassem á causa da patria.

3.º Que no dia 12 (vespora de Santo Antonio) farião cavalhadas com o devido apparato, musica, e fogo, arvorando-se a bandeira do Santo, em que estava o escudo das armas Reaes com a devisa: *Viva o Principe Regente, Nosso Senhor*, e no dia seguinte se conduzirião á collegiada de Santa Maria Maior, para festejarem o Santo; avisando-se desde logo (em 5 de junho) o P. M. Fr. Antonio da Assumpção, religioso Arrabido, para orar neste dia, e missionar ao povo a necessidade de pegarem todos em armas a favor dos seus direitos, e independencia. Seguem-se outras providencias, para se pôrem promptas as familias dos conjurados, (he o nome, com que o folheto os designou) papeis, livros, e dinheiro da contadoria, para se pôr tudo a salvo em Hespanha, se fosse necessario.

Confesso, que estas formalidades,

e

e estas precauções em huma terra, e em huma provincia, onde não havião inimigos, estas disposições de cavalhadas, festas, musicas, fogos de alegria feitas com aprazamentos de dias certos, quando ainda se não tinha começado a acção, a formula do juramento dos associados, com muitos visos dos que se usavão no tempo dos cavalleiros andantes, que se acha a pag. 6. do mesmo folheto, huma carta do Padre Assumpção a pag. 7, e outras mais circumstancias erão bastantes, para me darem huma idéa muito desfavoravel da veracidade desta obra. Accresce o ter ella apparecido, e desapparecido, como o relampago, não se annunciando ao público, nem se pondo em venda, e podendo apenas descobrir-se algum exemplar como a furto; o que faz presumir, que se imprimio para algum fim particular, e que pertende occultar-se ao público, para se lhe não descubrir alguma chaga. 1808 Junho.

Como póde conceber-se, que ficassem em segredo, se fossem verdadeiros, factos desta natureza, que se

1808 Junho. se dizem praticados em huma praça d'armas, que ao mesmo tempo he huma das villas notaveis do reino, em huma época, em que tanto se pesquizavão os mais leves movimentos da nossa restauração? Como he possivel, que os seus authores os não fizessem valer; e que delles não apparecessem, nem vestigios, nos dois periodicos, formalizados por ordem dos respectivos governos, o Leal Portuguez no Porto, e a Minerva Lusitana em Coimbra, cujos redactores, dotados de grande erudição, e de muita perspicacia, cuidadosamente ajuntavão todas as memorias concernentes ao principio, e progressos da revolução? O argumento negativo tem aqui muita força; muito principalmente, porque com o testemunho daquelles dois periodicos concordão em dar a primazia a Bragança os muitos escritos do tempo, que pódem ver-se citados na *Memoria abbreviada dos serviços do General Sepulveda*, sem mesmo fazerem questão, ou nos darem conhecimento algum daquelles pertendidos acontecimentos.

Se-

Sepulveda passou constantemente pelo primeiro chéfe da acclamação, e como tal recebeo cartas de elogios do governo do Porto, e applausos universaes em toda a provincia de Tras-os-montes, por onde vagou, e especialmente em Villa Real, onde a 9 de julho lhe derão huma pomposa entrada, recitando-se na sua presença huma oração em nome da camara, a qual tambem corre impressa, em que se lhe concede esta primazia com expressões as mais claras, e terminantes. A cidade de Miranda, as villas de Ruivães, Torre de Moncorvo, e outras mais terras daquellas provincias tambem fizerão imprimir relações dos factos, que lhes respeitão, e todas citão o rompimento de Bragança, como o primeiro desta feliz revolução em Tras-os-montes, sem que nenhuma se lembrasse de Chaves. (*) 1808 Junho.

As

(*) Villa Real na sua relação pertende para si a primazia, sem fallar em Bragança, nem em Chaves: o fio dos successos irá mostrando, que tambem a sua pertenção he mal fundada.

1808 Junho. As *Memorias de Chaves* me parecem pois huma impostura semelhante ao cathalogo das actas de hum certo conselho conservador, que se inventou em Lisboa, cujos authores datão as suas conferencias, e os seus planos para a restauração do reino, de hum tempo, em que ninguem se remexia ainda em Portugal; que porém forão desmascarados, por declarações públicas de alguns daquelles mesmos, que elles incluírão em huma lista dos addidos aos seus mysterios, e pela prizão de hum, ou dois dos proprios chefes, como suspeitos ao nosso governo.

Como historiador eu tenho colligido os factos, e exposto as reflexões, que determinão sobre elles a minha opinião: mudarei della muito voluntariamente, (pois estou bem longe de querer roubar a gloria, a quem ella possa pertencer) huma vez que se produzão fundamentos, que a destruão, quaes não tenho achado até o presente; podendo attestar, que he este hum dos pontos historicos, de que a investigação me deo maior tra-

trabalho, e me deixou mais convencido do pouco credito, que merece a maior parte dos escritos volantes, que tem apparecido sobre a restauração, e do quanto he difficil ao historiador o alcançar com pureza a verdade dos factos, quando com estes se mistura o espirito de partido, e elle se acha na situação penosa de não poder alcançar memorias, senão por via de pessoas, que tem interesse por huma, ou por outra parte. 1808 Junho.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO X.

Soão em Braga as vozes da acclamação, a impulsos do Arcebispo, e ficão paralysadas por hum partido opposto. Em Melgaço ellas são recebidas com successo mais feliz; arvora se a bandeira Portugueza com assistencia dos Hespanhoes, e fica firme, pelo valor e fidelidade dos Portuguezes. Rebate falso de que se aproximavão Francezes, e consequencias que teve.

O Arcebispo de Braga D. José da Costa Torres, sabendo por hum expresso no dia 8 de junho, que os Hespanhoes tinhão prendido na villa de Vianna alguns Francezes, que ahi se achavão, e constando-lhe quasi ao mesmo tempo da prizão dos do Porto, mandou immediatamente descubrir as armas Reaes no paço arquiepiscopal, e passou ordem á igreja pri-

primacial para se restituir na missa a collecta pelo Principe Regente, e mais Pessoas da Real Familia. Houverão patriotas zelosos, que, animados pelo exemplo do Arcebispo, fizerão soar instantaneamente pela cidade as vozes da acclamação: o clero especialmente as repetia, e propagava com ardor; mas tambem houve hum pequeno partido, que se lhes oppôz, composto, ou de Portuguezes degenerados, ou de espiritos fracos, e vacillantes; o que quanto aos effeitos vale o mesmo; e chegando entre tanto a noticia de que no Porto se havia retrocedido, tambem ficou tudo paralysado em Braga. 1808 Junho.

O Arcebispo não retrocedeo, porque a fidelidade he nelle a toda a prova, e a constancia huma das virtudes, que lhe conheço por experiencia. Devo este testemunho a hum Prelado respeitavel, de quem recebi as lições na Universidade no ultimo anno, que occupou a cadeira de Historia Ecclesiastica, e cujo exemplar comportamento he bem patente a todos os que o conhecem. Elle porém

1808 Junho. esteve em perigo, porque o partido opposto tentou perdello, procurando attestados, e formando queixas contra elle ao intruso Junot, que não deixaria de vingar, se podesse, este ultraje ao seu governo. A acclamação formal em Braga ficou demorada até 20.

Naquella parte da provincia do Minho, onde o rio deste nome, descendo da Galliza entra em terras de Portugal, terminão estas em hum angulo o mais septentrional do reino, e he aqui que está situada a villa de Melgaço, pequena, e pouco consideravel em si mesma, que porém deve ficar memoravel na historia. He em Melgaço, que prendeo o fogo sagrado em 9 de junho, para não mais se extinguir, nem mesmo na segunda invasão dos Francezes debaixo do commando do Marechal Soult: ficou livre o recanto desta villa, e seus contornos da nova torrente assoladora, que se espalhou por todo o resto da provincia, e abrangeo huma grande parte da Beira alta, e Tras-os-montes. Feliz terra! Queira

o

o ceo conservar-te o brazão de nunca mais receberes as leis do usurpador, desde que naquelle fausto dia abjuraste intrepida o seu nome odioso! 1808 Junho.

D. Antonio Maria Mosqueira de Lira, provinciano illustre do reino de Galliza, e aparentado com alguns grandes d'Hespanha, apresentou-se em Melgaço em casa de seu cunhado Caetano José de Abreu Soares, e annunciando secretamente ao Corregedor, que servia de Juiz de fóra, Filippe Antonio de Freitas Machado, ahi veio este, e tiverão huma conferencia. A este tempo concorreo tambem Antonio de Castro Sousa Menezes Sarmento, descendente illustre pela linha da primogenitura dos antigos Castros de Melgaço (*) o

(*) Desta familia trata Carvalho na *Corograf. Portug.* e fallão algumas das nossas Historias; porque sempre deo varões até os ultimos tempos, que se destinguirão pelas armas, e especialmente na guerra *da acclamação*, e na *da grande alliança*. Este Antonio de Castro Sousa Menezes Sarmento tomou o caminho das letras; a sua honra, e patriotismo me são pessoalmente bem conhecidos.

1808 Junho. o qual, tendo servido dignamente o Soberano, e a patria na carreira da magistratura, se achava então retirado em sua casa: do que todos conferirão, e tratárão, resultou ficar decedida a acclamação.

Mosqueira tinha vindo prevenido com gente armada, que deixára a pouca distancia, e a fez logo entrar. Vierão tambem incorporados o Corregedor de Milmanda, o Abbade de Esteriz, e outras pessoas destinctas da Galliza; e sendo dia de feira em Melgaço, e por isso de hum numeroso concurso, os Portuguezes se unem aos Hespanhoes, e em presença do Juiz de fóra, que os observava no proprio campo da feira, soltão alegres vivas ao Principe Regente, e detestações violentas contra Napoleão, e seus delegados. Immediata ao campo da feira está a porta da villa, sobre a qual se achavão cobertas as armas Reaes; o povo as descobre em hum momento; passa depois a fazer o mesmo ás da casa da camara, e da fonte da villa; e para que a obra não ficasse imperfeita, o

Cor-

Corregedor de Milmanda com huma partida dos seus foi tambem descobrir as da fonte de S. João da Orada, que ficavão em alguma distancia. Thomás José Gomes de Abreo, Jacinto Manoel da Rocha Pinto, o Capitão mór João Antonio de Abreo, e o Doutor Miguel Caetano forão dos primeiros, e mais activos, que trabalhárão nesta empreza, mas tiverão muitos outros companheiros, que mostrárão o maior patriotismo. 1808 Junho.

Não contentes os habitantes de Melgaço com o que havião praticado dentro dos muros, e nos suburbios desta villa, elles quizerão levar a revolução aos póvos visinhos. Com effeito em hum dos dias seguintes elles forão acclamar o nosso legitimo Soberano, e descubrir as armas Reaes na ponte de Moro, termo de Monção; tendo na sua passagem praticado o mesmo no conselho de Valladares.

Determinou-se para o dia 10 a inauguração solemne do estandarte nacional em Melgaço. O da camara foi arvorado no revelim do castello

1808 Junho. por entre novos vivas, e acclamações, e com repetidas salvas, e toques de sinos, antes, e depois de hum *Te Deum*, e sermão, que se celebrárão nesse mesmo dia; e como erão necessarios dois estandartes, para não haver falta nas acções da camara, o Juiz de fóra convocou os alfaiates da terra, para fazerem hum novo, como realmente fizerão em huma manhã, e não se affastou delles, em quanto o não concluírão. Estas pequenas circumstancias, que parecem de pouca importancia a quem as lê de sangue frio, são as que melhor manifestão na effervescencia dos espiritos os verdadeiros sentimentos, que existem nos corações, a fidelidade, e o enthusiasmo dos que as praticão. (*)

Até

(*) Como nenhum dos escritos, que a imprensa tem publicado, faz menção destes successos de Melgaço, ficando confundidos no quadro da revolução, pela distancia, e pequenhez do seu theatro, instruirei os meus leitores dos documentos, por onde elles se me fizerão constantes. Além de outras memorias, que me forão transmittidas por canaes veridicos, tenho em meu poder certidão de hum termo, em que se referem sum-

Até aqui era tudo alegria, mas dois dias depois houve huma terrivel commoção, causada pela falsa noticia de que hum exercito Francez ha- 1808 Junho.

via

---

mariamente os ditos successos do dia 9, lançado a folh. 197. do livro do registro da camara daquella villa, que teve principio em 15 de março de 1803., e he sobrescrita a certidão pelo respectivo escrivão Joaquim Daniel Torres Salgado. Consta-me, que existira outro termo, em que se referião com mais extensão estes successos, mas que fôra rasgado, quando se aproximárão a Melgaço as tropas do Marechal Soult na segunda invasão. Tenho mais huma attestação do mesmo escrivão, outra do proprio Caetano José de Abreo Soares, e outra da mesma camara, que conferem nos factos essenciaes; e finalmente a cópia de hum requerimento, apresentado á camara por hum particular, para que ella o representasse aos Governadores do reino, a fim de se restituir a Melgaço a primazia da restauração, que se queixava estar-lhe usurpada nos papeis públicos por outras terras do reino, no qual se faz huma miuda exposição dos factos, e se acha hum acordão do theor seguinte = *Acordão em camara, que visto serem verdadeiros os recontados factos, que attestomos, se registre este requerimento, e se remetta. Melgaço em camara de 4 de outubro de 1808.* = Com quatro assinaturas.

1808 Junho

via desembarcado nas costas da Galliza, e tinha já hum corpo de tropas em Camiça, povoação fronteira a Melgaço, para entrar nesta villa pela raia secca. A crise era terrivel; porque achando-se estes póvos absolutamente indefensos, se lhes não offerecia senão a alternativa de se humilharem, ou resistirem; e em ambos os casos era muito arriscada a sua sorte: elles escolhêrão, sem hesitar, o mais heroico. Todos se puzerão em movimento á voz dos sinos, e corrêrão para a parte, por onde se esperava o inimigo, com duas peças de artilheria, as unicas que havia montadas, até o sitio da ponte das vargeas, onde rezidia o Capitão mór. Quando chegou o ajuntamento, já este sabia por hum portador, que tinha mandado a Galliza, que tudo por lá se achava tranquillo, não havendo nem o mais leve rumor de inimigos por aquelle lado.

Quando não devia já tratar-se, senão de se restituirem todos a suas casas, a intriga, e a discordia, inimigos implacaveis da humanidade, que

que raras vezes podem separar-se destes ajuntamentos tumultuarios, principiarão a derramar os seus venenos sobre gentes, que se não tinhão ajuntado, senão para o justo fim de defenderem os direitos do Soberano, a religião, e a patria. Hum paizano insolente, ostentando valentias, quando a idéa do perigo se tinha desvanecido, e incita os póvos, para que marchem mais adiante, e se fação fortes, em quanto o Capitão mór lhes ordenava prudentemente, que se retirassem, prevenindo as desordens, que o ajuntamento podia produzir. O paizano, inculcando patriotismo, e valor, chegou a metter as mãos a duas pistolas contra o Capitão mór; mas felizmente o seu orgulho ficou confundido ás mãos de outro paizano honrado, que, no meio da sua justa cólera, não pôde conter o transporte de pegar no insolente, e o pizar aos pés. 1808 Junho.

Suffocado este primeiro symptoma vertiginoso, outro se levanta, que ia tomando hum aspecto mais serio. Mathias de Sousa e Castro, mi-

li-

1808 Junho. litar distincto com o posto de Tenente no desorganizado regimento de Valença, correo com os outros ao rebate, de huma quinta, onde se achava; e vendo arvorada na villa a bandeira encarnada, em sinal de guerra, quiz persuadir ao Juiz de fóra, que a mandasse arrear, não por traição, ou por fraqueza, pois pelo contrario foi hum dos mais activos em dar as providencias de defeza; mas sinceramente, porque, dizia elle, a bandeira não augmentava, nem diminuia as forças, e os recursos, e vendo-a, os Francezes se irritarião, e passarião tudo á espada. O Juiz de fóra não annuio á proposta, mas houve quem fosse espalhar a voz entre o povo, ainda congregado, que elle tinha feito arrear a bandeira, e foi o mesmo que lançar huma faisca sobre a polvora. Levantou-se hum tumulto, em que ficou desde logo decretada a morte do Juiz de fóra; e para executarem este projecto, alguns dos amotinados se encaminhárão para a villa: parárão, e ficárão tranquillos, á vista da bandeira, que

exis-

existia arvorada como d'antes. Soube-se depois o conselho, que o militar havia dado, e voltárão-se contra este, que, avisado a tempo, póde a muito custo salvar a vida nos pés do seu cavallo. 1808 Junho.

Por esse mesmo tempo recebeo o Juiz de fóra huma daquellas furiosas cartas, que Lagarde tinha escrito aos ministros territoriaes, por occasião dos movimentos do Porto: elle a não publicou, mostrando-a sómente a algumas pessoas da sua confiança, e continuando sempre a animar os progressos da revolução. Como os póvos se vião sem tropas, sem armas, e sem munições, recorrêrão ao Bispo, e á junta de Orense, e não foi debalde, porque das tropas, que alli commandava o Marquez de Valladares, se destacárão logo alguns corpos para Milmanda, e Cella-nova, promptos a entrarem no territorio Portuguez, em caso de precisão.

1808
Junho.

CAPITULO XI.

Restauração de Braganca. O General Sepulveda se põe á frente da revolução; huma conspiração de homens timidos procura suspendella, e o General, ajudado de verdadeiros, e fiéis patriotas, a consolida: ella se faz geral em toda a provincia de Tras-os-montes. Estabelecimento da junta do governo, e outras providencias.

HUm General Portuguez se põe á frente da revolução, expede ordens, proclama aos póvos, convida outros Generaes a se lhe unirem, abre correspondencias com Hespanha, principia a organizar hum exercito, procura os meios de o sustentar, e de levar o estandarte Portuguez até o centro da dominação intrusa. He o General Sepulveda, e he em Bragança, titulo antigo da Real Casa reinan-

nante, que se concebem, e se executão estes projectos. 1808 Junho.

O Abbade de Carrazedo Manoel Antonio de Sousa e Madureira Cirne, tendo em sua casa a administração do correio, foi o primeiro, que a 11 de junho pelas 5 horas e meia da tarde recebeo por huma carta a noticia da prizão dos Francezes no Porto. A carta he lida em voz alta, a varias pessoas, que se achavão presentes; apparecem mais cartas, que confirmão esta noticia, accrescentando algumas, que Junot devia tambem ter sido prezo em Lisboa, e principião immediatamente os vivas, de que forão authores o Abbade, o Conego Bento José de Figueiredo Sarmento, o Bacharel Pedro Alvares Gato, e o medico Antonio Affonso Dias Veneiros, e a que respondêrão todos os assistentes, e o povo, que se foi ajuntando, com hum enthusiasmo inexplicavel. De casa do Abbade sahírão todos a procurar o General, que se achava na igreja de São Vicente assistindo á trezena de Santo Antonio; e com elle voltárão, para

1808 Junho. ra darem as providencias opportunas ao seu quartel-general. Já o povo se encontrava aos montes, repetindo os vivas; já repicavão os sinos da cathedral, por ordem do Conego Bento José de Figueredo, e lhes respondião os das outras igrejas da cidade; não se divisando senão alegria, desde o General até o ultimo individuo do baixo povo.

Mas nem todas as authoridades se decidirão logo pela restauração, posto que nenhuma a impugnou abertamente. Houverão funccionarios públicos, que, apenas informados deste grande reboliço, forão procurar o General com os semblantes amarellos, a perguntar-lhe, que novidade era aquella: ao que elle respondeo, conduzindo-os a huma janella, e mostrando-lhes as ruas cobertas de povo, que clamava em altas vozes: *viva o nosso Principe, e a Real Casa de Bragança*; *morrão os Francezes*, e tambem se ouvia: *viva o nosso General. Alli tem o que he*, lhes disse Sepulveda; *vejão se se atrevem a accommodar todo este povo.*

Não

Não houve réplica, porque esta resposta a não admittia. 1808 Junho.

Sanccionado com prazer pelo General este glorioso acto, seguírão-se salvas Reaes, e nessa noite, e nas seguintes se illuminou toda a cidade; sem outra alguma ordem, ou insinuação, que o exemplo do mesmo General, e dos outros patriotas, que com elle se tinhão posto á frente. Começou tambem desde logo a cuidar-se no essencial, que era procurar armas, e soldados, providenciar os meios de sustentar a tropa, e consolidar a revolução.

O General pois fez trabalhar incessantemente no concerto de huma porção de armamento velho, que havia na cidade, em quanto se não podia conduzir de Chaves o que alli se achava. Publicou hum edital datado do mesmo dia 11, por onde chamava ás armas todos os Trasmontanos, e principalmente os militares, que tinhão obtido baixas no tempo do governo intruso, obrigando-os a se reunirem aos seus corpos, e perdoava, em nome do Principe

Re-

1808 Junho. Regente, o crime de deserção simples a todos os que nelle se achassem comprehendidos, com tanto que se apresentassem no termo de 15 dias. Expedio ordens aos Governadores, e Capitães móres da provincia, para fazerem a acclamação nos seus respectivos territorios, e para que toda a paizanagem se pozesse prompta a combater o inimigo; se intentasse invasão. Ordenou tambem com particular cuidado, que se cortasse a communicação das barcas do Douro, para embaraçar ao inimigo a sua passagem, se a tentasse da parte de Almeida.

O dia 12 principiou pelas ceremonias religiosas, assistindo o General com o seu estado maior, a camara, nobreza, e povo á acção de graças, que se celebrou na cathedral, em que orou o Governador do Bispado Paulo Miguel Rodrigues de Moraes, hum dos homens, que trabalhárão com grande zelo nesta empreza, e com muita utilidade, inflammando os póvos, e especialmente o corpo do clero, com a sua authori-

da-

dade, e persuasões, e por meio de ordens, que expedio a todos os Parocos do bispado. Ahi mesmo se ornárão todos com o tope nacional, os ecclesiasticos sobre o peito, os seculares no chapéo. 1808 Junho.

Voltárão depois a continuar as suas fadigas militares, de que o objecto principal consistia então em reorganizar, e armar os regimentos de linha, e milicias da provincia. Começou-se pelo de infanteria n.º 24, debaixo do commando do Capitão Bernardo de Figueredo Sarmento, que pelo seu comportamento, e trabalhos merece huma memoria honrosa, e pelo de cavallaria n.º 12, debaixo do commando do seu Coronel Amaro Vicente Pavão de Sousa. A necessidade augmenta prodigiosamente as forças do homem: Sepulveda, velho, e doente trabalhava, como faria hum moço robusto; mas elle se achava rodeado de hum grande número de fiéis Portuguezes, que o ajudavão com todas as suas forças; e devem contar-se neste número, seus filhos, seus genros,

1808 Junho. ros, e em huma palavra toda a sua familia.

Tal era o estado das cousas em Bragança, quando chegou novo correio do Porto, que em lugar de noticias lisongeiras, que se esperavão com alvoroço, trouxe as ameaçadoras cartas de Herman, e Lagarde, e a certeza de que em Lisboa não tinha havido novidade, e o Porto tinha reentrado nos ferros. O terror produzio promptamente os seus effeitos, hum dos quaes he aumentar extraordinariamente a idéa do perigo: reflectio-se sobre a insufficiencia dos meios de defeza contra os exercitos do conquistador, nas vinganças de Junot, e no abandono, em que se consideravão aquelles póvos, tendo dado hum passo tão arriscado, que não constava, que outros imitassem; olhava-se para Almeida, e se imaginava a todo instante, que a divisão de Loison cahia sobre Bragança; e para maior desgraça, corrião noticias confusas do exercito de Bessieres, o qual por esse tempo assollava a alta Castella, que erão bem

bem capazes de produzirem novos sustos. 1808 Junho.

Os espiritos pois vacillárão de tal modo, que alguns daquelles mesmos, que ao principio se havião mostrado mais resolutos, cahírão na fraqueza de propôrem ao General, que se humilhasse perante o governo intruso. E quando estes assim pensavão, que farião os outros, que desde os primeiros momentos tinhão manifestado a sua timidez? Formárão huma conspiração contra o General, e contra os outros motores da revolução; e como alguns delles se achavão armados com a jurisdicção, abrírão huma devassa contra os mesmos General, e mais patriotas, projectando nada menos, que o criminallos, e prendellos, para se livrarem a si proprios. A crise era arriscada, e o General se tirou della por hum lance de prudencia; tendo chegado a pontos de dar algumas providencias, para se refugiar na Hespanha, se tanto fosse necessario.

Congregou-se na sua presença hum ajuntamento das pessoas principaes, que

1808 Junho. que tinhão figurado na acção, para se deliberar o que devia obrar-se; e fallando cada hum segundo o seu modo de pensar, Francisco de Figueredo Sarmento (hum dos genros do General) representou com energia a alternativa, em que se achavão, de morrerem ás mãos dos Francezes com ignominia, ou sustentarem a revolução com huma resistencia heroica; e apoiou intrepidamente este ultimo partido, como o unico, que convinha adoptar. O General, pensando como elle, e sustentando, que não tinhão outro meio de salvar as vidas, senão resistindo, contemporizou destramente com os authores da contra-revolução, subscrevendo á proposta, que importunamente lhe fazião como meio conciliatorio de escreverem cartas ao governo intruso, humilhando-se-lhe, e dando-lhe por desculpa, que todos os actos até alli praticados tinhão sido de absoluta necessidade, para suspender os movimentos do povo em tumulto; que as salvas, e luminarias não tiverão outro objecto, que a festividade de Santo Antonio.

Dis-

Disse-lhe pois o General, que escrevessem, e lhe fizessem tambem o borrão, para a sua carta, o que elles praticárão; e ajuntando-se á noite em casa do mesmo General, este lha apresentou já posta em limpo. Era tal a precipitação, em que elles se achavão, que depois de a lerem, passárão a fechalla, sem advertirem, que estava ainda por assinar: fechárão tambem as suas, e quizerão deixallas ao General, para que as mandasse lançar no correio, ao que este não annuio, dizendo-lhes muito a proposito, que as levassem todas, e as lançassem no correio; pois que tinhão de passar-lhe pela porta, para se recolherem a suas casas; mas por baixo de capa mandou ordem ao administrador, para que não remettesse a sua, não obstante faltar-lhe a assinatura. Digo, que esta lhe faltava, por fé do proprio General, que o attesta; e eu o acredito, não só pela persuasão, em que estou da sua honra, e verdade; mas tambem porque se assim não fosse, a mesma carta o desmentiria, pois 1808 Junho.

1808 Junho. existe, e elle o sabe, em poder de hum homem, que lhe disputa vivamente as honras da primazia na restauração, sendo na verdade hum dos que mais se destinguírão nesta obra.

He o Abbade de Carrazedo, em cuja casa estava, como disse, a administração do correio, quem conserva a carta, e não ha muito tempo, que eu a vi nas suas mãos cerrada, e lacrada com sobrescrito do General para o ministerio da guerra do tempo do governo intruso. Para dizer, que he a propria carta da questão, tenho, além dos outros fundamentos, o testemunho do mesmo Abbade, que acredito sem repugnancia; porque por isso mesmo que elle disputa a primazia ao General, mais lhe convinha occultar, do que produzir este documento, em que muito se tem fallado; porque produzindo-o, ratifica a idéa de que não chegou a ter effeito; e occultando-o deixaria sempre em dúvida, se o teve, e se o General retrocedeo nos seus honrados projectos. (*)

Que

(*) A controversia entre o General, e o

Que não retrocedeo, lhe huma verdade demonstrada pelos factos; pois não houve intermittencia na expedição das suas ordens, e execução dos planos, que se havião traçado. Animem-me, ajudem-me, dizia este honrado velho aos honrados patriotas, que o rodeavão: elles o animárão, e ajudárão, e a revolução fez progressos; não só por toda a provincia Transmontana; mas tambem nas d'Entre-Douro e Minho, e Beira alta, concorrendo muito para este 1808 Junho.

Abbade parece-me huma questão sem sugeito. O Abbade, recebendo primeiro as noticias do Porto, teve tambem occasião de levantar primeiro a voz; mas elle mesmo reconheceo a necessidade, ou pelo menos a importancia da authoridade do General, indo logo procural-o com as mais pessoas, que o acompanhárão O General principiou immediatamente a expedir ordens, e foi reconhecido por todos, como chéfe da revolução (qual outro o poderia ser na sua presença?) mas os actos forão tão seguidos, se continuados, tão uniformes os sentimentos, e propagárão-se com tanta rapidez as vozes da restauração, que se póde dizer, que não houve senão hum acclamador, que foi o povo de Bragança.

1808 Junho. fim, não só o exemplo; mas tambem as participações, e convites de Sepulveda aos respectivos Generaes, e Governadores.

Desde o dia 15 se tinha fallado em huma junta de governo; mas sómente veio a formar-se a 21, quando a revolução já estava muito adiantada; e denominando-se ao principio suprema, tomou depois o titulo mais modesto de provincial, para não chocar com a que dois dias antes se havia estabelecido no Porto, como direi. Sepulveda foi o seu Presidente; e para ella se transferio realmente toda a administração, e poder supremo nos negocios da provincia, em nome de S. A. R. o Principe Regente; mas as suas determinações não forão sempre respeitadas em todas as terras, como mostrará a série dos factos.

He do mesmo dia hum segundo edital de Sepulveda, pelo qual chamou novamente ás armas, e com mais ampla generalidade a todos os Transmontanos, sem excepção de pessoa, contra o inimigo commum; trazendo-

do-lhes á memoria os feitos dos antigos Portuguezes, e pondo-lhes diante dos olhos o exemplo dos Hespanhoes. Pelo mesmo edital ordenou, que todos os Francezes, de qualquer graduação que fossem, existentes nos limites da provincia, sahissem della no termo de tres dias, com a comminação de serem havidos por espias, e punidos na conformidade das leis, com sequestro de seus bens por via de reprezalia. E contando já com a completa insurreição de todo o norte do Douro, estabeleceo a sua linha de defeza neste rio, e tratou de formar hum plano de operações ulteriores, combinado com os Hespanhoes, abrindo para isso correspondencias com o General Pignatelli, que commandava em Zamora, e com de la Cuesta, então Capitão-general da Castella.

1808 Junho.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XII.

Restauração de Villa Real, e contestações entre Sepulveda, e Silveira. Restauração da comarca da Torre de Moncorvo; estabelecimento da junta da segurança, e administração publica; suas primeiras operações, e controversias, que teve com a de Bragança.

LE-se em huma relação impressa na Minerva Lusitana de 21 de julho de 1808, que a 16 de junho forão reconhecidos em Villa-Real, primeiro do que em alguma outra parte, os direitos do nosso augusto Principe, e rompido o vergonhoso grilhão Francez, que nos opprimia. Não he verdade, nós o temos visto, que Villa-Real fosse a primeira em sacudir o jugo, e restituir-se ao governo legitimo: mesmo sem sahir da provincia, e sem fallar em Bra-

gan-

gança, muitas outras terras lhe precedêrão, como Miranda, que se declarou a 13, Ruivães a 14. &c. 1808 Junho.

As suas pertenções de preferencia sobre Bragança fundão-se na supposta idéa, de que os acclamadores desta cidade havião retrocedido; idéa, que parecia confirmada por aquellas memoraveis cartas, de que fallei ha hum momento, as quaes forão interceptadas em Villa-Real; mas a cobardia, e a deserção de dois, ou tres homens tímidos não prejudica ao valor, e firmeza de hum povo inteiro, que continuou, e consummou a restauração.

O Tenente-Coronel de cavallaria (hoje Marechal de campo) Francisco da Silveira Pinto da Fonseca foi hum dos officiaes militares, que Sepulveda chamou junto a si, logo desde os primeiros momentos da restauração; e Silveira, irresoluto ainda, deixou-se ficar em Villa-Real, onde se achava; apenas porém alli rompeo a revolução, pôz-se á frente della. Villa-Real tornando-se a émula de Bragança, Silveira foi o competidor

de

1808 Junho. de Sepulveda : fez-se independente deste General , e declarou-se chéfe da revolução. He assim que começou a sua carreira hum General illustre , que depois se tem assinalado por tão destinctos serviços , como tem feito ao Soberano , e á patria na segunda restauração de Chaves , na defeza das provincias do norte , na Galliza mesmo , e na Beira alta , onde neste momento está servindo de barreira á entrada de novos reforços do inimigo , e cortando as communicações a Massena.

Não cumprio as determinações de Sepulveda , e Sepulveda chegou ao ponto de enviar o Brigadeiro (hoje Tenente-general) Manoel Pinto Bacellar , para o prender. Bacellar contemporizou , pensando poder reduzir as cousas á devida ordem , sem tocar os extremos : não o conseguio , e entretanto Silveira passou o Douro ; não como hum fugitivo , que intentava subtrahir-se ao castigo ; mas como hum patriota zeloso , e hum militar affoito , que ia levar o estandarte da independencia nacional ás ter-

terras da Beira, de que algumas já reconhecião o governo legitimo, e muitas ainda soffrião o jugo. 1808 Junho.

A prudencia do Bispo do Porto, e da junta suprema do governo, e tambem o tempo, que tudo adoça, puzerão felizmente o termo a estas contestações, sem aquellas grandes consequencias, que podião ser o seu resultado. Erão contestações entre dois homens, que animados de iguaes sentimentos, e desejando constantemente o bem, não devião jámais separar-se nas suas operações: destas a disposição pertencia inquestionavelmente ao General, e a execução religiosa aos subalternos; mas como todo o principio, por mais verdadeiro que seja, admitte variedades na sua applicação aos factos, pela das circumstancias, que o determinão, eu me não constituirei Juiz nesta causa, não cessando com tudo de clamar contra hum monstro, que sendo hum inimigo eterno de toda a ordem social, destruindo todos os planos, todas as combinações as mais bem entendidas, he huma das primei-

1808 Junho. meiras causas dos desconcertos moraes deste pobre mundo, que habitamos, e augmenta terrivelmente as calamidades da especie humana: *Maldita discordia, possão os homens estar sempre prevenidos contra os teus venenos*! Continuemos com a revolução, e antes de sahirmos da provincia de Tras-os-montes, fixemos hum pouco os olhos sobre a Torre de Moncorvo.

Na extremidade mais oriental desta provincia, hum pouco a baixo de Zamora, o Douro, descendo pelo reino de Leão, vem tocar o terreno de Portugal, e banhando os muros da cidade de Miranda, toma a direcção de nordeste a sudoeste até o confluente do Agueda, defronte do castello d'Alva, formando sempre a divisão dos dois reinos. Aqui se entranha em terras de Portugal, tomando o caminho do noroeste, e forma huma curva, que se aproxima a hum angulo recto, recebendo successivamente da parte do norte as aguas do Sabor, do Tua, e de outros rios, que offerecem por toda a

par-

parte, principalmente o Douro, margens escarpadas de difficilissimo accesso, e correntes precipitadas, que só dão passagem em algumas barcas. He dentro desta curva, e por entre estes rios, que se estende a comarca da Torre de Moncorvo, paiz muito fertil, e agradavel no interior, e valado no exterior com estas fortes trincheiras, que a natureza lhe concedeo: a cabeça da comarca está situada muito perto da fós do Sabor. 1808 Junho.

Na verdade os seus habitantes não forão dos primeiros em soltar os vivas da acclamação; mas o que perdêrão em tempo, elles o ganhárão, na combinação, e acerto das suas providencias, no estabelecimento da sua junta, que principiou por acautelar abusos, que as outras nunca pudérão evitar. Preparou-se a revolução nos dias 17, e 18 de junho, apprehendendo-se as barcas do Douro desde a fós do Agueda até ao do Sabor, para se evitar a passagem aos Francezes d'Almeida, se tentassem algum repentino ingresso no paiz. Na barca de Alva houve huma pequena op-

1808 Junho. opposição, que facilmente venceo hum Capitão de ordenanças á frente de 60 caçadores, mandando passar o rio a dois resolutos nadadores, que na margem opposta a forão aprehender, e metter no fundo. A 19 ficou consummada a revolução, pela sancção de hum numeroso congresso da camara, clero, nobreza, e povo. Seguírão-se immediatamente as demonstrações públicas do prazer geral, e disposições para o armamento do povo, taes quaes permittião as circumstancias de huma terra, onde os meios erão muito limitados.

A 24 se congregárão as ordenanças, para hum alarde geral; e nesta occasião o Capitão mór aggregado, João Carlos de Oliveira Pimentel, recitou, por ordem da camara, huma proclamação patriotica, que incitava os póvos a tomarem as armas em defeza do Soberano, e da patria, lembrando-lhes, além dos motivos geraes, outros particulares áquella villa, deduzidos de antigos feitos, praticados pelos seus habitantes, especialmente nas épocas d'El-

Rei

Rei D. João I., e d'ElRei D. João IV. 1808 Junho.

Este grande ajuntamento, diz hum certo papel official (*) *huma temerosa multidão de povo* potus, & exlex *fez conhecer aos observadores, que a convulsão patriotica precisava de hum prudente sedativo, para não degenerar em frenesi, e furor ruinoso; o mais obvio era o corpo dos magistrados; mas esta villa não tem Juiz de fóra ha mais de hum anno, o Corregedor, e Provedor, sendo certo que sabião o que se passava na cabeça da comarca, não se havião recolhido a ella immediatamente.* Coherentemente a este principio resolvêrão o clero, e nobreza hum congresso geral dos habitantes, para na manhã seguinte (de 25) estabelecerem huma fórma de administração, que, suprindo a falta, e ausencia dos ministros

(*) *Reflexões* feitas pela junta da Torre de Moncorvo ao Bispo do Porto no 1° de agosto de 1808, impressas na *continuação dos papeis* officiaes da mesma junta.

1808 Junho. nistros, conciliasse a união das mais villas da comarca, onde, havendo menos instrucção, era grande o odio contra os mesmos ministros.

Ajuntou-se o congresso perante a camara, estando tambem presentes o Desembargador Vigario Geral com o seu clero, e a nobreza. Foi o resultado a erecção da junta da segurança, e administração pública, composta de hum Prezidente, e quatro Deputados, que logo forão eleitos por pluralidade de votos. O Desembargador Conselheiro Thomás Ignacio de Moraes Sarmento se achava felizmente na Torre de Moncorvo, onde tem a sua casa: unindo ás suas virtudes, e aos seus estudos huma grande experiencia do mundo, elle foi a alma de todas estas operações, e das mais, que se seguírão a bem da causa geral; conferírão-lhe a presidencia da junta, e nesta qualidade ficou dirigindo, e manejando o novo governo.

A constituição reduzia-se essencialmente aos seguintes pontos: 1.° Que nella residiria todo o poder, e al-

alçada, e a ella ficarião sujeita todas as authoridades constituidas da comarca: 2.º Que igualmente lhe competiria a administração da fazenda Real, e a authoridade de lançar collectas, e imposições para a defeza do destricto; 3.º Que a sua jurisdicção se estenderia a toda a comarca, e se enviarião as cópias necessarias a todas as authoridades subalternas, para assim o entenderem, e executarem: 4.º Que a sua duração persistiria até o restabelecimento da Regencia, e da harmonia politica entre as provincias do reino. De tudo isto se lavrou hum auto, que os constituintes assinárão, obrigando-se debaixo da sua honra a obedecerem, e respeitarem a junta. 1808 Junho.

Vê-se bem por esta mesma constituição, que a junta principiou, sem reconhecer superioridade a outra alguma: com tudo ella se submetteo voluntariamente á do Porto, logo que lhe foi participada a sua creação em hum officio do Chanceller, que servia de Governador da Relação daquella cidade, datado do dia

1808 Junho. 19. Este officio era dirigido ao Corregedor da comarca em fórma circular; mas vendo-se iniciado o sobrescrito debaixo do nome do Principe Regente, e achando-se o Corregedor em distancia de 12 leguas, a alegria, e o enthusiasmo não permittirão mais demoras: o Prezidente da junta passou a abrillo, com assistencia da principal nobreza; o que aconteceo logo na tarde do dia 25, em que a mesma junta foi creada, instalada, e entrou no exercicio das suas funções. A 27 lhe deo o Prezidente a competente resposta, informando ao Chanceller dos acontecimentos daquella comarca, e accrescentando, que como naquella junta da Torre de Moncorvo não havia ambição de mandar, ella se declarava subalterna á do Porto; e até se dissolveria, se para isso tivesse ordem.

Não foi porém tão docil com a de Bragança, á qual nunca quiz reconhecer superioridade; e passando a formar-se outras juntas subalternas em outras terras da comarca, e provincia, fizerão hum scisma. As villas de Mi-

ran-

randella, e Alfandega da fé unirão-se á Torre de Moncorvo, como cabeça da comarca, por seus actos de adhesão, aquella em 30 de junho, esta em 12 de julho. Freixo de Espada á cinta unio-se a Bragança, em consequencia de huma ordem circular de Sepulveda, datada de 21 de junho, pela qual determinava, que todas as villas, que tem assento em cortes, mandassem cada huma seu Deputado, para residir na junta provincial de Bragança. Esta tentou por muitos modos converter a da Torre de Moncorvo, para que a reconhecesse, como superior, e entrasse no seu gremio, enviando-lhe para este fim com proposições hum dos seus proprios membros, o Bacharel Pedro Alvares Gato; mas não póde obter, senão offertas de fraternidade. 1808 Junho.

Logo no dia 26 de junho fez a junta da Torre lançar hum bando, que tambem se mandou affixar nas outras villas da comarca, ordenando aos póvos se abstivessem de toda a violencia, e procedimento de facto; pena de serem prezos os infractores,

1808 Junho. e remettidos com processo verbal á junta do Porto, para serem punidos, como perturbadores da ordem pública. He o passo por onde devião principiar todas as outras juntas, e que poucas derão. Passou depois a pedir soccorros ao General Sepulveda, representando-lhe, que seria conveniente vir estabelecer o seu quartel junto ao Douro, onde a sua presença se fazia mais necessaria do que em Bragança, a abrir communicações com o governo Hespanhol de Ciudad Rodrigo, e dar as mais energicas providencias a bem da causa pública. Devo aqui suspender os successos da provincia Transmontana, para voltar aos d'Entre-Douro e Minho, que tem ficado atrazados.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XIII.

Revolução na provincia d'Entre Douro, e Minho; restauração de Guimarães, e Porto; movimentos desta cidade; estabelecimento da junta provisional do governo supremo; seu acordo com a de Bragança, agitações, e extinção desta ultima.

DO Porto tinhão sahido as faiscas da revolução, que forão atear o fogo em Bragança, e em toda a provincia de Tras-os-montes; de Bragança reverberárão as labaredas para o Porto. Sepulveda escreveo ao General Gonçalo Pereira Caldas, que então governava as armas d'Entre Douro e Minho, convidando-o a seguir o seu exemplo, fazendo acclamar o legitimo Soberano; e Caldas, ainda que não foi author da revolução, a promovia debaixo de mão, como honrado Portuguez: era porém mui-

1808 Junho. to difficil levantar-se a provincia, sem a concorrencia da sua capital, onde o tímido Luiz de Oliveira sustentava o nome Francez, bem a pezar dos póvos, e das poucas tropas, que lhe obedecião. Para sustentar a sua authoridade vacillante, Oliveira se vio precisado a recorrer ás milicias desorganizadas dos regimentos do Porto, Penafiel, e Maia; mas os póvos se impacientavão cada vez mais com o jugo, e só os continha o medo de verem entrar a todo o momento tropas inimigas, segundo as ameaças de Junot, Herman, e Lagarde: o exemplo dos Transmontanos acceleron o rompimento.

No dia de Corpo de Deos (16 de junho) já se manifestárão os indicios. Queria o Governador, que as milicias, que devião acompanhar a procissão, levassem as aguias Francezas, em lugar da bandeira Portugueza; e ellas o recusárão tão vigorosamente, que para socegarem, foi necessario mandarem-se ir neste acto sómente algumas companhias, sem bandeira, nem Portugueza, nem Fran-

Franceza. O povo andava já em magotes, e appareceo affixada huma proclamação anonyma, que se dirigia a estimular a sua fidelidade, e patriotismo; e depois se soube, que tinha sido posta por hum filho do Desembargador José Feliciano da Rocha Gameiro. 1808 Junho.

Em Guimarães tambem houverão algumas disposições no dia 17; mas tanto nesta villa, como no Porto se effeituou formalmente a revolução a 18. Os de Guimarães pertendem a primazia, porque levantárão a voz da acclamação pelas 4 horas da tarde, e no Porto sómente pelas 7. (*) Não sei se houve esta differença de horas mas he certo, que todos se illustrárão, e que a verdadeira primazia consiste na melhor disposição dos espiritos, nos maiores, e mais relevantes serviços.

O Corregedor Antonio Manoel Borges, e Monsenhor Miranda forão os principaes agentes desta grande

(*) *Minerva Lusit.* de 12 de outubro de 1809.

1808 Junho. de obra em Guimarães, aggregando-se-lhes immediatamente os outros magistrados, o clero, e nobreza: o povo estava sempre prompto. No Porto brotou a revolução, como por si mesma, sendo o resultado da vontade geral do povo, que a authoridade pública mais depressa impedia, do que auxiliava, e que tinha de romper na primeira aberta, que achasse, independentemente de planos, e de chéfes. Eu quizera fazer huma descripção exacta, e circumstanciada dos memoraveis successos do Porto nos dias 18, e 19; mas isso será apenas dado a quem os presenciasse: informações não bastão. Conhecer a indole do coração humano; seguir, e analysar o desenvolvimento das suas paixões, he hum dos objectos mais uteis, em que a filosofia se tem empregado; mas não he menos util, e tem maiores difficuldades conhecer a indole dos ajuntamentos populares, e seguir a marcha dos seus movimentos, porque interessa em grande ao genero humano; e sendo hum objecto mui variado, se apresenta menos;

nos vezes á contemplação do observador. Se os filosofos tivessem profundado tanto este estudo, como a do coração do homem em particular, talvez que se não derramasse tanto sangue, como tem corrido nos ultimos 20 annos. 1808 Junho.

Espalhou-se a noticia de que hum corpo de tropa Franceza marchava para o Porto pela estrada de Coimbra, e estava já muito perto de Oliveira de azemeis. Erão então muito frequentes por todo o reino os boatos de tropa inimiga, espalhados maliciosamente, para conter os póvos; e este podia ter o fim particular de divertir os Portuenses por aquelle lado, em quanto pelo outro marchava de Almeida o General Loison com a sua columna: com tudo ainda não he liquido, se Junot teria destinado alguma força, para seguir aquella estrada, e ir reunir-se no Porto a Loison. Parece que o Juiz de fóra de Oliveira de azemeis teve ordem para lhe apromptar rações; e he certo que este ministro, por lhe faltarem os meios no seu destricto, recorreo

a

1808 Junho. a Luiz de Oliveira, que lhe mandou apromptar pão do assento do Porto para municiar aquelle corpo, verdadeiro, ou fantastico.

Apromptar o pão para os Francezes no meio de huma cidade populosa, já em principios de revolução contra elles, era o mesmo que atear o fogo; muito principalmente quando os artilheiros Portuguezes se queixavão de que se lhes faltava com elle. O povo alterou-se junto ao assento na tarde do dia 18, quando se estavão carregando os carros; e misturando-se no ajuntamento alguns dos artilheiros, hum delles levantou a voz, e disse, que só para os Portuguezes não havia pão; ao que hum dos Francezes, que trabalhavão no assento (erão dos que tinhão escapado á caçada do dia 6) respondeo com insolencia, e o artilheiro lhe replicou com huma grande pancada de coronha na cara. Corrêrão mais artilheiros Portuguezes, correo povo, e no meio deste reboliço os Francezes forão prezos, e conduzidos á guarda da Ribeira, que os recebeo,

sem

sem saber para que fim, nem com que ordem. 1808 Junho.

A este tempo já o capitão de artilheria João Manoel de Mariz se achava com alguma gente do seu partido nos quarteis de Santo Ovidio, onde era o deposito principal d'artilheria, movendo as peças, e tinha alli concorrido maior ajuntamento de povo, que estava em suspensão, por ignorar o motivo, e o fim destes movimentos. Cessou de repente a expectação, e a dúvida, ouvindo-se hum *viva* ao Principe Regente, que foi respondido com mil *vivas* deste povo enthusiasmado, e vendo-se arvorada huma bandeira Portugueza, conduzida por hum armador chamado Joaquim. Abrem-se os arsenaes, e se dão armas, e cartuxos a quem se apresenta: dispõe-se quatro peças de campanha, que Mariz já tinha promptas a darem fogo, e se repartem no serviço dellas 30 artilheiros, cobrindo a frente, e a retaguarda de dois pelotões, que restavão, de 10 homens cada hum, para prevenirem toda a opposição; e com

es-

1808 Junho. este apparato respeitavel, marchão pelas ruas da cidade, com direcção á Ribeira, fazendo retinir incessantemente o nome de S. A. R., e as vozes da acclamação. Os officiaes de linha, que se encontrão, vão-se reunindo, e prestando mutuamente juramentos, que excitão fogo, e ternura; alguns corpos de milicias, irresolutos ao principio pela novidade dos acontecimentos, determinão-se em fim, e não ha huma só voz, que encontre as vozes da restauração.

Junto ao convento de S. Domingos apparece o famoso Raymundo José Pinheiro, que se tinha conservado occulto em huma quinta, distante do Porto meia legua, e aumenta o rebolico com 19 Hespanhoes, que conduzia, armados, como elle, de clavinas, com mantas ás costas, e cobertos de poeira, como quem vinha de huma grande jornada, dando novos vivas, e gritando, que ahi vinha o exercito. Com effeito nos dias seguintes entrárão mais huns poucos de Hespanhoes estropeados, que, como os primeiros, tinhão fi-

ca-

cado escondidos em Portugal, e indo em retirada para Hespanha, voltárão com a noticia dos novos successos. Conheceo-se então, que o exercito Hespanhol de Raymundo não era mais que hum estratagema, para mover os póvos, e dar principio á revolução. 1808 Junho.

Era quasi sol posto quando a comitiva chegou á Ribeira. Cuidou-se logo em collocar a bandeira, e assestar artilheria na ponte, em se guarnecerem as estradas, por onde o inimigo podia vir, e se mandarem algumas peças para as alturas de Villa-nova. Esta ultima operação era difficil; mas venceo-se á custa de muito trabalho. Hum frade Dominicano, que sahíra do seu convento com a espada no punho, habito levantado, e mangas arregaçadas, investe aos tirantes, outros frades, clerigos, e mulheres o imitão, e as peças são conduzidas, e collocadas, servindo de principio ao campo de Santo Ovidio, de que Raymundo era o commandante. Foi nesta obra que melhor se manifestou o ardor, e patrio-

tis-

1808 Junho. tismo dos póvos: não deixarei esquecido o Abbade de S. Christovão, D. João de N. Senhora do Pilar, que para ella apromptou logo nessa noite mais de cem carros, e no dia seguinte mandou huma grande quantidade de pão para municiamento da tropa.

Com tudo nem todos se occupárão nestes objectos. Alguns ajuntamentos de povo corrião as ruas com gritarias, batendo ás portas dos conventos, e das igrejas, para fazerem tocar os sinos, disparando tiros, tocando caixas, e outros instrumentos bellicos; e entrando pelas casas, que lhes erão suspeitas, ou onde soppunhão algum Francez. Principiava a manifestar-se o espirito de vertigem, que raras vezes deixa de encontrar-se nos grandes ajuntamentos, e a conhecer-se o perigo de armar indestinctamente o povo; mas he assim que de ordinario se fazem as revoluções, e felizmente naquelle dia não houve sangue. Saciou-se o povo em fazer prizões, de que algumas forão depois desapprovadas pelo governo.

Luiz

Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, Tenente-coronel do Real corpo dos Engenheiros, era hum dos que o povo olhava mal, porque tinha estado no serviço Francez junto a Quesnel, e depois ás ordens de Luiz de Oliveira. Elle se tinha aggregado a Mariz, logo desde os primeiros momentos da restauração, fazendo causa commum com este, e com os mais acclamadores; o que não foi bastante para que o povo se não conspirasse contra elle, prendendo-o, insultando-o, e dispondo-se para o assassinar. Houve quem o livrasse de tão arriscado lance, representando, que era hum homem muito util, pelos seus talentos, e pericia militar. 1808 Junho.

Nessa mesma noite se tratou já na cazinha da ponte do estabelecimento de hum governo, que podesse sogeitar a hum plano regular o que até alli não tinhão sido, senão movimentos tumultuarios; e chegárão mesmo a fazer-se relações dos vogaes, que nelle havião de entrar; mas em quanto se agitava este im-

por-

1808 Junho. portantissimo objecto, e o Juiz de fóra com os dois vereadores, que tinhão concorrido ao congresso do dia 6, se achavão juntos no paço do conselho, animando a revolução, e procurando metter as cousas na ordem, se recebem avisos de que os Francezes já estavão em Grijo, a 3 leguas do Porto. Propôz-se se seria mais conveniente ir alli mesmo atacallos, se esperallos nas alturas de Villa-nova; e resolveo-se, que era melhor ir atacallos, sendo provavel, que, fatigados da jornada, e apanhados de improviso, poderião fazer menos resistencia. Hum troço de gente se põe a caminho, e franqueando aquellas tres leguas com huma velocidade incrivel, não achou em Grijo senão alguns passageiros, que lhe derão a noticia de que em toda a estrada desde Coimbra, d'onde tinhão vindo, não havia rumor de que se aproximassem inimigos.

Era isto sobre a madrugada do dia 19, e a essa mesma hora voltárão os nossos guerreiros para o campo de Santo Ovidio, tão contentes co-

como se tivessem ganhado huma grande victoria. Os militares ahi jurárão sobre as espadas defenderem a nossa independencia, a religião, e o Soberano; e formou-se depois hum novo, e mais luzido ajuntamento, composto de pessoas de todas as classes, convocadas a toque do sino da camara, e por magotes de gente, que vagava pelas ruas: os guerreiros sahírão daquelle campo com duas peças carregadas, e promptas a dar fogo: muito povo os seguia, e se encaminhárão ao paço episcopal, onde devião organizar o novo governo. Parárão á porta, e fazendo annunciar ao Bispo o fim, para que ião, este appareceo, depois de huma pequena demora, lançou a benção ao povo, desceo, beijou as bandeiras, e se fez seguir de toda aquella comitiva até á igreja cathedral, onde primeiro se implorou o auxilio do Omnipotente, e depois se voltou para o paço a tratar do mais. 1808 Junho.

Forão examinadas, e apuradas as nomeações vagas dos que ião d'antemão designados para o governo, e se ap-

1808 Junho. approvárão alguns, ficando excluidos outros, por parecer grande o número; e por esta fórma se estabeleceo a *Junta* denominada *Provisional do Supremo Governo*, de que o Bispo ficou sendo cabeça, com o titulo de *Presidente Governador*; e membros por parte do corpo ecclesiastico o Provisor do Bispado Manoel Lopes Loureiro, e o Vigario Geral José Dias de Oliveira; do corpo da magistratura o Desembargador Juiz da Corôa José de Mello Freire, e o Desembargador dos aggravos Luiz de Sequeira da Gama Ayala; do corpo militar o Sargento-mór Antonio da Silva Pinto, e o Capitão João Manoel de Mariz; do corpo dos cidadãos Antonio Mattheus Freire de Andrade, e Antonio Ribeiro Braga.

Nesta occasião principiou o descontentamento de Luiz Candido, recebendo como huma affronta o não ser contemplado no governo supremo; e muito mais, quando vio que se entregou o das armas a José Cardoso de Menezes Souto-maior, Coronel aggregado ao 1.º regimento do

Por-

Porto. Luiz Candido o ambicionou, querendo fazer valer os seus talentos, e os serviços do dia precedente; mas foi repellida a sua pertenção, com o fundamento de que, quando se tratava de se restituirem o governo legitimo as leis, usos, e costumes do reino, se não devia principiar por huma violação das mesmas leis: José Cardoso era o official da patente maior, e mais antiga entre os que se achavão presentes; e era por tanto a quem de direito se devolvia o governo interino das armas. Ficou pois Luiz Candido sem commandancia alguma authorizada pelo governo, mas com bastante poder para vingar-se desta supposta injúria, porque conservou huma grande influencia para com o acclamador Mariz, a quem foi encarregado o commandar a artilheria. Veremos a seu tempo os resultados, que daqui sahírão. 1808 Junho.

Ao meio-dia se annunciou o estabelecimento do governo por repiques de sinos, e de tarde por hum bando magestoso, que correo as ruas da cidade, e por hum manifesto,

1808 Junho. que se publicou por editaes, e se remetteo em fórma circular ás authoridades de todas as terras do reino, que estavão ao alcance da junta. Este manifesto he digno de se perpetuar na historia, e faz honra á junta, pela sua moderação, desmentindo as arguições mal intencionadas de alguns, que tem querido persuadir, que a mesma junta arrogára de tal fórma o poder absoluto, que queria fazer-se independente do governo estabelecido pelo Soberano na capital do reino; quando pelo contrario ella declarou, que exercitaria a Real Authoridade do nosso legitimo Soberano plena, e independentemente, *em quanto não fosse restituido o governo instituido neste reino por S. A. R.* He na fórma seguinte:

Manifesto.

EM nome do Principe Regente de Portugal: a Junta provisional do supremo governo da cidade do Porto: faz saber a todos os vassallos do dito senhor, que o gover-

no

no Francez se acha inteiramente abolido, e exterminado deste paiz, e restituida nelle a Real Authoridade do nosso legitimo Soberano, a qual será exercitada plena, e independentemente pela sobredita junta em quanto não for restituido o governo instituido neste reino por S. A. R. Em consequencia do que ordena a mesma junta, que o mesmo Real Senhor seja acclamado, e as suas Reaes Armas descobertas, e respeitadas, como sempre forão, e hão de ser; e que todas as Authoridades constituidas obrem nesta conformidade, expedindo-se todas as ordens no Real nome do dito Senhor. Porto 19 de junho de 1808. Bispo Presidente Governador. 1808 Junho.

A questão seria espinhosa, e traria comsigo primeiro os males da anarquia, e depois a nova sugeição aos usurpadores, se as outras terras do reino, onde já se tinha feito, ou se passou a fazer a restauração, sem dependencia do Porto, duvidassem reconhecer a *Junta provisional do*

1808 Junho. *governo supremo*; mas os póvos forão assás sábios, para se livrarem deste escolho. A'quelle titulo a junta accrescentava as palavras *da cidade do Porto*, como quem não queria arrogar sobre as outras terras a jurisdicção, que lhe não conferissem; mas insinuando-se pela sua mesma modestia, enviando os seus manifestos, e conciliando a vontade geral por si, pela authoridade do seu Presidente, e do Chanceller, que servia de Governador da Relação, o qual officiava em conformidade, e sobre tudo pela urgencia das circumstancias, ella se vio universalmente obedecida nas tres provincias do norte. Mesmo ella recebeo homenagens de algumas terras das provincias do sul, logo que as communicações se abrírão; posto que nesta parte do reino as operações erão separadas.

A junta de Bragança, sendo criada dois dias depois da do Porto, foi a mais efficaz em sustentar prerogativas mas sem azedume, enviando hum dos seus Deputados ao Porto: as questões forão terminadas pelo seguin-

guinte acordo, que ella adoptou, sem difficuldades. 1808 Junho 6

Acordo.

No dia 6 do corrente julho de 1808. *nesta cidade do Porto, e paço Episcopal, estando congregada a junta provisional do governo supremo, compareceo nella Manoel Gonçalves de Miranda, Deputado da junta provincial da provincia de Tras os montes, erecta na cidade de Bragança, segundo mostrou pela credencial assinada pelo Tenente General, Presidente da dita junta, Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, que foi vista, e reconhecida neste acto, e ha de ir junta no fim do mesmo; e logo pelo sobredito Deputado de Tras-os-montes, Manoel Gonçalves de Miranda foi dito, que segundo os poderes, e instrucções, que trazia da sua junta Transmontana, propunha, e offerecia em nome della submetter-se a esta suprema, debaixo das seguintes condições:*

1808 Junho.

1.ª *A junta de Bragança reconhece esta suprema junta do Porto, como depozitaria do poder Real, e supremo do Principe Regente Nosso Senhor, e como tal se submette a ella, em quanto pelo dito Senhor não for ordenada outra forma de governo.*

2.ª *A dita de Bragança continuará as suas funções, como provincial, subordinada á junta suprema do Porto, tendo para com ella toda a responsabilidade das ordens, que por esta ultima lhe forem expedidas.*

3.ª *A dita junta provincial nos casos extraordinarios poderá dar as providencias necessarias para a segurança da provincia, communicando as suas medidas á junta suprema; em consequencia poderá prender os traidores, e espias, (o que he communicado a todas as authoridades) e poderá tomar as precauções convenientes, para suffocar quaesquer germes de insurreição. Remetterá os processos dos inconfidentes a esta junta suprema,*

pa-

para se mandarem sentenciar, e as execuções se farão na provincia para exemplo. 1808 Junho.

4.ª *Haverá na provincia de Tras-os-montes hum cofre, onde entrem as rendas públicas provinciaes, para se satisfazerem do mesmo cofre as despezas concernentes á despeza do exercito. A junta provincial fica encarregada da arrecadação das mesmas rendas, receita, e despeza dellas, de que dará conta a esta junta suprema. Os commissarios, e pagadores, que do dito cofre receberem dinheiros para os pagamentos, darão conta á junta provincial, remettendo huma cópia a esta junta suprema, para se conferir com a conta total do cofre, que lhe ha de ser dada pela junta provincial.*

5.ª *As tropas de Tras-os-montes vencerão o mesmo soldo, pret, e etapa estabelecidos para as d'Entre Douro e Minho, entendendo-se o novo augmento só para as tropas de linha.*

6.ª *Os commandantes, a quem com-*

1808 Junho. *compete, farão as propostas dos officiaes, as quaes virão informadas pela junta provincial, para terem confirmação nesta suprema junta.*

7.ª *A dita junta provincial elegerá hum Deputado, que assista permanente, e tenha voto, como os outros nesta junta suprema.*

8.ª *Estes artigos, sendo admittidos pela junta suprema, deverão ser remettidos á dita junta provincial, para os ratificar, e approvar expressamente, remettendo hum instrumento da sua approvação, e acceitação, assinado por todos os seus membros, a esta junta suprema com a brevidade possivel; e sendo propostos assim os ditos artigos, e deliberando sobre elles esta junta suprema, forão todos por ella acceitos, e approvados com unanimidade de votos, pelos acharem todos uteis, e tendentes ao bom serviço do Principe Regente Nosso Senhor nas actuaes circumstancias. Porto 6 de julho de 1808. Alexandre José Picaluga a fez trasladar, e conferir com o pro-*

proprio original. Bispo Governador = Antonio da Silva Pinto = José Dias de Oliveira = Antonio Mattheus Freire. = Francisco Osorio da Fonseca = José de Mello Freire = Manoel Lopes Loureiro = Luiz Sequeira da Cama = Manoel Gonçalves de Miranda. 1808 Junho.

Apezar deste acordo, as agitações intestinas da junta de Bragança, e as repetidas queixas formadas contra ella á do Porto, e ao Bispo Presidente, fizerão com que este Prelado aconselhasse a Sepulveda a sua dissolução por carta de 12 de julho, e em termos mais fortes por outra de 22. Sepulveda, o Presidente da mesma junta, e o General da provincia, não tinha mesmo assás de authoridade, para fazer entrar as cousas na ordem; e a final os proprios membros della tomárão a resolução de a dissolverem. Mas não adiantemos mais estes successos, e continuemos com os do Porto.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XIV.

Continuão-se os successos do Porto. Conducta, e desgraça do interino Governador das armas; o clero secular, e regular pega em armas, e se fórma em corpo separado, novos movimentos, e tumultos populares; providencias do governo para o restabelecimento da tranquillidade, e sobre outros objectos.

NO mesmo instante em que a junta provisional do governo supremo foi organizada, começou a dar as suas providencias, ampliando, e aperfeiçoando as disposições do dia precedente, e dando á revolução huma fórma regular. O Presidente escreveo huma carta a Sepulveda, em que lhe participava estes successos, e lhe pedia em nome da mesma junta, e de todos os fiéis vassallos do Principe Regente, que lhes mandas-

se

se os soccorros possiveis, principalmente a cavallaria, que podesse dispensar, e hum official da sua escolha, e confidencia, para dirigir as operações de ataque, e defeza. Expedio-se o Visconde de Balsemão ao brigue de S. M. Britanica o eclipse, que ainda cruzava diante da barra, para participar ao seu commandante, que o porto ficava aberto aos Inglezes; ao que elle respondeo com todas as demonstrações de alegria, offerecendo os soccorros, que estivessem em seu poder. 1808 Junho.

Dados estes primeiros passos, e os mais, que as circumstancias exigião, passou o novo governo a lançar as suas vistas sobre hum theatro mais extenso, projectando desde logo a restauração do reino inteiro. Chamou junto a si os ministros, e officiaes militares de maior destincção, e começou huma carreira tão laboriosa, como difficil, a que o Estado deve a salvação.

José Cardoso da sua parte, apenas instalado no commando das armas, cuidou em preencher as obriga-

ga-

1808 Junho. gações deste cargo. Mandava elle logo na tarde do dia 19 algumas ordens secretas a bem da causa geral aos Juizes de fóra de Oliveira de azemeis, e de Recardães, determinando ao portador, que não declarasse a pessoa alguma onde ia, nem porque ordem, o que assim era necessario, por estarem ainda aquellas terras na obediencia aos Francezes; mas não deo as providencias para que o seu transito não fosse embaraçado pelas guardas, que já se achavão estabelecidas na ponte, e em todas as sahidas da cidade, com determinação positiva de não deixarem passar pessoa alguma, sem hum bilhete do governo, assinado pelo seu Presidente. Succedeo-lhe consequentemente o que elle devia esperar: o portador foi embaraçado pelas guardas da ponte, e guardou tão bem o segredo, que não quiz declarar, onde ia, e quem o mandava, por mais que o inquirissem. Derão-lhe huma busca exacta, e lhe achárão as duas cartas para os Juizes de fóra; e estando a pontos de ser descoberta huma outra,

que

que levava mais escondida, pegou nella, e despedaçando-a rápidamente com os dentes, atirou com os fragmentos ao rio. Ainda se apanhárão alguns; porém não se entendeo por elles o que continha a carta. 1808 Junho.

Este mysterioso successo fez presumir traição: o homem foi immediatamente prezo, e conduzido ao Governador, que não querendo revelar o segredo, pensou tirar-se do negocio, dizendo ao povo (já era muito o que o rodeava) que lhe deixassem o prezo, que responderia por elle. Era ignorar com quem lidava. O povo não esteve pela proposta, e para o socegar, foi necessario, que o Governador lhe patenteasse as cartas, que escrevia aos Juizes de fóra: como porém não soubesse explicar o mysterio da outra, que foi rasgada, ficou ainda em peior figura; porque o povo, não só teimou em levar o prezo contra a sua expressa determinação, mas incorreo elle mesmo Governador nas suspeitas de traidor.

O primeiro passo, que deo o po-

1808 Junho. povo, foi conduzir o prezo á cadêa, o segundo foi voltar amotinado á porta do Governador, para tambem o prender. Em vão sahio seu irmão Gaspar Cardoso, para socegar o tumulto: ás suas expressões, persuasivas da innocencia da victima, que se queria immolar, o povo só respondia, que não era nada com elle, que lhe entregasse seu irmão, para ser conduzido ao senhor Bispo, a fim de responder por aquella carta, que se não entendia. Era quasi sol posto, mais de 400 homens armados gritavão cada vez mais contra o Governador, e não haveria remedio senão entregar-lho, pois o tumulto crescia ainda, quando de repente começárão os sinos das igrejas a tocar a rebate, e o povo, ouvindo que o inimigo se avisinhava, correo para se arrostar com elle, e deixou em paz a José Cardoso. Continuou o rebate toda a noite, e o povo, depois de ter corrido inutilmente montes, e vales, voltou fatigado, mas contente, por não encontrar nem sombras de inimigos. Suppôz-se que

es-

este rebate foi hum estratagema dos irmãos de José Cardoso, para o salvarem; e o certo he, que produzio o seu effeito, pois José Cardoso teve tempo de ir ao paço, e justificar-se perante o Bispo da imputação, que se lhe fazia, concordando com elle as declarações do portador das cartas. 1808 Junho.

Da que este tinha rasgado não sabia elle dar razão alguma, e o mesmo portador declarou, que tendo estado em Lisboa, lha dera hum Francez, para a levar a outro Francez residente no Porto, devendo receber deste ultimo a paga; e que não o achando já, por ser do número dos que forão prezos por ordem de Bellesta, a tinha conservado em seu poder, para a entregar, quando voltasse a Lisboa, ao mesmo, de quem a recebêra; que a tinha rasgado no momento, em que lhe derão a busca, por temer que o povo o reputasse partidista Francez, se lha achasse em seu poder. Não sei se o mysterio ficou bem resolvido, mas não me atrevo a criminar José Cardo-

1808 Junho. doso, vendo-o purificado, perante hum governo vigilante, que pesquizava com a maior escrupulosidade todos os individuos, e todas as acções que admittião suspeita. Em abono do seu patriotismo tem elle hum bom testemunho, e bem recente no valor, com que se arrostou ao inimigo na batalha do Bussaco, merecendo por isso o elogio público do Marechal commandante do exercito Portuguez.

Foi José Cardoso conservado no governo, mas sempre o Bispo lhe aconselhou, que não apparecesse em público, em quanto o povo não socegasse mais a seu respeito. Hum Governador, que he preciso encerrar-se em casa, para não excitar tumultos, não serve em caso algum, e muito menos, para governar hum povo em fermentação: mui breve o mostrárão os successos.

Continuava a junta nas providencias de defeza, e de organização; o povo no seu enthusiasmo, e tambem na sua effervescencia. A 20 depois do meio dia os sinos começárão nova-

men-

mente a tocar, e o povo a ajuntar-se com tanta presteza ao som de instrumentos bellicos, que o Porto parecia hum campo de batalha. Era a consequencia de se ter espalhado huma voz falsa, de que o inimigo se achava nos Carvalhos, a 2 leguas da cidade. Procurou-se depois a origem desta voz, e se achou, que procedia de ter o Juiz de fóra de Oliveira de de azemeis mandado embargar todo o pão cozido desta villa, e aldêas visinhas, para os Francezes, que esperava, em razão de lhe ter faltado o que tinha pedido a Luiz de Oliveira do assento do Porto. 1808 Junho.

O certo he, que tudo se armou promptamente do modo possivel. Os ecclesiasticos seculares, e regulares, que pouco depois começárão a formar hum corpo separado, debaixo do commando do Deão da Sé Luiz Pedro de Andrade Brederode, com o titulo de Coronel, para fazerem a guarnição da cidade, em quanto as outras tropas marchassem contra o inimigo, já neste dia derão provas manifestas do seu zelo pela justa cau-

1808 Junho. sa, que defendião. Corrêrão ás armas, como os mais cidadãos, estinguindo-se entre elles os religiosos de S. Domingos, que se aggregárão aos milicianos da Maia, submettendo-se ao Coronel respectivo. Hum dos mesmos religiosos, vendo, que o Coronel levava duas bandeiras sem haste, lançou mão de huma dellas, e arvorando-a sobre hum páo, a foi conduzindo até o campo de Santo Ovidio, para onde marchou a multidão com hum grande apparato marcial, esperando alli o inimigo: algumas partidas se adiantárão por differentes pontos, até a distancia de huma legua, ou legua e meia da cidade.

O primeiro golpe de badalo nesta occasião foi o sinal da desgraça de José Cardoso: sahindo de casa, elle se expunha aos insultos populares; não sahindo, confirmava contra si as suspeitas de traidor. Elle se conservou recolhido até mais de meia tarde, e sahindo a essa hora, por se persuadir, que era do seu dever, encontrou-se com hum prezo, condu-

zido por huma escolta de ordenanças, o qual implorou o seu patrocinio, pelo conhecer, para conseguir a soltura. Examinou o Governador os motivos da prizão, e parecendo-lhe, que erão de pouco momento, determinou, que o prezo fosse solto. A escolta não quiz obedecer, e fazendo o Governador acção com a espada para o povo, como quem queria fazer executar a sua ordem por força, ouvio instantaneamente sobre si a voz de traidor, vio-se rodeado, e prezo. Se o negocio se decidisse pela pluralidade de votos, elle era alli morto sem remedio; porém o menor número, que era o dos mais moderados, conteve o maior, decidindo, que fosse José Cardoso conduzido á presença do Bispo, para ser posto á disposição do governo. 1808 Junho.

Entretanto se amontoava mais povo á roda delle; dizião-lhe mil injúrias, apontavão-lhe as armas, e ouvia-se em gritarias *morra o traidor.* Quando se encontrava algum clerigo, dizião-lhe, que absolvesse aquelle ladrão,

1808 Junho. drão, que ia a morrer, e o infeliz tinha mesmo o cuidado de pedir absolvição, porque não dava hum passo, que não visse a morte diante dos olhos. Com este horrivel tumulto chegárão ao paço, e parárão com a victima á porta denominada de Vendome, em quanto hum Capitão se adiantou a informar o Bispo. Bem quiz este valer-lhe, mas o povo se achava tão enfurecido, que para evitar maiores excessos não houve remedio, senão conduzillo á cadêa, e mettello em huma enxovia das mais horrorosas. Duvidando elle entrar, o introduzírão por força, despedaçando-lhe a barretina, a farda, a banda, e correndo a sua vida novos riscos: alli foi conservado em quanto durou o calor revolucionario. He preciso, eu o direi sempre, conhecer o povo; depois de amotinado, raras vezes cede sem passarem os seus primeiros impetos; depois de acostumado a dar a lei, não reconhece mais limites nas suas emprezas.

Não se tendo encontrado o inimigo, varios ajuntamentos de povo an-

andárão nessa noite pelas ruas da cidade, repetindo os gritos de *viva Portugal, viva o Principe Regente*, mas commettendo entre tanto alguns excessos, e atroando tudo com tiros, e alaridos, que além do prejuizo, que causavão com o desperdicio de cartuxame, ameaçavão a segurança pública. Conheceo o governo a necessidade de cohibir tantos desvarios, e conseguida na manhã seguinte a certeza de que não havia Francezes, que se encaminhassem para o Porto, por meio de exploradores, que se havião mandado a diversos sitios, cuidou sériamente na quietação interna da cidade. 1808. Junho.

Mandou-se recolher o povo a suas casas, com ordem de se não fazerem mais ajuntamentos, senão quando se tocasse a rebate; e determinou-se, que em nenhuma parte se désse este sinal, sem primeiro se ter dado na cathedral; bem entendido que devia ser acompanhado de huma bandeira na torre, sendo de dia, e de hum farol accezo, sendo de noite; porque o toque dos sinos, sem este sinal, de-

1808 Junho. deveria entender-se para acudir a fogo. O Bispo publicou duas proclamações sobre este assumpto; e apparecêrão mais huma outra proclamação, e hum edital do Desembargador José Feliciano da Rocha Gameiro, que o governo nomeou Juiz da Inconfidencia, e Intendente geral da Policia: por meio destas, e d'outras providencias analogas se conseguio em fim tranquilizar o povo por algum tempo.

No mesmo dia, em que se estabeleceo a junta do Porto, foi tambem criada outra em Viana, de que foi Presidente o General Caldas. Submetteo-se, assim como as mais, á do Porto; e em menos de tres dias ficou proscripto o nome Francez em toda a provincia.

Agora seguirei a revolução na sua marcha para Coimbra, deixando no Porto o novo governo todo occupado em consolidar esta obra, procurando armas, soldados, dinheiro, e alliados; e para conseguir estes fins, convidando ao alistamento todos os moços habeis, aumentando o soldo

aos

aos soldados, e officiaes inferiores, pondo em boa ordem a arrecadação das rendas públicas, recorrendo a donativos, emprestimos, e novos impostos, como o de 4$000 rs. por cada pipa de vinho que se exportasse pela barra da cidade, além dos antigos direitos, mandando a Inglaterra huma mensagem composta do Visconde de Balsemão, e do Desembargador João de Carvalho Martens da Silva Ferrão; e abrindo negociações com o governo da Galliza, das quaes resultou huma convenção, que se reduzia em substancia a que a Hespanha daria todo o auxilio ás provincias Portuguezas insurgidas, fazendo o governo da Galliza aviso aos Governadores dos territorios Hespanhoes limitrofes, a fim de ameaçarem por differentes pontos os Francezes, para estes serem dissipados com mais facilidade, obrigando-se os Portuguezes pela sua parte a auxiliar a Hespanha com todas as suas forças, logo que estivessem livres de Francezes em todas as partes do reino. 1808 Junho.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XV.

Sahe do Porto huma patrulha armada, a procurar noticias do inimigo, e o que faz. Associão-se cinco homens, que, auxiliados pelo Coronel de milicias de Aveiro, e paizanagem da Mealhada, e de Oiz, prendem os Francezes em Coimbra, depois de hum pequeno combate.

HUma patrulha armada, composta sómente de paizanos, tinha sahido do Porto, por ordem do governo, a 21 pela estrada de Coimbra, a procurar noticias certas do inimigo, se o houvesse por aquelles sitios; e sabendo-o o Padre José Bernardo de Azevedo, Doutor em Theologia, e Freire conventual da ordem de Avis, offereceo-se, para desempenhar esta commissão; representando com muito acerto, que melhor a podia executar disfarçadamente, e

sem

sem estrepito, por ser muito prático, e conhecido na estrada, do que hum monte de paizanos armados, que não farião, senão estrondo, e ao primeiro boato de aproximação de inimigos, ou voltarião sem nada terem indagado do seu número, situação, posições, e mais circumstancias, ou se exporião a serem surprendidos, se se arriscassem a avisinharse. A proposição foi acceita, e o Doutor José Bernardo partio na madrugada de 22, acompanhado sómente de hum criado de cavallo. 1808 Junho.

Chegando a Oliveira de azemeis, encontrou já de volta os paizanos armados: tinhão ido alli fazer huma grande bulha, prendendo hum escrivão, e querendo fazer o mesmo ao Juiz de fóra, em razão de se terem tornado suspeitos pela sua conducta nos dias precedentes. O Juiz de fóra escapou-lhes, por ter o pé mais ligeiro, e elles voltavão com o seu prezo para o Porto, tendo destacado com direcção a Coimbra a Domingos Antonio Pereira, Custodio José de Maia, José Pedro da Silva, e

1808 Junho. hum outro Domingos de...., em execução das ordens, que havião recebido. Continuou o Doutor José Bernardo no seguimento destes, e os foi alcançar no dia seguinte na Mealhada, tendo disposto de caminho a restauração de Agueda, em consequencia de hum encontro, que teve com o Juiz de fóra desta villa.

No dia precedente (22) tinha tambem a cidade de Aveiro feito com todo o soccego a sua revolução, com a concurrencia unanime do Governador, Bispo, ministros, camara, nobreza, e povo. O Governador era o Brigadeiro Caetano José Vas Parreiras, que depois foi governar as armas no Porto. Na Mealhada pois se unirão os nossos cinco campeões, congratulando-se de não terem encontrado inimigos; e como os successos chamão huns por outros, aqui mesmo se formou entre elles o projecto de irem restaurar Coimbra.

O povo da Mealhada os rodeava, extasiando-se aos ouvir contar os memoraveis successos, de que o Porto acabava de ser o theatro; e taes in-

informações lhes dava do fraco, e desprezivel destacamento, que os Francezes tinhão em Coimbra, que foi resolvido irem surprendello nesse mesmo dia, offerecendo-se a paizanagem daquella pequena povoação, e suas visinhanças, para os acompanhar, e tomar parte na empreza; posto que se achava sem armas. O Doutor José Bernardo tinha encontrado nessa manhã hum filho do Coronel de milicias de Aveiro, que morava em Ois, povo dalli muito proximo, e achado nelle hum bom patriota: esta casualidade lhe fez lembrar o pedir auxilio ao mesmo Coronel, e partindo com este fim para Ois com os seus, não forão baldadas as suas esperanças. O Coronel lhes ponderou, que o seu regimento tinha sido desarmado, como os outros; que porém por si, e pelos seus amigos poria promptos 30 homens armados, e que em quanto ia cuidar nisso, fossem tambem elles apromptar a gente da Mealhada. Assim o ajustárão, tomando para ponto de reunião, onde todos devião ajun-

1808 Junho.

1808 Junho. ajuntar-se, o lugar do Carquejo, que que ficava em distancia de legua e meia, a meio caminho de Coimbra.

Neste pequeno intervallo tinha esfriado muito o ardor dos da Mealhada; porque como havia poucas armas, entrárão muitos a desanimar, e o seu desalento se communicava aos outros. Nesta classe de homens entra pouco o amor da gloria: he necessario animalos, saber conduzillos por outras maneiras, e tambem ás vezes ameaçallos. De todos estes meios se servio o Doutor José Bernardo, até presentsando-os com alguns fructos proprios do sitio, e da estação, e conseguio em fim apromptar huns trinta paizanos, de que huma terça parte erão armados de fouces, chuços, e outros instrumentos semelhantes, e os mais de espingardas. Nesta diligencia foi auxiliado por hum animoso, e incansavel sargento, em quem o seu Capitão, por muito velho, tinha delegado os poderes, o qual foi chamando as ordenanças pela sua lista, enthusiasmando a huns, e ameaçando a ou-

outros, e facilitou com summa actividade esta pequena, mas importante expedição. 1808 Junho.

Quando estes partírão, a emulação produzio o seu effeito em muitos dos que ficavão; de fórma que até se pozerão immediatamente a caminho, e sem as competentes armas alguns, que não tinhão sido avisados. Testemunha o célebre Joaquim estalajadeiro, cuja fleuma não tinha podido abalar-se com todos aquelles movimentos, e que chegado a este momento, partio immediatamente, e foi apparecer entre os mais no largo do Carquejo, montado no seu jumento!

Os de Ois ficárão ainda hum pouco demorados, e em quanto não chegavão, resolveo o Doutor José Bernardo, d'acordo com os seus companheiros, que os outros esperassem no Carquejo, e adiantou-se elle, levando comsigo hum homem de pé dos da Mealhada, e outro de Coimbra, que se lhe tinha agregado, para examinar em pessoa o número, e posição dos inimigos, e as mais circum-

1808 Junho. cumstancias, que podião influir para a fórma do ataque. Forão sem armas de qualidade alguma, para evitarem toda a suspeita, e houve além disso a precaução de se não deixar passar pela estrada para a parte de Coimbra individuo algum, que podesse levar a noticia aos Francezes. Ficou porém acordado, que apenas se unisse a gente de Ois proseguissem todos na marcha até o alto da Padrulha, onde devião parar, até receberem novos avisos.

Teve o Doutor José Bernardo tempo, e opportunidade, para se informar de tudo o que desejava. Soube, que não chegavão a 100 os soldados Francezes, que havia em Coimbra, dos quaes huma boa parte se achava no hospital, e que todos andavão aterrados com as noticias, tendo-se espalhado alguns dias antes a de estarem proximos a chegar 12 Hespanhoes, para os prenderem. Sómente huns 40 se achavão capazes de serviço; e elle os observou no proprio dormitorio, onde estavão aquartelados, no collegio de S. Thomás,

más, á entrada da rua de Santa Sofia, para onde pouco tempo antes tinhão sido transferidos do collegio das artes, seu antigo quartel. Vio mesmo, que se achavão inteiramente descuidados, e repartidos aos dois, e aos tres em cada quarto, mas sempre com as espingardas junto a si. Foi além disso informado de que tinhão dois officiaes superiores, hum militar, que estava no collegio da Graça, e outro civil em casa particular, e de que tambem estavão fóra do collegio de S. Thomás alguns officiaes inferiores; o que tudo erão annuncios de feliz agouro, para o exito da empreza. Contente com elles, voltou até á ponte de Agua de Maias, donde fez aviso á sua gente, para que se adiantasse. 1808 Junho.

Havia em Coimbra huma das brigadas, que guarnecião a estrada militar, compostas de soldados Portuguezes, e Francezes, estes tirados ordinariamente das guardas, que se denominão *gens-d'armes*; e era costume fazerem suas rondas, ou corridas até distancias consideraveis, para

1808 Junho. ra observarem o campo. Então precisamente se vinhão recolhendo á cidade de humas destas rondas quatro soldados, 2 Francezes, e 2 Portuguezes, pertencentes áquella brigada: sobião pela margem direita do Mondego da parte do campo, e marchavão a galope, para se metterem pela ponte da Sidreira na de Agua de Maias, e tomarem a dianteira aos nossos. Era da maior importancia cortar-lhes o passo; porque se entrassem primeiro na cidade, levarião aos seus a noticia da aproximação dos nossos, e a empreza, ou ficaria malograda, ou custaria muito sangue, não podendo ainda contar-se com os esforços dos Conimbricenses, posto que erão conhecidas as suas boas disposições. Conseguirão com effeito os nossos tomar-lhes a dianteira; e ao aproximarem-se, lhes perguntárão, *quem vive?* ao que elles respondêrão *Napoleão*, disparando ao mesmo tempo dois tiros de pistola, que não causárão damno algum. A réplica da nossa parte foi huma descarga sobre os inimigos,

de que logo cahírão dois mortos, e hum ferido mortalmente; o quarto, que restava, era Portuguez, e immediatamente se apeou, gritando: *viva o Principe de Portugal*, e se incorporou aos nossos. 1808 Junho.

Pôz-se huma sentinella ao ferido, para lhe ministrar os soccorros possiveis, não obstante o ser hum Francez tão insolente, que ainda no deploravel estado, em que se achava, não cessava de ameaçar a todos com gestos, e palavras; e sendo depois cuidadosamente assistido pelo governo de Coimbra, protestou até os ultimos momentos da sua vida, que o seu sangue havia de ser vingado. Feito isto, os nossos corrêrão para a cidade, que já era muito proxima. A guarda Franceza, que estava na porta de Santa Sofia, ouvio os tiros, e vendo aproximar-se aquella multidão de gente, deo huma descarga, e fugio para os quarteis, indo já os nossos quasi de envolta com os Francezes: parece, que o susto tinha tornado a estes as mãos muito tremulas, pois os tiros forão todos em

1808 Junho. vão, tendo por alvo huma rua coberta de povo.

A' porta dos quarteis ainda houve hum conflicto, em que os nossos se servírão mais das coronhas, do que dos canos das espingardas; foi porém mui breve, porque os Francezes, que estavão fóra, entrárão precipitadamente, e unidos aos de dentro fizerão fogo das janellas sobre os nossos, sem offenderem pessoa alguma. O povo de Coimbra ainda hoje está persuadido de que foi hum milagre; mas para que he recorrer a causas sobrenaturaes, quando os effeitos se podem explicar pelas naturaes? Os Francezes desde o momento, em que se vírão atacados, devião julgar-se perdidos; e que firmeza podem ter as mãos, quando a cabeça está convulsa? Era quasi noite, e os Francezes, atirando da parte de dentro das janellas, que erão muito altas, sem descobrirem os seus corpos, não podião fazer pontaria; o que tudo favorecia os nossos, os quaes se forão encostando ao collegio, para ficarem mais a co-

ber-

berto dos tiros, e forçárão a porta em hum instante. 1808 Junho.

Sobindo, elles achárão os Francezes tão doceis, que ao primeiro aceno depozerão as armas, pedindo as vidas, e alli mesmo se deixárão prender com cordas. Sahindo o Doutor José Bernardo a tratar do modo de os fazer conduzir á cadêa, deo nas varandas do collegio com mais hum official, e 17 soldados: o official com o chapéo em huma mão, e a espada na outra, os soldados todos perfilados, como em acção de apresentarem as armas: tambem estes se entregárão á descripção, como os primeiros; ficando vencidas todas as difficuldades, sem nos custar huma gota de sangue; porque ainda que faltavão alguns Francezes, ou por andarem a essa hora fóra dos quarteis, ou por terem conseguido fugir, erão em tão pequeno número, que não causavão o menor susto. As armas, que se lhes tomárão forão logo distribuidas pelos nossos.

Já a este tempo havia grande ajuntamento de povo na rua de Santa

1808 Junho. Sofia, quasi tudo estalajadeiros, arrieiros, moços, &c. (he o que offerecia huma rua toda povoada de estalagens, e de conventos) gente muito conhecida, e analoga aos arrieiros, estalajadeiros, e mais povo da Mealhada, e visinhanças, que compunhão em grande parte o exercito restaurador de Coimbra. Digo em grande parte, porque não he do meu animo confundir na generalidade, e muito menos injuriar os homens distinctos, que trabalhárão nesta empreza. Além de que, não he o nascimento, ou a profissão quem constitue o merecimento das acções heroicas, são estas as que illustrão os homens. Hoffer, immortal Hoffer, que ha pouco sustentaste com tanto valor pelas montanhas do Tyrol a causa da independencia da tua patria, até que esta exhalou o ultimo suspiro, tu eras hum estalajadeiro; mas eu porei o teu nome a par dos Turennes, e Condés! Foi tambem concorrendo muita gente, que dos campos se recolhia á cidade, por ser a hora de deixar o seu trabalho, hum-

ver-

verdial (official inferior da Universidade, que serve de executor de ordens) chamado Martinho, com quem o Doutor José Bernardo se tinha franqueado, antes d'entrar em Coimbra, e dois ou tres Academicos, de que o principal era Lourenço José de Andrade, e algum outro patriota de huma classe superior á populaça; mas não apparecia ainda hum homem, que podesse ter influencia no povo da cidade, e dar tom á revolução. 1808 Junho.

1808
Junho.

CAPITULO XVI.

Continuão-se os successos de Coimbra. O Juiz do povo se une aos chéfes da expedição, e se faz a acclamação, estabelecendo-se hum governo, e dando-se as mais energicas providencias para a defeza. Trabalhos do corpo academico, do clero, e das outras classes. Meios com que se suprio a falta de armas, e de munições.

NEsta situação de cousas os restauradores se lembrárão do Juiz do povo, que era hum tanoeiro chamado José Pedro de Jesus, e o puzerão á sua frente. Este homem tinha o caracter de honrado, e a huma natural moderação, e prudencia ajuntava a actividade necessaria para o ministerio, em que ia entrar. Cingio a sua espada, e nunca mais a largou, durante a revolução: foi realmente o primeiro Governador de Coimbra,

na

na época da sua restauração; e depois andou sempre ao lado do novo eleito. Eis-aqui as providencias, por onde se começou. 1808 Junho.

Conduzirão se os Francezes á cadêa da portagem, onde de caminho forão libertados dois Hespanhoes, que aquelles alli tinhão metrido, e que apenas se virão em liberdade forão dois leões a prender os mais Francezes, que se ião descobrindo. Mandou o Juiz do povo abrir as portas do collegio Franciscano, denominado dos Pimentas, onde existia em deposito o armamento dos tres regimentos de cavallaria das provincias do norte, que tinhão sido desorganizados em Coimbra, por ordem de Junot, e se repartírão as armas necessarias pelas pessoas, que as podião manear.

Achou-se alli hum estandarte com as armas Reaes, de que immediatamente se lançou mão, para ser conduzida em triunfo pelas ruas da cidade, á frente de hum numeroso concurso, que a cada passo ia engrossando mais, e tomando maior calor.

1808 Junho. A primeira acção foi o descobrimento das armas Reaes no frontespicio do convento de Santa Cruz, dalli se passou á rua do Coruche, e á calçada: forão descobrir-se as da casa da camara; e voltando outra vez para cima, passou-se o arco de Almedina, e se discorreo o bairro alto com festivas acclamações, que o povo recebia com o maior júbilo imaginavel, fazendo-se de caminho repicar todos os sinos; o que offerecia hum espectaculo summamente agradavel naquella apinhoada cidade, toda cheia de igrejas, e conventos. Era na noite de S. João, noite em que a maior parte dos Portuguezes não dorme, e já mais se tinha visto em Coimbra outra tão alegre.

Mas não se tratava só de festas. Tinhão os Francezes no Mondego alguns barcos carregados de provisões de boca, que nessa mesma noite pertendião transportar á Figueira: Domingos Antonio Pereira foi com hum troço de gente apoderar-se delles, e o pão se destribuio logo pela nossa gente. Passárão depois a regis-

gistrar-se algumas casas, prendendo-se os Francezes, que se encontravão, e os Portuguezes que se suspeitavão seus partidistas. Alguns fugirão, o que servio a Coimbra de grande utilidade, porque espantados com o motim, que tinhão ouvido, e que o silencio da noite tornava mais horroroso, e faltando-lhes as noções exactas da qualidade, e número das tropas, que o causavão, assentárão provavelmente, que vinhão sobre elles pelo menos os 12() Hespanhoes, em que se tinha fallado nos dias precedentes, e ião publicando por onde passavão, relações as mais exaggeradas, que causavão grande desalento aos seus, e muito animo aos nossos. Suppõe-se com bons fundamentos, que foi em consequencia dellas, que Loison retrocedeo com a sua columna de Viseu para a parte de Almeida, em lugar de seguir a sua marcha por Coimbra, como adiante direi. 1808 Junho.

No dia seguinte de manhã a revolução não tinha ainda chegado ás classes superiores dos habitantes da cidade; de sorte que os chéfes da ex-

pe-

1808 Junho. pedição chegárão a recear, que as authoridades públicas quizessem repôr as cousas no antigo estado, e por isso cuidárão logo em remetter os prisioneiros para o Porto com huma boa escolta. Quando estes iáo atravessando as ruas, o povo soltava novas acclamações, e os escarnecia, e apupava com tanto calor, que alguns delles chegárão a rasgar as barretinas, e despedaçar as aguias, maldizendo o seu Imperador, que os expozera a taes injúrias: isto fez conhecer, que o povo queria ser liberto.

Os ministros, e as pessoas principaes conservavão-se em suas casas, alguns á porta fechada: o povo, mais ardente, vagava pelas ruas em pequenos ajuntamentos, e decidio-se em fim a ir procurar o Juiz de fóra, assegurando-lhe, que o não queria offender, sim pollo á sua frente, para dirigir as suas operações: então o Juiz de fóra se patenteou, começando a assinar as ordens, que delle se exigião a bem da restauração; e fez daqui em diante huma figura muito

to honrosa. (*) Foi porém entre os alumnos de Minerva, que o gaz se desenvolveo com maior energia; foi entre aquelles mesmos, que se julgão os mais favorecidos pelos aprasiveis influxos da branda Venus, que primeiro se accendeo o furor de Belona! Não era grande o número dos estudantes, que se achavão em Coimbra, porque muitos já estavão em ferias; mas esses, que existião, levantárão-se de improviso, unírão-se-lhes os lentes, e o corpo Academico tomou de repente hum aspecto guerreiro. 1808 Junho.

Tratou-se de formar hum governo civil, e outro militar. Para o civil lembrárão-se do Vice-Reitor da Universidade, Manoel Paes de Aragão Trigoso; lembrança muito feliz, por ser hum homem, que pelo seu emprego tinha grande ascendencia, não só sobre o corpo Academi-

(*) Na noite precedenta já o povo tinha ido bater á porta do Juiz de fóra; e este lhe havia fallado prestando se ás suas propoſições.

1808 Junho. co, mas tambem sobre o povo de Coimbra, e que a hum exterior summamente respeitavel unia muito patriotismo, as luzes necessarias para o desempenho das suas obrigações, e huma notavel firmeza de caracter. Era o homem que convinha nas circumstancias, em que os negocios se achavão. Teve alguma repugnancia em acceitar o governo; mas em fim acceitou, tendo exigido previamente promessas muito positivas de que seria pontualmente obedecido, e que o povo se absteria das prizões, e procedimentos arbitrarios, a que se havia entregado na noite precedente: o povo o prometteo, e não foi em vão.

Para o governo militar procurárão o General Bernardim Freire d'Andrade, que alli se achava retirado, não querendo exercitar, durante a dominação intrusa, o governo das armas da cidade do Porto, e seu partido, para que o Principe Regente o tinha nomeado, pouco antes da sua partida para o Brasil. Bernardim não acceitou o governo de Coimbra, por-

porque tinha recebido avisos do Bispo, e junta do Porto, para ir occupar aquelle, que lhe pertencia em proprio. Com effeito elle se pôz logo a caminho para o Porto, e foi seguido por D. Miguel Pereira Forjás, hoje Secretario do Governo do Reino nas repartições dos negocios estrangeiros, da guerra, e marinha, de quem tambem se lembrárão os Conimbricenses. Este tambem se achava retirado em huma quinta perto de Coimbra, tendo-se ausentado de Lisboa depois da entrada dos Francezes; e foi exercer no Porto o Emprego de Quartel-mestre-general junto a Bernardim. Voltárão-se então para Nuno Freire de Andrade, irmão de Bernardim, e lhe conferírão o commando das armas de Coimbra, debaixo das ordens de Trigoso, que ficou reunindo todos os ramos do governo. 1808 Junho.

Começárão então a desenvolver-se as medidas de defeza. Lançou-se a mão sobre todas as armas, que pudérão descobrir-se, andárão-se ajuntando pelos mercadores, e pessoas par-

1808 Junho. particulares alguns arrateis de polvora, que tinhão para vender, ou para seu uso: convidárão-se para se alistarem, como voluntarios, todos os que podessem pegar em armas, e com especialidade forão chamados os officiaes, e soldados, que tinhão sido dimittidos do serviço no tempo dos Francezes: chamárão-se para a cidade as milicias, e ordenanças de todos os póvos circunvisinhos. Os ecclesiasticos tomárão huma grande parte em tão justa causa, convidados por proclamações, e ordens energicas do Vigario geral, e mais authoridades espirituaes do Bispado, que expiárão por este modo algumas condescendencias, provavelmente involuntarias, que tinhão tido para com o governo intruso. O corpo Academico alistou-se, dividido em duas secções, a dos estudantes debaixo do commando de Tristão Alvares da Costa, lente de calculo, e Major de engenharia, e a dos lentes debaixo do commando de Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos, primeiro Lente da faculdade de Ca-

nones. Mandárão-se romper as pontes, abrir valados, e formar trincheiras nas estradas; e estabeleceo-se a mais exacta policia, commettida a alguns officiaes, e aos paizanos, para evitarem as communicações ao inimigo. 1808 Junho.

He com estas, e com outras providencias analogas, que se pertendeo cobrir de algum insulto repentino huma cidade aberta, como Coimbra, para onde os Francezes não tinhão obstaculo algum a marchar de todos os pontos que occupavão em Portugal; mas para se fazer huma idéa da falta, que havia de munições, basta dizer, que não excedeo a tres arrateis toda a polvora, que pôde ajuntar-se: as armas erão muito poucas, de artilheria não havia nem huma peça; a tudo porém supprirão os esforços do patriotismo, o trabalho venceo todas as difficuldades.

Servirão de muito os differentes estabelecimentos, e máquinas de huma fabrica de fiação de Manoel Fernandes Guimarães; e ao genio do mestre della, Bernardo Ferreira de

1808 Junho. Brito, se deve a construcção de varios instrumentos de guerra, como cavallos de frisa, armados de pontas de ferro, para tapar as bocas das ruas, carretas de campanha, piques, &c. e o concerto de grande número de espingardas, e clavinas.

Procurou-se salitre, fizerão-se ensaios no laboratorio chymico, e no dia 26 pelas dez horas da noite appareceo, com grandes applausos, fabricada a primeira porção de polvora; e neste trabalho se continuou noite, e dia, debaixo da inspecção do Doutor Thomé Rodrigues Sobral, lente de Chymica. Não se sabião fazer cartuxos, nem havia balas; mas a essa mesma hora se mandárão buscar dois soldados Portuguezes convalescentes, que estavão no hospital, para se empregarem no cartuxame, e officiaes de ourives, e funileiros para fundirem balas. Igualmente forão chamados hum sargento, e alguns soldados, que estavão destacados nas ferrarias de Thomar, debaixo das ordens do lente de Metallurgia, e Intendente das Minas,

o

o Doutor José Bonifacio de Andrade e Silva, para trabalharem no cartuxame; e principiou a fazer-se metralha, para quando houvessem peças, que já se esperavão da Figueira. 1808 Junho.

O Doutor Joaquim Baptista foi hum dos que mais se distinguírão nestes trabalhos, desenvolvendo com grande utilidade os seus muitos conhecimentos, theoricos, e práticos. O Doutor José Bonifacio de Andrade, que ao estudo, e prática das sciencias naturaes, e das artes, ajunta o da jurisprudencia, e hum grande conhecimento do mundo, adquirido pela lição, e pelas viagens, ficou trabalhando junto á pessoa do Governador; e por isso teve menos parte naquelles objectos. Os Lentes, e os Doutores das outras faculdades tambem empregárão utilmente as suas forças, e talentos: o berço das letras tornou-se hum arsenal de guerra.

1808
Junho.

CAPITULO XVII.

Expedição da Figueira, emprehendida pelos Conimbricenses logo no segundo dia da sua revolução, e seus felizes resultados. Coimbra em convulsões.

LOgo no segundo dia da revolução abrírão os Conimbricenses a sua campanha com a expedição da Figueira, que he huma daquellas, que fazem honra ao espirito, e ao valor Portuguez. Não deve olhar-se a ser pequena a força inimiga, com que se ia combater: ha occasiões, em que os pequenos destacamentos valem por exercitos numerosos, e a tomada do mais insignificante forte, pela conquista de huma praça de primeira ordem.

O projecto foi concebido por alguns particulares, e approvado pelo novo Governador, que deo o commando ao célebre estudante da Univer-

versidade Bernardo Antonio Zagalo. Partio de Coimbra o nosso guerreiro na tarde do dia 25, e toda a sua tropa consistia em 40 voluntarios, quasi todos estudantes como elle, mas levava ordens do Governador dirigidas aos ministros dos territorios, por onde tinha de passar, para lhe prestarem todo o auxilio, e gente, que lhes pedisse. Não podia ainda contar-se com a execução destas ordens; porque se ignorava, se os ministros as quererião cumprir: felizmente nenhum se oppôz a ellas. 1808 Junho.

Delegou Zagalo o commando do destacamento em Antonio Ignacio Caiola, sargento de Peniche, ordenando-lhe, que se fosse adiantando até Monte-mór pela margem esquerda do Mondego, em quanto elle com quatro cavalleiros ia batendo a direita. Por todas as terras, por onde passárão, forão fazendo a acclamação, descobrindo as armas Reaes, e levando comsigo alguns paizanos. Reunidos em Monte-mór marchárão toda a noite, e pelas 7 horas da manhã seguinte se achárão de-

1808 Junho. fronte da Figueira, contando já na sua hoste quasi 30 paizanos, armados de piques, lanças, fouces, e outras armas do seu uso.

Os Francezes estavão bem longe de esperar huma semelhante visita: alguns andavão dispersos pela villa, mas apenas presentírão os novos vindos, enserrárão-se todos no forte. A primeira operação dos nossos consistio em pôr sentinellas á porta do Governador da terra, por lhes ser suspeito, ainda que Portuguez: caminhárão depois para o forte, e o rodeárão, pondo-lhe hum cerco tumultuario, com o fim de obrigarem os Francezes a render-se pela fome, porque estavão desprevenidos, e faltos de mantimentos.

O povo furioso, e impaciente por se ver ás mãos com o inimigo, corria indiscretamente a atacallo; mas o nosso commandante, sendo noviço, portou-se como se fosse consummado na arte da guerra. Adiantou-se á frente do povo, para o fazer retirar; e fazendo nessa occasião os Francezes algum fogo de mosquetaria so-

sobre os nossos, estes, observando os seus movimentos, se deitárão em terra muito a proposito, e não recebêrão damno. 1808 Junho.

O forte he situado na margem direita do rio junto á sua fós, e fica-lhe defronte a ponta meridional de terra, chamada o Cabedello, que he a unica passagem por onde os Francezes podião communicar-se com os de Nazareth, Peniche, &c. Os nossos tiverão o cuidado de lhe interceptarem logo este ponto de communicação, e então Zagalo fez intimar aos sitiados, que se rendessem; pois sabia, que não tinhão mantimentos nem para 24 horas, e que não se rendendo serião passados á espada. Respondeo o Commandante do forte, que era hum Tenente engenheiro Portuguez, que não podia render-se, porque a sua familia ficaria em perigo, pois estava em Peniche no poder dos Francezes, e por tanto continuou o sitio.

Este Tenente chamava-se Cibrão, natural de Coura, e os Francezes o havião empregado em incumbencias

do

1808 Junho. do seu serviço, primeiro no forte de Nazareth, e depois o tinhão transferido para este da Figueira. Com tudo não os servio bem nesta occasião, porque tendo ás suas ordens 100 soldados bem armados, e algumas peças de campanha promptas, e bem servidas, podia ter tomado outras medidas de defeza, e ainda depois de atacado incommodar muito os sitiantes, e talvez frustrar o exito da empreza, se resistisse mais algumas horas, ou fizesse huma sortida.

Com effeito no dia 27 recebeo Zagalo huma ordem apertada do Governador de Coimbra, para que immediatamente se retirasse para esta cidade com a sua gente; e não podendo Zagalo soffrer o ausentar-se, deixando frustrada huma expedição de tanto empenho, e tão felizmente conduzida até o ponto, em que esperava por momentos, que o inimigo se rendesse á fome, de tal modo se arranjou com Cibrão, que ajustárão huma capitulação. Erão as condições, que os Francezes entregarião o forte, e poderião transportar-se

para Peniche, levando espingardas, e mochillas, mas sem polvora, e balla: não se reduzio a escrito, e depois de feita esteve a ponto de ser retratada; mas entretanto huma parte dos sitiantes se introduzio no forte, e foi este incidente o que deo firmeza á capitulação: na sua conformidade entrou Zagalo acompanhado pelo Major de Buarcos José Correa Soares, tomou posse do forte, e os Francezes forão seguidamente embarcando, para passarem o rio, e se transportarem a Peniche. 1808 Junho.

Estando já as cousas nesta figura, o povo, que tinha tido grande parte na acção, e que era o mais numeroso, arrependeo-se de ter ficado por huma capitulação, que não tinha sido obra sua, e se julgou com direito para a quebrar, ou ao menos para fiscalizar, se os Francezes preenchião as suas condições. Queria, fallemos claro, proteger aos seus hospedes, pois que se lhe offerecia a occasião, com igual caridade áquella, com que estes o tinhão protegido. Forão pois os Francezes bem vis-

1808 Junho. vistos, e examinados; e posto que se lhes achassem as cartuxeiras vasias, descobrírão-se-lhes alguns cartuxos, que levavão escondidos entre ellas, e as patronas, e mesmo nas barretinas; pelo menos he isto o que então correo, e se publicou na gazeta de Coimbra.

Suas vidas serião de bem curta duração, se os deixassem entregues ao furor popular; mas Zagalo, e os seus academicos fizerão respeitar as leis da guerra, e na fórma dellas os Francezes forão bem tratados, mas ficárão prisioneiros, como infractores da capitulação. Forão immediatamente conduzidos com o Governador da Figueira, e hum seu filho (*) a Coimbra, onde os nossos entrárão mais ufanos com a sua preza, do que em outro tempo em Roma os vencedores do mundo, carregados com os despojos da Asia. Além dos prisioneiros levavão o armamento dos Francezes, e 5 peças de artillheria,

(*) Ambos estes se justificárão depois, e forão postos em liberdade.

ria, tendo deixado aberta a communicação com a esquadra Ingleza, produzindo huma confiança extraordinaria nos póvos, e huma nobre emulação nos combatentes, que derão firmeza á revolução nascente, a qual no breve espaço de tempo, que durou a expedição, estivera a pontos de ficar suffocada nos seus principios. 1808 Junho.

Loison, de cujas operações darei conta no capitulo seguinte, voltando das margens do Douro, tinha entrado em Viseu, e houve alguns indicios de que intentava dirigir a sua marcha sobre Coimbra; noticia que foi rápidamente communicada a esta cidade, e a pôz em convulsões. Então se olhou de perto o perigo, que se não tinha encarado, senão de longe: conheceo-se que huma cidade aberta, sem obras de fortificação, sem tropa, sem armas, e sem munições, se não põe sómente com dois dias de preparativos em estado de resistir a hum corpo inimigo armado, e disciplinado, por mais activas que sejão as diligencias; e este triste desengano tornou pálidos aquelles mes-

1808 Junho. mesmos semblantes, em que se tinha conhecido a maior firmeza. Daqui resultou a ordem, que o Governador de Coimbra expedíra a Zagalo, para se retirar da Figueira, e houve conferencias, em que se tratou de pedir misericordia aos nossos oppressores: passados porém os primeiros momentos de terror, os espiritos forão recobrando a serenidade, e o valor; e quando se soube do differente destino, que seguio Loison, continuárão os trabalhos com mais energia do que nunca.

As peças de artilheria transportadas da Figueira forão hum grande recurso, e augmentárão prodigiosamente os meios de defeza: expedírão-se ordens, e emissarios para toda a Beira, e em parte alguma deixárão de ser bem recebidos, de fórma que á excepção da praça de Almeida, que não tardou em ser bloqueada pelos nossos, tudo foi resgatado em menos de 8 dias, ficando enserrados os Francezes na sua linha desde Abrantes até Peniche, ou Nazareth. Os Academicos, recebendo

or-

ordens do Governador, para irem surprender as brigadas Francezas de Condeixa, Pombal, e Leiria, sahírão de Coimbra a 28, e fizerão huma expedição mais arriscada, e mais gloriosa que a da Figueira, de que reservo a historia para outro lugar; agora irei seguindo os passos de Loison. 1808 Junhos.

CAPITULO XVIII.

Loison sahe de Almeida com a sua divisão, para ir castigar o Porto, passa o Douro junto á Regoa, e batido á entrada do Marão pelos paizanos, he obrigado a retroceder. Successos, e infortunios da sua marcha retrogada.

A 17 de junho sahio Loison de Almeida, levando comsigo sómente huns 2$600 homens, em que entravão 100 de cavalleria, porque lhe era necessario deixar naquella praça huma boa guarnição, e alguma força

1808 Junho. ça disponivel para conter os póvos. Levou tambem 3 peças de campanha, dizem humas relações, e quatro peças, e dois obuzes, dizem outras. He com estas forças, que Loison intentava domar o Porto, e todo o paiz além do Douro, tendo de fazer frente a toda a Beira alta! Contava sem dúvida com hum poderoso auxilio no terror do nome Francez, ou pensava dar hum passeio por entre cordeiros inermes; mas em breve tempo vio desvanecida a illusão, e punida a sua temeridade.

Na verdade elle achou tudo pacifico até Lamego, onde chegou a 20, e no dia seguinte ainda conseguio passar o Douro na barca da Regoa com a confiança de conquistador. Mandou adiante 8 cavalleiros, para prepararem quarteis em Mezam-frio, em quanto elle ficou almoçando na Regoa: a infanteria passava entretanto o rio, carregava as armas, apenas saltava na margem opposta, e ia desfilando por pelotões para Mezam-frio, onde o General tambem foi jantar nesse dia, ficando atraz as bagagens.

Amar-

Amargurado jantar! Ainda bem a meza não estava posta, quando huma ordenança veio participar a Loison, que os paizanos da serra disputavão a passagem no lugar dos Padrões da Teixeira, e dizem que elle respondêra: *Fazia tenção de dormir aqui, agora mudei; ás 4 horas da tarde vou castigar os rebeldes.* (*) 1808 Junho.

Principia o jantar, e chega-lhe outra parte de que dois valorosos homens, seguidos depois por outros, tinhão principiado a atacar-lhe as bagagens na Regoa, e que o partido ia engrossando. Eis-aqui Loison, e a sua columna mettidos entre rebeldes (isto quer dizer patriotas valorosos) pela frente, e pela reta-guarda, e entalados de huma parte pelas elevadas montanhas do Marão, e da outra pelas correntes do Douro. Deixão em poder dos habitantes de Mezam-frio os guizados, as malas, os fardos, e correm a punir os *rebeldes* da Regoa, no sitio do Santinho: passárão por huma emboscada de 30 homens, mettidos em humas vinhas, que

(*) *Min. Lusit.* de 21 de julho de 1808.

1808 Junho. que primeiro lhes fizerão fogo, matando alguns officiaes, e soldados, e ferindo o proprio Loison, e depois (cousa notavel!) o correm ás pedradas, tendo suspendido por muito tempo toda a columna; mas por fim tendo aquelle General destacado duas companhias ligeiras, para atacarem os paizanos, tiverão estes de retirar-se para as alturas, e os Francezes acampárão no Olival escuro, permanecendo assim huns, e outros de observação toda a noite. He justo que passem á posteridade os nomes dos dois valentes, que principiárão o ataque das bagagens; forão Antonio Teixeira Fraga Botelho, e Manoel Pereira Fallante, naturaes de Canellas. O commandante desta partida de patriotas, que tanto se distinguio no Santinho, foi o capitão-mór dos privilegiados de Malta Manoel de Mesquita Pimentel e Castro do lugar da Prazegueda, que posteriormente tem tido muitas outras occasiões de mostrar o seu valor em defeza da patria. (*)

A

(*) A ousadia, com que este pequeno nú-

A 22 principiárão os Francezes por se apoderarem das alturas, e assestarem a sua artilheria no Pezo, e na Regoa, dispondo as suas guardas de modo, que estas povoações ficárão cercadas, e bordadas de tropa. Seguio-se o saque, acompanhado das atrocidades, que erão tão familiares ao barbaro Loison, e á sua implacavel quadrilha: velhos, enfermos, mulheres, crianças forão as victimas, em que exercitavão o seu furor, porque o mais andava pelos montes. 1808 Junho.

Ao meio-dia mandou Loison tocar a reunir; mas em lugar de ir castigar os *rebeldes* dos ladrões da Teixeira, e continuar a sua marcha para o Porto, começou a repassar o Douro com toda a sua tropa; o que muito sentírão os Tras-montanos, que, auxiliados já com a paizanagem de huma parte da provincia d'Entre Dou-

mero de paizanos se arrostou ao inimigo, e lhe causou tanto damno, excede os limites da verosimilhança: eu vi attestada a substancia destes factos, a requerimento do mesmo Capitão mór, pelo General Silveira, de quem elle executava as ordens.

1808 Junho. Douro e Minho, lhes tinhão preparado a sepultura nas fragozidades do Marão. Pretextou-se esta retirada no boletim IV. (*) do exercito Francez de Portugal com huma ordem, que Loison recebêra de Junot, para voltar a Almeida: na verdade, se a recebeo, chegou-lhe muito a tempo; mas provavelmente a ordem forão os avisos, que teve da marcha das differentes columnas, que vinhão cahindo sobre elle. Esta foi a opinião constante daquelles póvos, e attribuio-se ao Juiz de fóra de Amarante José Antonio de Sousa Faria Girão o ser o author do aviso. (**)

Era

(*) He muito curioso este boletim, comparando-se com os factos conhecidos da expedição de Loison: póde ver-se na gazeta de Lisboa de 14 de julho de 1808, e no *Observ. Port.* pag. 364.

(**) Este ministro tinha-se malquistado para com o povo, desde o dia 19, em que pertendeo suffocar os primeiros movimentos da revolução, que então rompêrão em Amarante, passando ainda no dia 20 a fazer affixar por editaes as ordens de Lagarde, que prégavão submissão. Os editaes forão logo rasgados pelo povo, á vista mesmo dos offi-

Era a primeira vez que se arrostava o inimigo com as armas na mão, 1808 Junho.

ciaes, que os tinhão affixado; e dalli caminhárão algumas pessoas de destinção para casa do Juiz de fóra, que depois de algumas reflexões o trouxerão á razão, ficando justa para a tarde desse mesmo dia a solemne acclamação. Junto já o povo para se começar o acto, elle parecia ainda irresoluto; de fórma que Francisco Xavier Ferreira Gaveão Pessoa, sujeito de destinção, e hum dos mais ardentes acclamadores, tirou do seu chapéo o tope nacional, e o collocou no delle Juiz de fóra; pegou no estandarte Real, e appareceo com elle á janella, dando muitos vivas, que forão respondidos por huma multidão de clerigos, frades, nobreza, e povo, que alli se achavão; e seguio-se immediatamente o irem de procissão pelas ruas, e passarem a descobrir as armas Reaes no convento de S. Gonçalo, tendo-se já descoberto no dia precedente as do obelisco da ponte da parte do Conselho de Gouvêa, e a tudo isto assistio o Juiz de fóra. No dia seguinte, quando se rompeo a noticia da marcha de Loison, e o povo se ajuntou, para lhe sahir ao encontro, he certo que o Juiz de fóra se ausentou, mas tambem o he, que se não retirou para a parte dos Francezes, o que he mais depressa demonstrativo de muito medo, do que de convivencia com o inimigo. Como depois se vio inesperadamente a precipitada retirada de Loison, attri-

1808 Junho. e o grito da guerra, soando rápidamente por aquellas provincias, produzio nos póvos hum effeito maravilhoso: commoveo-se todo o paiz desde a Tua até o Cavado, e os seus habitantes, principalmente os das margens do Tamega, corrêrão a precipitar-se sobre os Francezes. Era quasi tudo paizanagem, algumas milicias, e muito pouca tropa de linha, porque a não havia. Os clerigos, e os religiosos fazião huma par-

buio-se-lhe o ter-lhe elle communicado aquelles avisos; do que me affirmárão pessoas fidedignas, que houverão indicios, mas não provas. Foi prezo, e remettido ao Porto á ordem da junta, de cujo Presidente vi hum officio, que approvava a prizão, e louvava ao povo de Amatante o zelo, com que obrára contra o inimigo commum. Com tudo a junta não se atreveo, nem a condemnar o Juiz de fóra, nem a absolvello do crime imputado: elle foi conservado na prizão, até que nas commoções populares, que precedêrão á entrada dos Francezes no Porto em março de 1809, quando se abrirão as cadêas, conseguio fugir, sendo hum dos que o povo mais procurava para o matar; e dizem, que em lugar delle forão mortos por engano alguns dos prezos.

parte mûito consideravel desta expedição, e deve-se lhes muito, não só pelo valor, e actividade, que despregavão, mas tambem pelo enthusiasmo que sabião inspirar aos póvos. Hum religioso authorizado, e resoluto, hum abbade, ou mesmo hum cura á frente do seu povo, valia por hum General: as suas ordens erão obedeçidas, sem réplica. Este mesmo espirito se manifestou no clero por toda a parte do reino; era a consequencia de huma guerra, que tomava os caracteres de guerra de religião, e de patria; e os invasores devião esperar este resultado da sua interessada, e infernal politica. Roubando indestinctamente os póvos, elles chamavão sobre si o odio da nação inteira; atacando a religião nos seus principios, e lançando as suas mãos ávidas sobre os templos, e sobre os bens do clero, fazião por duplicados motivos hum inimigo implacavel deste corpo numeroso, de que tanto conhecião a influencia sobre os póvos. A nada disto atendião; porque os cegava o espirito de rapi-

1808 Junho.

1808 Junho. na, tornado o primeiro movel de todas as suas operações.

Dividirão-se os nossos combatentes em tres columnas principaes, segundo os destrictos, a que pertencião; a de Villa-Real, a de Amarante, e a de Guimarães. Sómente esta ultima se computava em 30$ homens, e o total das tres em 60$: não affianço a conta, direi sómente que era huma grande multidão de gente, de que o número, e a boa vontade supprião a falta de disciplina, e de armas. Havião poucas espingardas; e essas pela maior parte más; o forte do armamento consistia em fouces encavadas em páos, piques, e gadanhos; e isto foi geral em todo o reino, pelas razões que mais de huma vez tenho indicado.

A primeira columna que chegou ás visinhanças do inimigo, foi a de Villa-Real, commandada pelo Tenente-Coronel de cavalleria João Botelho Guedes; e sendo este chéfe informado em S. Gonçalo de Lobrigos de que os Francezes estavão repassando o Douro, correo sobre elles, di-

dividindo a sua tropa, para ir batendo a campanha, a fim de evitar alguma emboscada. Já não pôde alcançar tropa inimiga na margem direita; mas avistando ainda Francezes, e carros da parte opposta, passa o rio, dispersa huma pequena guarda, toma-lhe huma forja de campanha, e volta com a noite á Regoa. 1808 Junho.

Alli vierão encorporar-se nessa mesma noite a columna de Amarante, conduzida pelo Alferes de cavalleria Luiz Maria de Cerqueira, e pelo cadete de artilheria João Borges de Cerqueira, e a de Guimarães, de que era commandante o Tenente-Coronel de cavallaria Gaspar Teixeira, trazendo mais á sua frente o Monsenhor Miranda, o Mestre-escóla, e conegos da Collegiada de Guimarães, e muitas outras pessoas, e militares de destinção. Esta columna teria chegado primeiro, se no dia precedente não tivesse tido alguns desvios no seu caminho em busca do inimigo, por falta de informações exactas. A gente vinha muito fatigada, e por isso logo dalli se forão des-

1808 Junho. desmembrando muitos; os mais resolutos porém resolvêrão proseguir o inimigo na sua fugida.

Passou-se pois o Douro na manhã seguinte, e de caminho se fez a acclamação em Lamego, no que espontanea, e alegremente convierão os seus habitantes; muitos dos quaes se encorporárão logo aos Transmontanos, e de tão boa vontade, que até os marchantes partírão com os seus cães de fila. Loison tinha sahido de Lamego furtiva, e precipitadamente pelas duas horas da noite, e os nossos o forão alcançar acima da povoa de Juvantes, onde estava descançando. Assim que elle os avistou, proseguio na retirada, marchando velozmente em columna cerrada com as bagagens no centro. Por espaço de duas leguas se lhe fez hum fogo tão vivo, como podia esperar-se de huma paizanagem mal armada, mas furiosa, e encarniçada sobre hum inimigo, que lhe dava as costas.

Não era possivel conservar-se por mais tempo unido hum ajuntamento

de

de homens indisciplinados, e fatigados, de tão differentes terras, e sem terem seguros os meios de subsistencia: foi-se dispersando, e só depois que Loison se vio desafrontado he que fez acampar a sua gente em humas eminencias, onde passou a noite, com tantas precauções, como se tivesse á vista hum exercito inimigo. No dia seguinte as suas guardas avançadas ainda forão incommodadas até Castro d'Airo, onde foi dormir. He aqui que o citado boletim IV. representa huma gloriosa acção dos Francezes contra huma columna de *insurgentes*, que ousára aproximar-se á reta-guarda de Loison, figurando destroçada a mesma columna, com perda de 400 homens: foi tudo pelo inverso, na fórma do costume de taes relações. A maior perda da nossa gente nestes tres dias memoraveis consistio em huns quinze desgraçados, que morrêrão no saque da Regoa, e aldéas visinhas: poucos ficárão nos combates; e pelo contrario a perda dos Francezes se calculou ao principio em mais de 300 homens.

1808 Junho.

1808 Junho. mens. Nunca darei por certos estes calculos, nos quaes raras vezes deixa de entrar a exaggeração; mas por huma estimativa prudente, segundo o que depois se foi averiguando, parece que os Francezes mortos chegarião a huns 80; e não deve admirar a desproporção entre a perda dos nossos, e a dos inimigos, porque aquelles atacavão, e estes fugião.

Perdêrão mais os inimigos muitas bagagens, dois obuzes, além da forja de campanha assima referida, outra despedaçada, mais de 25 barris de polvora, e bala, huma carreta quebrada, a secretaria, que lançárão ao Douro, varios livros mestres, instrumentos bellicos, trastes de ouro, e prata, que ficárão em poder dos paizanos, e ricos uniformes, que adornão os templos de S. Gonçalo de Amarante, e N. Senhora da Oliveira de Guimarães.

Foi nestes sitios, e por occasião destes combates que principiou a ser conhecido o célebre Fr. José Joaquim da Assumpção, da Ordem dos Prégadores, pela firmeza do seu bra-

ço,

ço, e certeza dos seus tiros, cujos serviços o nosso governo reconheceo, e principiou a remunerar de hum modo honroso. He o frade do habito branco, de que muito fallárão os nossos periodicos, e cujo valor, dizem, que até por Loison foi elogiado. 1808 Junho.

Toureado por esta fórma nas margens do Douro, Loison tomou a estrada de Viseu, deixando á sua esquerda a de Moimenta da Beira, que na verdade era mais breve, porém mais aspera para Almeida. Esta direcção, e algumas disposições equivocas de Loison fizerão suspeitar, que era o seu intento marchar sobre Coimbra, o que produzio nesta cidade os sustos, que ha pouco deixo dito; talvez o fizerão mudar de projecto as exaggeradas vozes do respeitavel pé de defeza, em que se achava Coimbra, e onde realmente não havião ainda senão planos, e bons desejos.

Residia em Viseu o General Portuguez Florencio José Correa de Mello, que governava as armas da pro-

vin-

1808 Junho. vincia; e assim que soube da aproximação do inimigo no mesmo dia da entrada, convocou á pressa huma junta, composta do Corregedor, Juiz de fóra, e Camaristas, para se decidir se havião de resistir-lhe, ou deixallo entrar como amigo. Nella expôz o estado indefezo, em que se achavão, accrescentando, que apezar disso votava pela resistencia: o vereador mais velho foi da mesma opinião; mas ficárão vencidos em votos, porque se oppozerão todos os mais. Em consequencia pois desta resolução, se lhe dispôz a recepção amigavel. Entrou Loison; mas não pedio boletos, e fez acampar a sua tropa fóra da cidade no campo da feira, pondo guardas em varios pontos proximos a ella, que mandavão sentinellas até ás bocas das ruas, com ordem de não deixarem entrar soldado algum Portuguez. Aquartelou-se em casa do General; e era tanto a seu medo, que mandando fazer a barba por hum barbeiro da terra, se fez guardar entretanto por dois soldados com as armas sobre os braços,

e

e apontadas as baionetas para o barbeiro. No dia seguinte deo liberdade a tres, ou quatro prisioneiros, que trazia, e partio, sem fazer hostilidade alguma, tendo pago exactamente toda a despeza, que as suas tropas tinhão feito. Vinha manso como hum cordeiro, o que se attribuio á montaria, que lhe tinhão feito os nossos, e de que elle não podia ainda acreditar, que se achava a salvo; mas depois se soube, que tinha recebido recommendações de Junot para tratar bem os póvos; porque a revolução de Badajoz, e da Andaluzia tomava forças, e ia lavrando pelo sul de Portugal. Não pôde porém conservar por muito tempo este systema, tão contrario ao seu habito, e da sua tropa. 1808 Junho.

Tomou Loison a estrada de Mangoalde, e continuou a sua marcha sem acontecimento algum notavel até as visinhanças de Celorico. O povo desta villa já estava amotinado, mas o Juiz de fóra prudentemente o conteve, até que os Francezes passárão, e se effeituou então o levantamento,

1808 Junho. sem perigo. Loison, percebendo a fermentação, mandou perguntar se o querião receber como amigo, ou como inimigo; respondeo-se-lhe, que como amigo, o que não obstante, acampou fóra da villa. No dia seguinte vio-se ameaçado pelos paizanos de algumas aldêas, que o observavão dos oiteiros: destacou contra elles alguma tropa, incendiou casas, e fez outras hostilidades na aldêa de Souropires.

Quasi aos seus olhos se levantou valorosamente a cidade de Pinhel, com approvação do Bispo, e opposição do Corregedor. Foi Loison castigalla, como sempre se explicava, no dia 30; e achando-a deserta, começou o saque; mas felizmente já a esse tempo tinha sido enviado ás ordens do Tenente-coronel Francisco Homem de Magalhães Pissarro hum batalhão da vanguarda Trans-montana, para proteger as terras da Beira alta, que fossem tomando partido, e observar esta columna Franceza. Chegava neste momento a Trancoso o Capitão José Alvares da Silva

com hum corpo destacado do mesmo batalhão; o que apenas sabido por Loison, levantou campo, e foi metter-se em Almeida, unico abrigo, que lhe restava, porque nesse mesmo dia se tinha levantado Viseu, e tudo se revolucionava á roda delle. Os habitantes de Pinhel, recolhendo-se a suas casas, prendêrão o Corregedor, e o remettêrão para o Porto. Aqui suspenderemos por agora com a expedição de Loison, e com os movimentos das provincias do norte, para descermos ás do sul. 1808 Junho.

1808
Junho.

CAPITULO XIX.

Varias anecdotas, e operações de Junot, de seus Ministros, e Generaes em Lisboa. Memoravel função do Corpo de Deos: Novo desarmamento da capital: Mensagem de Pedro de Mello Brayner ás provincias do norte.

NÓs deixámos Junot com os seus fiéis ministros em convulsões, pela noticia da prizão dos Francezes no Porto, ellas continuárão sempre a mais, porque diariamente chegavão noticias de alguma cidade, ou provincia levantada. Bem procuravão elles encubrillas ao povo de Lisboa; mas sabião-se com certeza, quando não fosse por outros meios, pela falta dos correios. A revolução lavrava no sul, como no norte do reino, e os Francezes, estreitados cada vez mais pela parte da terra, e encurralados pela do mar, erão como os ha-

habitantes de hum edificio, que cahia sobre elles aos pedaços, e de que não podião, nem retirar-se, nem reparar as ruinas. 1808 Junho.

No meio de tantos perigos Junot affectava sempre huma alma grande; mas o seu coração era mais pequeno que hum grão de trigo. Hum dia que passeava por huma varanda, depois de ter jantado, e tendo talvez bebido muito, se lhe ouvírão as palavras: *Portugal será mon tombeau.* Qualquer pessoa, que lhe não tirasse o chapéo, o que era muito frequente, já elle se persuadia que o insultava; qualquer carta que visse ler na rua, era correspondencia com o inimigo; qualquer acção duvidosa hum crime. Aconteceo, por exemplo, que passando por diante de huma cocheira na rua de S. Roque, e vendo que dois lacaios alli estavão lendo hum papel, investio a elles, e arrancando-lhe violentamente das mãos o papel, o leo, e lhes atirou outra vez com elle depois de ver, que não continha cousa alguma, que motivasse suspeitas. Dizem que tambem

1808 Junho. bem chegou a dar algumas pranchadas pelas ruas; e tal era o estado de desconfiança, e de frenezi, em que andava a cabeça do nosso homem!

O dia de Corpo de Deos, sendo tão alegre para toda a christandade, foi hum dos mais aziagos para os Francezes. Nelles lhes acontecêrão fataes desgraças em differentes terras de Portugal, e Hespanha; e em Lisboa sentirão huma vertigem, na verdade mais terrivel do que perigosa, que porém devia ser para elles de funesto agouro.

He bem sabida a grande pompa, com que se costumava celebrar em Lisboa a procissão, e festividade propria deste dia; posto que já muito decahida do esplendor, em que a deixára o magnifico Rei D. João V. Junot temeo desgostar mais o povo, privando-o deste espectaculo, tão pio como apparatoso, a que estava habituado; e por isso, não só tinha resolvido, que se celebrasse, como d'antes, mas pozera o publico em grande expectação, pelos pompo-

sos

sos annuncios, que disse lhe tinha dado. 1808 Junho.

Chegou o dia, e começou a sahir a procissão na fórma dos mais annos, sómente com a falta de São Jorge, e do seu estado. Pretextárão os Francezes esta falta, dizendo, que o Duque de Cadaval tinha levado para o Brasil as ricas peças, com que o Santo costumava adornar-se, (todas, ou a maior parte erão proprias do Duque) dizia o público, que o não quizerão deixar sahir, porque era Santo Inglez; mas os que ferírão melhor o ponto assentárão, que era por não quererem contribuir com huma propina, que a piedade dos nossos Soberanos sempre lhe mandava dar da sua fazenda á entrada do castello. Póde ser, que tambem concorresse o quererem evitar, que a comitiva, com o pretexto de acompanhar o Santo, lhe devaçasse o mesmo castello, onde então mandavão fazer varias obras, que cuidadosamente occultavão aos olhos do público, como quem se preparava para sustentar alli hum assedio. Faltando na pro-

1808 Junho. cissão S. Jorge, e o seu estado, faltava huma das peças mais vistosas; o que era já hum grande desgosto para o povo, mas não he daqui que próveio o reboliço.

A procissão já enchia o circulo, que devia correr, e era no momento em que estava para se fazer a primeira muda das varas do palio ainda dentro da igreja de S. Domingos, quando de repente se arma hum barulho em huma travessa da rua augusta, que em hum instante se communica ao immenso povo, que cobria aquellas ruas, e a grande praça do rocio, o agita, e aballa como huma onda. Ignorava-se o motivo, e todos procuravão fugir pelo caminho, que achavão mais proximo. Huma columna do povo, que estava mais perto da igreja, penetrou por ella dentro, levando tudo diante de si em linha recta: clerigos, religiosos, ministros, cavalleiros das ordens, tudo foi indistinctamente atropellado, e calcado debaixo dos pés dos que entravão, e esteve a pontos de haver maior desordem, porque os sol-

soldados Francezes, que formavão as alas, e guarnecião o interior da igreja, começárão immediatamente a carregar as armas; felizmente porém serenou o repelão logo que o terreiro contiguo á igreja ficou vazio. 1808 Junho.

Os dragões, os granadeiros, e todos os invenciveis de Junot não forão os ultimos em fugir, desamparando as ruas, e as praças, que guarnecião; até hum parque de artilheria, que tinhão collocado no rocio, foi abandonado; e vírão-se, em lugar de artilheiros, homens, mulheres, e rapazes montados sobre as peças, e carretas. Entravão pelas casas, e pelas lojas, que achavão abertas, e em algumas despedaçárão os vidros, e as louças, de que estavão providas, com o impeto da entrada, e supplicavão em hum Portuguez barbaro, que lhes conservassem as vidas, porque erão christãos. Augmentou-se o reboliço com huma voz, que se levantou do meio do maior tumulto, que os Inglezes tinhão feito hum desembarque. A grande praça, e todas

1808 Junho. as ruas visinhas, que tres ou quatro minutos antes se achavão apinhoadas de povo, ficárão vasias de gente, e cobertas de çapatos, chapéos, barretinas, e outros trastes semelhantes. Era hum campo de batalha, todo juncado de despojos, e em que apenas apparecião alguns estropiados, que não pudérão arrastar-se, algum sacristão, ou frade idoso, que tiverão a constancia de não desampararem as cruzes, que conduzião: destas ficárão muitas estendidas pela terra, e algumas feitas em pedaços.

Que espectaculo para o delegado do grande Imperador, e para a sua grande officialidade, que com Lagarde o observárão das varandas do palacio da inquisição! O sobresalto, e os flatos de algumas damas, que erão da companhia, o tornavão ainda mais horroroso, e Junot o soffreo mudo, e quedo, em quanto não foi informado dos motivos daquelle tumulto. Sabendo poucos momentos depois, que não tivera outro principio, que o rebolição causado por huns soldados,

dos, que seguião hum ladrão, apanhado a furtar hum relogio por entre o ajuntamento do povo, quando se achava mais espesso, e que não havia cousa alguma de perigo, procurou consolar as afflictas damas, e sahio a reunir a pequena parte dos dispersos, que tinhão parado em pequenas distancias, e fazer concluir a procissão com estes miseraveis fragmentos. *Que temeis? Não estou eu comvosco? O inimigo está longe*: estas, e outras semelhantes expressões erão as de Junot, depois de passado o susto, ou, para fallar com verdade, as que se lhe attribuirão em huma fabulosa, e enfeitada relação deste successo, que se publicou em huma segunda gazeta no dia seguinte. Foi segunda, porque appareceo depois de publicada a folha do costume, e a veio substiuir: andárão moços (cousa incrivel!) pelas casas dos assignantes a recolher as que já se tinhão distribuido, para ficarem supprimidas; mas não foi possivel conseguir-se este fim. Muitos as conservárão, e eu conservo huma, e ou-

1808 Junho.

1808 Junho. outra, como hum monumento precioso, que mostra assás a falta de respeito, com que estes impostores tratavão o público, e o escandalo, com que insultavão grosseiramente a verdade.

Para aliciar ao seu partido a pouca tropa Portugueza, que conservava em pé, Junot lhe prometteo, por decreto de 14 de junho, o mesmo soldo, e os mesmos viveres, que recebia a tropa Franceza, e estabeleceo differentes fórmas de arrecadação dos fundos necessarios, e hum methodo de pagamento differente do que até alli se usava, sobordinando porém os nossos officiaes, e soldados aos commandantes Francezes das differentes armas. Tambem prometteo algumas vantagens aos reformados. Tudo ficava em promessas, e promessas por huma parte filhas da necessidade, e por outra acompanhadas, ou seguidas de novas operações de desconfiança, e de oppressão.

Fez prohibir por editaes da policia as fogueiras de S. João, S. Pedro, e S. Marçal; renovou a prohi-

bi-

bição das nossas leis a respeito dos foguetes, bombas, petardos, e quaesquer outros fogos de artificio, mas com maior extensão, e rigor, fazendo responsaveis os pais, e as mãis pelas transgressões dos filhos, os chéfes de casas de educação pelas dos alumnos, os amos pelas dos criados, os mestres de officinas, fabricas, e laboratorios pelas dos seus officiaes, e dando outras providencias analogas. 1808 Junho.

Parecendo-lhe ainda ineficazes as differentes ordens, e regulamentos, que tinha publicado para o desarmamento dos póvos, determinou mais positivamente por decreto de 24, debaixo de penas mais graves, e maior vigilancia na execução, que no termo de 48 horas se recolhessem ao arsenal de terra em Lisboa todas as armas de fogo, de qualquer natureza que fossem, existentes nas casas dos particulares, ou fossem Portuguezes, ou estrangeiros. Os sabres, espontões, &c. forão igualmente comprehendidos nesta determinação, exceptuando sómente as espadas, as quaes se permittião *ainda*, formaes

pa-

1808 Junho. palavras, aos cidadãos Portuguezes, que tinhão direito a usar dellas, em conformidade das leis.

As armas, que se ajuntárão por este meio, não avultárão muito; mas havendo hum grande deposito dellas no arsenal, obra de longos annos, e de dispendiosas sommas, não as julgou Junot seguras naquelle lugar, e consequentemente as fez transportar todas ao castello de S. Jorge, onde estavão quasi ultimadas as obras de fortificação, que nelle havia mandado fazer. Vírão-se desde então todas as disposições proximas dos Francezes, para alli se fazerem fortes.

Achavão-se as cousas neste estado, e ás noticias das provincias do norte acrescião as do levantamento do Algarve, e dos progressos da revolução no Além-Téjo, quando Junot sahio com a sua famosa proclamação de 26 de junho, que principia, *Que delirio he o vosso*, huma das mais completas Jeremiadas, que produzírão os tinteiros dos seus ministros, e ao mesmo tempo hum aggregado das maiores insolencias,

que

que jámais se vírão. Tratava de loucos os Portuguezes; porque corrião ás armas contra hum exercito, que (dizia elle) vinha segurar a sua independencia, e a integridade de Portugal. Ameaçava-nos com as suas tropas numerosas, valentes, e aguerridas, diante das quaes seriamos dispersados, como as arêas do deserto ao sopro impetuoso dos ventos do meio-dia. Procurava indispôr-nos com os Hespanhoes, dizendo-nos, que querião fazer da antiga Lusitania huma provincia Hespanhola, e com os pérfidos insulares (os fiéis Inglezes) que nos arrastavão enganosamente, não olhando para os nossos interesses, mas sim para o que podia satisfazer a sua raiva, e não lhe importando que se derramasse sangue, com tanto que o continente fosse perturbado. 1808 Junho.

Misturava depois huma affectada comiseração pelo erro, em que figurava os Portuguezes, com as mais terriveis ameaças se persistissem nelle. Rompia em vociferações abominaveis contra a Real Casa de Bragança,

1808 Junho. ça, e promettia, não só a independencia de Portugal, mas tambem grandes venturas debaixo do novo Rei *in fieri*, que á sombra da omnipotencia do grande Napoleão levantaria, e reporia a nossa desgraçada patria no lugar, que lhe pertencia. He assim que ousava fallar aos Portuguezes o destruidor implacavel da nação! O hypocrita sacrilego, que tinha authorizado os roubos, e as profanações mais horrorosas dos templos, da religião, e dos seus ministros, ousava mesmo perguntar-nos, se a nossa religião não era tambem a sua, e se acaso ella tinha recebido algum insulto! Tratava pelo nome de herejes aos Inglezes, para debaixo deste ponto de vista nos fazer odiosos os nossos verdadeiros protectores; e em fim não houve meio, de que se não lembrasse, para excitar a discordia entre nós, e elles, e nos fazer desconfiar do generoso exemplo, que nos dava a Hespanha.

Perdeo o seu tempo, porque esta comprida proclamação não produzio senão riso; e as ameaças, com que

a

a concluio, não fizerão senão augmentar a indignação pública. *Toda a cidade, ou villa*, era o remate, *que tenha tomado as armas contra o meu exercito, ou de que os habitantes fizerem fogo sobre a tropa Franceza, será entregue á pilhagem, destruida inteiramente, e os habitantes passados á espada. Todo o individuo apanhado com armas será no mesmo instante fuzilado.* 1808 Junho.

Hum conselho de Generaes, que se congregou no dia 25, foi procelloso, e á face mesmo dos Portuguezes, que nelle assistirão, rompeo Junot em vociferações contra a nação, protestando, que elle faria a revolução em Lisboa, entregando-a a hum saque, e promettendo estragos, e vinganças. (*) Em consequencia do que se tratou no mesmo conselho, foi resolvida huma mensagem do governo intruso aos póvos das provin-

cias

(*) Assim o affirma o Ex-Conselheiro do governo intruso Pedro de Mello Breyner no artigo 66.°, da sua defeza.

1808 Junho. cias do norte, encarregada a Pedro de Mello Brayner: era de suppôr que este homem teria alli hum grande partido, e seria o mais proprio para converter os *insurgentes*, pelo seu emprego de Governador da Relação do Porto. Ia authorizado por Junot, para saber dos póvos o que querião, e lhes fazer amplas promessas; e elle diz, que aceitára a commissão, não com esse intento, mas porque era hum meio seguro de sahir de Lisboa, a incorporar-se no nosso exercito sem perigo seu, nem da sua familia, e que isto mesmo participou logo ás pessoas da sua amizade, e confidencia. (*)

Sahio Brayner de Lisboa a 28 de junho, acompanhado sómente por hum secretario, hum religioso seu amigo, hum guarda-roupa, hum lacaio, e hum correio: (**) chegando ás visinhanças de Leiria, a sua vida esteve em perigo, porque os patriotas pesquizavão, e perseguião com hu-

(*) Idem artig. 65.°, e 68.°
(**) Idem art. 72.°, e 87.°

huma extraordinaria actividade tudo o que respirava commissão Franceza, e não havião palavras, nem considerações que podessem suspender os effeitos da sua cólera, huma vez exaltada. Teve pois de retroceder para Alcobaça, onde se refugiou em casa de hum seu parente, e voltou depois a Lisboa. 1808 Junho.

Junot convocou por este tempo varios outros conselhos secretos, compostos dos seus Generaes, e ministros mais particulares, de que forão reveladas ao público anecdotas muito curiosas, verdadeiras, ou affectadas. Dizem, e eu não affianço o facto, que em hum delles chegou a tanto o calor das disputas que Lagarde, e De-Laborde forão ás mãos. He certo que Lagarde esteve muito tempo de cama, dizia o público, que por ter apanhado huma estocada, e dizião os seus familiares, que por se quebrar debaixo delle, e o ferir em huma perna hum alguidar de barro, em que se estava banhando. Lagarde, o Intendente Geral da policia immediato a Junot, o Con-

se-

selheiro do governo Francez, tomando banhos em hum vaso tão ordinario! Passemos a objectos mais importantes.

1808 Junho.

CAPITULO XX.

Restauração do Algarve, principiada em Olhão; e acções gloriosas de Lopes, e Mestre. Os paizanos, conduzidos por este ultimo, surprendem, e aprisionão sobre o mar huma expedição inimiga, e acossão outra sobre terra. Meios pérfidos, de que se servirão os Francezes, com o intento de suffocarem a revolução.

A Historia da revolução do Algarve acha-se muito complicada, por causa dos escritos, que sobre ella se tem publicado, cheios de incorrecções, e mesmo contradictorios em pontos essenciaes. Entrou nelles o espirito de partido, querendo por força alguns dos que os dirigírão, se-

serem os authores, ou terem a parte principal na restauração; e he quanto basta, para confundirem a verdade. Procurarei aclaralla, quanto me permittirem as minhas indagações, e a minha crítica. 1808 Junho.

Achava-se retirado em Olhão o Coronel (hoje Marechal de campo) José Lopes de Sousa, Governador que então era de Villa-Real do Algarve, e encaminhando-se no dia do Corpo de Deos, 16 de junho, á igreja matris daquella terra, para ouvir missa, vio muito povo amontoado a ler hum papel, que se achava affixado ao lado da porta da mesma igreja. Elle se aproximou para tambem o ler, e vendo que era a célebre proclamação de Junot, datada de 11, sobre o desarmamento dos Hespanhoes, cuja insolencia o indignou, assim como devia indignar a todos os bons Portuguezes, lançou-lhe a mão, e a rasgou, e pizou com os pés, voltando-se para os circunstantes, e increpando-os, que já não erão Portuguezes, e com outras expressões semelhantes; estes, ainda

que

1808 Junho que homens rusticos, e de grosseiro trato, enchem-se de enthusiasmo, e de furor, protestão, jurão, que são Portuguezes, que vingaráõ tantos ultrajes feitos á religião, ao Soberano, e á patria, e fica decidida a revolução.

Entrão na igreja a ouvir missa, acabada a qual fazem no adro a mais affectuosa acclamação do legitimo Soberano, convertendo-se em anathema a expressão de *viva o Imperador*, com que rematava o edicto, e ouvindo-se em lugar della os gritos de *viva a nossa Rainha*; *viva o nosso Principe*; *Deos dê saude ao nosso Governador*, *que deve ser o nosso General*, e outros semelhantes. He o que se chama voltar-se o feitiço contra o feiticeiro; e aquelles a quem o célebre mágico, que desde Lisboa pensava sustentar todo o reino na sua obediencia com palavras, convidava a unirem-se aos Francezes contra os Hespanhoes, e Inglezes, não cogitárão, senão de afiarem as suas espadas contra os primeiros.

Logo no mesmo dia fez José Lopes

pes affixar por editaes huma proclamação, em que a arte não brilhava, mas que fallava aos corações, exprimindo sentimentos tão energicos, como naturaes, e christãos. Foi publicada com novas acclamações ao Principe Regente, á Real Casa de Bragança, á religião, e á patria. Mas isto não bastava, era necessario fazer frente aos differentes corpos inimigos, que guarnecião o Algarve, e á primeira voz se porião em marcha, para suspenderem na nascença os passos da revolução. Estes corpos erão os mesmos, que em outro lugar referi: a legião do meio-dia, hum batalhão do regimento 26, huma companhia de dragões, e outra de artilheiros. A maior parte destas forças estava ainda em Mertola nas fronteiras do Além-Téjo; mas desta posição lhes era facil o retrocesso para as partes de Olhão: o resto fazia as guarnições de Tavíra, e Villa-Real de Santo Antonio, observando a fronteira da Hespanha, e ao mesmo tempo huma esquadra Ingleza, que andava por aquellas aguas com- 1808 Junho.

1808 Junho. boiando a expedição do General Spencer, e existião huns 200 Francezes em Faro, para fazerem a guarda de Maurin, a cujas ordens estava tambem o regimento Portuguez de artilheria do Algarve.

Mandou Lopes buscar duas peças de artilheria, que se achavão assestadas na ilha da barra de Armona, guardadas por pés de castello, com as suas munições, e a polvora, que havia no paiol da fortaleza de S. Lourenço na mesma barra de Faro. Tudo isto foi dito, e feito: os momentos erão preciosos, porque de Olhão a Faro he sómente huma legua, e tudo ficava perdido, se os Francezes podessem antecipadamente dar providencias, que privassem os nossos destes pequenos soccorros, com que principiárão a defensiva.

Expedio tambem nesse mesmo dia hum officio ao commandante da esquadra Ingleza a pedir-lhe armas, e munições, objectos que já d'antemão tinha ido procurar o Capitão Sebastião Martins Mestre, que animado dos mesmos sentimentos que Lo-

pes,

pes, e que os outros fiéis patriotas, que se lhe aggregárão, se prevenia desta fórma, para aproveitar a primeira occasião opportuna, para o rompimento. Mestre ainda se achava a bordo, quando chegou o emissario de Lopes, que era João Gomes Pincho; e como o commandante da esquadra lhes não pôde dar o soccorro, que pedião, elles se incorporárão, e partírão com tanta promptidão para Ayamonte, que no dia seguinte á noite chegárão de volta a Olhão com 130 espingardas, que lhes forneceo a junta daquella cidade. 1808 Junho.

Os Francezes de Faro nada tinhão intentado pelos meios da força, porque se não julgavão assás poderosos, mas recorrêrão a termos conciliatorios, que he o mesmo que dizer, aos da perfidia, em quanto cuidavão em reunir as guarnições de Tavíra, e Villa-Real, para cahirem sobre Olhão. O Corregedor mór convocou o Corregedor da comarca, o Juiz de fóra de Faro, o Coronel do regimento Portuguez, e o Major Joaquim Filippe de Lendercet, para que

1808 Junho. fossem pelo seu respeito, e authoridade convencer, e tranquillizar os chamados rebeldes. Corrião entretanto os paizanos da serra, e outros lugares visinhos a engrossar os nossos; e sabendo-se, que os Francezes de Tavíra marchavão por mar em tres cahiques, para se unirem aos de Faro, he o povo quem pede ao seu Governador, que lhe permitta o ir combatellos. O Governador consente, e dá o commando da expedição a Sebastião Martins Mestre.

Marchão os nossos em hum cahique, e o mesmo he encontrarem os inimigos que aprezallos, e voltarem a Olhão com a sua preza, que consistia nos 3 cahiques, 77 soldados, 3 officiaes de patente, hum quartelmestre, as suas armas, e grande quantidade de bagagens. Não foi menos importante para Olhão o aprisionamento dos tres cahiques Francezes, do que em outro tempo o fôra para os Romanos o das tres náos rostradas, que Duillio ganhou aos Carthaginezes: augmentou prodigiosamente aos nossos os meios de de-

fe-

feza, porque lhes deo armas, e mu- 1808
nições, de que tinhão huma grande Junho.
falta, e evitou huma juncção dos inimigos, que nos teria sido fatal. Duillio teve huma columna em Roma, os nossos Algarvios merecem hum monumento em Olhão.

Não tiverão tempo os nossos guerreiros para receberem os devidos applausos pela sua victoria, porque apenas chegárão a terra, soubérão, que outro corpo inimigo de 185 granadeiros, e caçadores dos que guarnecião Villa-Real, caminhavão por terra com o mesmo destino de se unirem aos de Faro. Triunfantes sobre o mar, os nossos correm a acossar tambem os inimigos sobre terra, sendo ainda commandados por Mestre. Forão esperallos dalli a meia legua, na estrada, por onde devião passar, e o combate principiou junto á ponte de Quelfes. Se se tivessem podido reprimir os primeiros impetos do povo, o encontro seria provavelmente muito fatal aos Francezes, por causa das emboscadas, que os esperavão entre ribanceiras; mas

os

1808 Junho. os paizanos se mostrárão muito cedo, e os inimigos tiverão tempo de acautelar-se: forão continuando a sua marcha em pelotões, fazendo fogo de retirada, e fizerão alto a meia legua de Faro, mandando aviso ao seu General, e tendo soffrido alguma perda, que occultárão. Dos nossos sómente sahio contuso o Mestre, e forão mortos fóra da acção hum velho, e dois rapazes.

Julgaráõ os meus leitores, que não tiverem conhecimento do paiz, que Olhão he huma cidade consideravel, que foi hum grande povo o que praticou estas bellas acções: Olhão era hum pequeno lugar, apenas conhecido pelo nome, o Principe Regente lhe fez a mercê de dar-lhe o foro de villa em principio de recompensa pela lealdade, e serviços dos seus habitantes nesta gloriosa empreza: estes, e os de algumas miseraveis aldêas circumvisinhas, que tão heroicamente rompêrão os ferros, e começárão a revolução, não passavão de huns pobres pescadores, ou camponezes. Póvos da Europa! Aprendei

dei dos pescadores do Algarve lições de valor, e de fidelidade! 1808 Junho.

Com tudo este pequeno povo via-se só no campo, e as suas pequenas forças não tinhão proporção com as do inimigo, huma vez que este podesse pôr em acção as que ainda lhe restavão. Nesta triste situação Lopes, e Mestre se resolvêrão a partir para Hespanha, a solicitar soccorros da junta de Ayamonte, e do governo supremo de Sevilha, conduzindo comsigo os prisioneiros, e as bagagens, que pudérão levar, para pôrem tudo a salvo. Foi huma resolução tão sábia, e prudente, como util á causa do Soberano, e da patria, mas não deixou a maledicencia de derramar sobre ella os seus venenos. Houverão invejosos, que a notárão de cobardia; mas os invejosos tem de calar-se á face do público reconhecido, e imparcial, que respeitará sempre a Lopes, e Mestre como os illustres chéfes da Restauração do Algarve.

He certo, que o povo de Faro andava já muito agitado, porém não só

1808 Junho. só não tinha ainda rompido, mas o Senado da camara desta cidade, dominado, e opprimido pelos Francezes, mandou affixar em Olhão hum tristissimo edital, em tudo contrario ao de Lopes, dirigido a suffocar os movimentos da restauração, a que chamava *o mais tumultuoso, e escandaloso atentado contra a segurança da nação*, de que aquelle Senado era sabedor com bastante mágoa sua, no tempo, em que este reino tinha as mais bem fundadas esperanças da sua independencia, exhortando consequentemente aquelle povo, a tirar-se da cegueira, em que se achava, e que era ainda tempo de dissipar, não sendo seguido semelhante partido por pessoa alguma, antes procurando as pessoas daquella cidade os meios justos de persuadir aos seus parentes, e amigos, residentes em Olhão, a que abraçassem o bem, que se lhes propunha, obedecendo a quem governava, e apartando de si os males eminentes, a que estavão expostos. Ainda dizia mais o edital: increpava aquelles valorosos restaura-

do-

dores da patria, de fazerem com que a fiel nação Portugueza viesse a ser marcada com o ferrete infame da ingratidão. Que blasfemia! Lavemos, se he possivel, esta grande nodoa da camara de Faro: O ferrete infame he bem conhecido neste edital; elle só podia vir immediatamente de huma mão Franceza. Os camaristas lhe prestárão as suas assignaturas; mas tambem o algoz fere a victima, e não he senhor do braço, que move o cutélo. Não increpemos pois com reprehensões amargas áquelles, que o assinárão, bastão-lhes os remorsos, a dôr acerba, que terão sentido de serem os instrumentos maquinaes dos pérfidos traimas de nossos oppressores, expondo em nome de hum povo fiel, e valoroso, sentimentos diametralmente oppostos aos que animavão os seus corações. Que o erão, mui breve se fez patente, pelo que aconteceo em Faro.

1808 Junho.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XXI.

Movem-se novas forças contra Olhão, abrem-se negociações, e entretanto se faz o levantamento em Faro. Heroismo de hum mercador, e de outros illustres patriotas. A revolução se faz geral; e os Francezes, depois de acossados em varios encontros, evacuão todo o Algarve.

GOvernava então as armas Francezas no Algarve o Coronel Maranzin, por impedimento do General Maurin, que jazia enfermo em huma cama, não podendo dar senão conselhos. Maranzin pois, assim que constou em Faro o successo dos seus granadeiros, e caçadores, que vinhão de Villa-Real, fez sahir para os auxiliar alguns artilheiros com hum obuz; e por falta de forças Francezas enviou mais duas peças, conduzidas por hum destacamento de 50 artilheiros

Por-

Portuguezes, para a quinta de rio secco, a hum quarto de legua da cidade. Deo o commando deste destacamento ao Tenente Belchior Drago Valente de Brito Cabreira, e este manifestou logo o seu aggravo por palavras proprias de hum bom Portuguez, fazendo entender aos nossos, que se chegasse a haver acção, tomaria o acordo que lhe inspiravão a sua honra, e o seu patriotismo. 1808 Junho.

Na manhã do dia 19, conservando-se ainda as cousas neste estado, o capitão Francez Garier, que commandava o campo, receoso dos successos, e desconfiando talvez de que poderia ser atacado, antes de receber o reforço, que esperava, adiantou-se da sua tropa pelo caminho de Olhão, e póde, por acenos, e demonstrações amigaveis, attrahir á falla alguns paizanos. Entrou a persuadir-lhes, que o General Francez estava prompto a perdoar áquelle povo, com tanto que se tranquillizasse, e obedecesse ao seu governo: prometteo-lhes, que a pesca seria protegida, (era levallos pelo seu fraco,

por-

1808 Junho. porque da pesca tirão aquelles póvos a sua principal subsistencia) que serião indemnizados dos males preteritos, e que até se perdoaria a José Lopes, sem que delle se pertendesse mais, que o ausentar-se daquelle lugar. Não mostrárão os paizanos grande repugnancia, respondendo, que darião parte ao povo, o qual não teria talvez dúvida em annuir ao que lhe propunhão, com tanto que a promessa fosse affiançada pelos ministros Portuguezes.

Muito contente com esta abertura de negociações, Garier partio para Faro; e em consequencia do que expôz, foi então mandada com elle a deputação dos ministros, e de Lendercet, para a conclusão do acordo. Por ausencia de Lopes, e de Mestre, governava-se o povo pela direcção do zeloso Prior de Olhão: mandárão-se alguns sujeitos da terra, para conferirem com os ministros; mas em quanto estavão parlamenteando; sobreveio hum novo acontecimento, que, não só rompeo a negociação, mas decidio da prompta expulsão dos

Fran-

Francezes de todo o Algarve. O povo de Faro levantou-se, logo que vio a cidade quasi sem inimigos, bem como huma mola, apenas desembaraçada de hum pezo estranho, que lhe supprimia a acção. Muitos pertendem a honra de serem os primeiros, que lhe derão o movimento: sem me intrometter nas suas disputas, referirei os factos, e ver-se-ha, que entre tantos, e tão distinctos patriotas, que cooperárão nesta acção, pertence talvez a maior gloria aquelles, que tem feito menos bulha com os seus argumentos. 1808 Junho.

Na loja de hum mercador, chamado Bento Alvares da Silva Canedo, se ajuntavão alguns verdadeiros Portuguezes a tratar do grande ponto da restauração de Faro: aproveitou-se o momento de estarem os Francezes entretidos sobre Olhão; e da mesma loja, em que se formou o projecto, sahírão tambem as providencias para a sua execução.

Canedo ganha por dinheiro (*) hum

(*) He indifferente o ser grande, ou pe-

1808 Junho. hum homem de baixa plebe, e na manhã do dia 19 o faz introduzir na torre da igreja do Carmo, para que á hora dada toque a rebate, começando por algumas badaladas, como as que se costumão dar por devoção, quando se acha alguma mulher de parto: elle o executa, e apenas começa a tocar, apparecem públicamente a fazer a acclamação os que erão sabedores do facto, e o povo principia a concorrer de todas as partes. Erão horas de jantar, e muitos deixárão as mezas, ou se levantárão de dormir a sesta, para correrem ás praças. Hum dos primeiros, que apparecêrão, foi o Coronel do regimento Portuguez d'artilheria do Algarve Caetano de Almeida, que intimado pelo povo se declara pela justa causa, e expede logo avisos ao Tenente Bel-

quena a quantidade de dinheiro dada ao homem, que tocou a rebate; mas como *J. F. Lendercet* na *Breve notic. da Restaur. do Alg.* diz que forão 6400. rs. devo accrescentar em abono da verdade, que em dinheiro, e outros objectos avultou a mais algumas moedas.

Belchior Drago, para que volte immediatamente a unir-se aos nossos, com o destacamento do seu commando. Dizem, (*) que o Tenente, apenas recebeo o aviso, puzera immediatamente ao seu pescoço a gola, de que ia prevenido, com o destinctivo das armas Reaes, mandando tocar a postos, e marchar para Faro os seus soldados. A' entrada da cidade veio recebellos muito povo com acclamações de alegria, e assim entrárão em ar de triunfo, precedidos de hum bando de rapazes com canas verdes levantadas. 1808 Junho.

A este tempo já a revolução estava feita: era sómente necessario sustentalla, e aperfeiçoalla. O Capitão Sebastião Drago Valente de Brito Calreira, irmão de Belchior, que estava dormindo em sua casa, e acordou ao toque dos sinos, sahio logo armado, e o povo lhe deferio o commando. Outro seu irmão, o Tenente Severo Leão Drago de Brito Calreira

(*) O mesmo *Lenderest*, e *Couto* na *Relaç. Histor. da Revolaç. do Alg.*

1808 Junho. ra estava na guarda principal, e chegou a marchar com os Portuguezes, que tinha ás suas ordens, para socegar o tumulto: vendo porém o aspecto serio, que as cousas tomavão, voltou para a guarda, e os seus soldados se unirão logo ao povo. Elle mesmo não tardou em abraçar o partido da patria; sendo estes tres irmãos do número dos mais ardentes defensores de tão justa causa. Garier, com os seus Francezes, marchou tambem sobre Faro, mas já não pôde entrar; porque os nossos tinhão corrido aos pontos, por onde podião ser atacados, e assestado nelles alguma artilheria. Forão rechaçados os Francezes de fóra em dois ataques, que fizerão, e postos em fugida com perda do seu obuz. Quanto aos de dentro entregárão-se como cordeiros, e forão prezos, incluso o General, á excepção de algum, que pôde fugir.

Distribuírão-se pelo povo as armas, que se achárão no quartel-general, arrombou-se o paiol da polvora, e praticou-se tudo o mais, que era de esperar em taes circumstancias.

O

O povo não deixou de entregar-se a alguns daquelles actos vertiginosos, de que he tão susceptivel, e entre os mais excessos, tentou tirar a vida ao General Maurin, mesmo doente como se achava, mas forão atalhadas estas desordens, pela prudencia, e actividade dos bons Portuguezes, e pela presença do Bispo do Algarve, que se pôz immediatamente em campo, e foi incansavel em restabelecer a tranquillidade. O General foi conduzido, por decencia, ao paço episcopal, onde ficou em custodia: não pôde porém evitar-se o abrirem-se as cadêas, para se soltarem os prezos. O enthusiasmo era geral em todas as classes; e em quanto huns se empregavão em manter a tranquillidade interna, outros vigiavão o campo, conservando-se sempre em armas todo esse dia, e a noite seguinte, com o justo receio de que o inimigo voltasse a atacar a cidade. 1808 Junho.

Foi nessa occasião que o mesmo povo, para distinguir aquelles, que se tinhão feito mais dignos da sua confiança, os condecorou com a di-

1808 Junho. visa de hum penacho encarnado. Hum laço de fita da mesma côr no braço direito foi depois a que se destinou para todos os patriotas, de qualquer qualidade, estado, ou graduação; decretando-se, e fazendo-se público, por meio de hum bando, que todo aquelle, que não usa-se della, seria reputado traidor, e inimigo da patria. Estas divisas não são inuteis. O menos efficaz dos seus effeitos he o manifestar os dissidentes, porque como estes pódem disfarçar-se, tomando-as, vem a ser a este respeito hum sinal equivoco, e huma providencia inutil: o principal consiste no enthusiasmo, que inspirão, principalmente entre as classes inferiores do povo, que á proporção da menor cultura dos espiritos, recebe maior influencia destas exterioridades.

No dia 20 de manhã se celebrou hum memoravel congresso no alto da Esperança, onde o povo estava em massa. Congregados os magistrados, o Bispo com o seu cabido, e clero, as ordens religiosas, (que tudo pegára em armas) o corpo militar,

e

e a nobreza, se renovou de hum modo mais solemne a acclamação dos nossos legitimos Soberanos, e da Real Casa de Bragança. Acabada esta acção, se resolveo fazerem-se as competentes participações, por cartas circulares ás camaras, e póvos daquelle reino. Encarregou-se desta commissão, para a parte occidental, Sebastião Duarte da Ponte Negrão, o qual tinha sido hum dos mais fervorosos, e efficazes acclamadores, e agora, sem esperar que se concluissem todas as cartas, partio por Loulé, e foi discorrendo todas aquellas terras até Lagos, preenchendo a sua commissão com tanta felicidade, que dentro de 48 horas todo este grande espaço de terreno sacodio o jugo inimigo, e não reconheceo outra voz, que a do legitimo Soberano. 1808 Junho.

Em Lagos achou-se Sebastião Duarte tão fatigado, que não pôde passar adiante: mandou emissarios a Sagres, e mais terras situadas ao norte do cabo de S. Vicente, nas quaes se effeituou a restauração com igual successo; e depois de hum breve re-

1808 Junho. pouso, voltou a Faro procurar novas occasiões de servir o Soberano, e a patria, no que foi infatigavel. A junta do governo do Algarve lhe passou hum honroso brazão dos seus serviços, assim como a alguns outros dos que mais se assinalárão nesta occasião. O Bispo tambem escreveo circulares aos parocos do Algarve, e mesmo a alguns do Além-Téjo, que concorrêrão muito para acelerar a marcha da restauração.

Para a parte oriental do reino encontrárão-se algumas difficuldades, porque he para alli que tinhão concorrido as tropas Francezas. Os fugitivos de Faro, e as tropas de Mertola reunírão-se em Tavíra; mas quando justamente se receava, que cahissem outra vez sobre Faro, evacuárão repentinamente Tavíra, e se refúgiárão na serra; ou fosse por temerem algum desembarque da esquadra Ingleza, então muito proxima á barra desta cidade, como diz Lendercet, ou porque Maurin lhes ordenasse por huma carta dirigida a Maransin, que evacuassem o Algarve, te-

temendo ser entregue ao furor popular, se os seus soldados procuras sem libertallo, como affirma Couto. 1808 Junho.

Apenas os Francezes derão as costas, o povo de Tavíra se levantou a 21, e foi acossallos na serra. Tomárão os inimigos a direcção do Guadiana, e na noite de 22 ainda hum corpo das suas tropas, que descia de Alcoitim, pertendeo entrar em Castro-marim, que os seus já tinhão evacuado, mas foi repellido. Desde este momento não se virão em todo o Algarve Francezes, senão fogitivos; de fórma que oito dias forão bastantes para ficar inteiramente livre este pequeno, mas bellissimo reino. Vejamos como entretanto os póvos cuidárão em organizar hum governo, e aproveitárão o seu tempo, não só tomando medidas de defeza para o seu paiz, mas tambem meditando outras de ataque contra os Francezes, que ainda occupavão algumas provincias de Portugal. Não se sabia no Algarve o que se passava para o Douro, mas trabalhava-se de concerto, porque os pensamentos erão

os

1808 Junho. os mesmos por toda a parte: o mesmo Soberano, a mesma patria, e hum systema uniforme de oppressão da parte dos invasores, produzião os mesmos effeitos em todos os fiéis Portuguezes.

CAPITULO XXII.

Estabelece-se hum conselho de regencia em Faro, de que he nomeado Presidente o Marquez de Olhão, que reasume tambem o governo do Algarve. Operações principaes do novo governo: Commoções populares: Motivos de desconfiança para com os Hespanhoes, de que resulta hum tratado de firme alliança. O Corregedor de Béja pede, e obtem soccorros.

EM quanto não houve a certeza de que o Algarve se achava limpo de Francezes, permanecião os póvos em hum estado de inquietação, temendo serem atacados a todo o instan-

tante: erão frequentes os boatos falsos de que o inimigo se aproximava, e produzião sempre algum rebate. A 21 experimentou se ainda em Faro huma destas convulsões, e he della que resultou o tratar-se sériamente do estabelecimento de hum governo provisional supremo. O conego Antonio Luiz de Macedo fez a proposta, que foi logo approvada pelos cabeças da revolução, e organizou sobre este mesmo assumpto huma proclamação, que sendo lida ao povo, teve tambem huma aceitação universal, ficando reservada para o dia seguinte a organização de hum corpo, em que residisse o mesmo governo, o que se effeituou com toda a serenidade; porque além de se acharem conformes os espiritos sobre o fim, a que se propunhão, estavão á frente do povo perfeitamente unido o Bispo, os magistrados, a camara, e as pessoas principaes do clero, nobreza, e milicia. 1808 Junho.

Nomeárão-se em primeiro lugar 28 eleitores, por deputações dos corpos, a que pertencião, a saber: 7 da

1808 Junho. da nobreza, e 7 do povo, todos nomeados pela camara; 7 do clero, escolhidos pelo cabido, e 7 dos militares, escolhidos pela pluralidade de votos desta corporação. O Bispo lhes deferio juramento; e presididos pelo Corregedor, e Juiz de fóra, elegêrão por maioria de votos, para Presidente o Marquez d'Olhão, (nesse tempo Conde de Castro-marim, e hoje hum dos Governadores do reino) e interinamente o Bispo; para deputados, por parte do clero o Arcediago da Sé de Faro Domingos Maria Gavião Peixoto, e o conego Antonio Luiz de Macedo; da nobreza o Desembargador José Duarte da Silva Negrão, e José Bernardo da Gama; do corpo militar o Major Joaquim Filippe de Lendercet, e o Capitão Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira; e do povo Miguel do O, e Francisco Aleixo. Forão estes os membros, de que se compôz a junta, que se denominou Conselho supremo de regencia, e exercitou realmente o poder Soberano, em nome do Principe Regente.

O

O Marquez de Olhão achava-se retirado em Tavíra, tendo sido esbulhado, com a entrada dos Francezes, do cargo de Governador, e Capitão-general do Algarve, que exercêra pelo Principe Regente. Faz-lhe honra o seu retiro: trocou por elle a habitação da corte, sua patria, onde não poderia existir, sem incensar Junot, e sacrificar ao governo intruso os deveres sagrados de bom cidadão, e fiel vassallo. Agora o povo de Tavíra, e hum momento depois Faro, e todo o Algarve o põe á sua frente, e he das mãos do povo que elle reasume hum governo, que de direito lhe pertencia. 1808 Junho.

Achava-se occupado em organizar os negocios de Tavíra quando recebeo huma deputação, que lhe enviárão de Faro, apenas organizado o conselho, para que viesse exercitar a sua presidencia Ainda se demorou alguns dias, providenciando o que convinha, e o conselho não deixou entretanto de usar das suas faculdades, provendo sobre os negocios do reino.

1808 Junho. Mandárão-se novas circulares pelo interior, e emissarios a Gibraltar, Sevilha, e Ayamonte. Expedírão-se as competentes ordens aos commandantes militares, e aos magistrados territoriaes: começou-se a trabalhar na reorganização das tropas, e em se levantarem alguns corpos de caçadores, no concerto das armas velhas, ou destruidas pelos Francezes, em se guarnecerem os pontos mais importantes da serra, e se fortificarem Castro-marim, a aldêa do Cachopo, e outros lugares, que se consideravão mais expostos. Creárão-se juntas secundarias, não só em Tavíra, e outras terras do Algarve, mas tambem na capital de Faro, todas com subordinação ao conselho; tal foi a junta das finanças, composta de hum Presidente, que era o Corregedor da mesma capital, quatro deputados, e hum procurador da Fazenda, á qual se encarregou este importantissimo ramo da administração pública.

Em quanto o General, o conselho, e as authoridades subalternas se empregavão no estabelecimento, e exe-

execução destes, e de outros sabios regulamentos, não deixárão de manifestar-se algumas commoções populares, que alterárão a tranquillidade. E como poderia ser de outra fórma, se a revolução era obra do povo, e só por estes movimentos convulsivos he que o povo se determina? Os Francezes, e afrancezados erão sempre o alvo da execração pública, e com os culpados lá iáo algumas vezes conduzidos ás prizões públicas, expatriados, e ameaçados de morte os innocentes: com tudo não se derramou huma só gota de sangue, porque nestas crizes perigosas se achárão sempre homens de probidade, que o povo respeitava, e que souberão moderar os excessos deste. 1808 Junho.

Na villa da Alagôa houve hum tumulto mais serio contra o Juiz de fóra. Este magistrado não se achava muito bem conceituado para com o povo, que o arguia de ter sido muito prompto, e exacto na execução das ordens do governo intruso, e augmentou-se a animosidade contra elle, por-

1808 Junho. porque se demorou alguns dias, depois da revolução, sem usar da divisa do laço encarnado. Houve quem o aconselhou, que não apparecesse em público, para se não expôr a algum insulto; e desprezando este saudavel conselho, elle se animou a sahir em dia de S. João, dia de feira, e por consequencia de grande perigo. Bem depressa conheceo a sua indiscrição, quando já não podia remedialla, vendo-se corrido, apupado, e prezo por hum numeroso concurso de povo amotinado, que não pedia menos, que a sua morte. Elle a soffreria sem dúvida se não houvessem entre o mesmo povo alguns homens mais prudentes, e moderados, que, para o salvarem suscitárão a idéa de o conduzirem prezo a hum forte, para ser julgado, e punido judicialmente.

Não houve affronta que lhe não fizessem, improperio de que o não carregassem: derão-lhe pancadas, e depois de o terem assim arrastado por mais de huma legua, e mettido no forte, ainda exigírão delle, que

di-

dimittisse o cargo. Acalmou com isto a onda, e o Juiz de fóra, podendo escapar, tomou a resolução tardía de abandonar o lugar, e se retirou a sua casa. 1808 Junho.

Huma das maiores faltas, que se experimentavão, era a de armas, apezar de todas as diligencias, que se havião feito para obtellas. O Marquez de Olhão as pedio a Gibraltar, d'onde lhe vierão com effeito 700 espingardas, 400 arrobas de polvora, e hum provimento proporcionado de balas, e pederneiras. De Sevilha acabavão tambem de chegar 800 espingardas, conduzidas pelo capitão Mestre, que apenas as entregou á disposição do General partio para Ayamonte a pedir mais, com huma ordem, que trazia do governo supremo de Sevilha, para se lhe entregarem as que alli se podessem dispensar. Obteve 400, mas para repartir com o Corregedor de Béja, João José Mascarenhas, que ao mesmo tempo fazia iguaes requisições á junta de Ayamonte, para soccorrer a sua desgraçada cidade, a qual acaba-

va

1808 Junho. va de soffrer a catastrofe, de que adiante farei menção.

Obrando assim de concerto as authoridades Hespanholas, e Portuguezas, tudo promettia o mais feliz resultado, mas sobreveio hum incidente, que esteve a pontos de alterar a harmonia, entre as duas nações. Os Hespanhoes passárão o Guadiana pela parte de Castro-marim, e destruírão as baterias, e reparos, que os nossos alli tinhão construido. Este passo parecia hostil; mas provavelmente não teve outro motivo da parte dos Hespanhoes, senão o considerarem ainda pouca segurança no Algarve, e temerem que o inimigo commum os podesse atacar por aquelle lado; posto que não deixárão de grassar sustos, e boatos, de que era a consequencia de maquinações de homens pérfidos, que projectavão vender o Algarve.

Em taes circumstancias o conselho de regencia do Algarve enviou á junta suprema de Sevilha o conego Manoel do Coito Taveira, encarregado de pedir explicações, e solici-

tar

tar a mais firme alliança entre os dois governos. A conciliação não foi difficil, porque ambas as partes estavão bem dispostas, e não havião difficuldades que aplanar. Concluio-se hum tratado, que teve por base o reconhecimento da independencia do governo do Algarve, estabelecido em nome do Principe Regente, e no qual se promettêrão soccorros, e a mais efficaz cooperação d'ambos os governos, para a justa causa, que defendião. D. Sebastião Vicente Solis, Hespanhol de nação, e zelador acerrimo dos interesses de ambas as nações, ficou em Sevilha como encarregado dos negocios do Algarve; e aos seus bons officios se deve em grande parte o bom exito de muitas requisições, que por nossa parte se continuárão a fazer aos Hespanhoes, e a permanencia de huma amizade tão firme, e sincera, como os principios, que lhe servião de fundamento. 1808 Junho.

O Corregedor de Béja, instruido dos successos do Algarve pelo Capitão Mestre, partio tambem para Faro, a pedir ao Marquez d'Olhão,

1808 Junho. e ao conselho os soccorros possiveis, para ir restaurar aquella cidade, e continuar a revolução no Além-Téjo; requerendo assinaladamente, que se lhe concedessem José Lopes, e o mesmo Mestre, para commandarem a expedição. Forão-lhe com effeito concedidos estes chéfes com quatro peças de campanha, alguns artilheiros, e varios corpos da infanteria de Lagos, Tavíra, e Villa-nova de Portimão, que se ião organizando. Forão estes os principios do exercito do sul, que, ainda que pequeno, veio a cooperar muito, pelos seus movimentos, para a total expulsão dos Francezes de Portugal.

CA-

1808 Junho.

CAPITULO XXIII.

Principia a revolução do Além-Téjo no levantamento de Villa-viçosa: O General Avril marcha contra esta villa, e os seus habitantes, commandados por Antonio Lobo Infante, se defendem, mas succumbem. Exito infeliz desta empreza.

OS successos de Béja, como nascidos dos do Algarve, se offerecião agora espontaneos á minha pena; mas pede a ordem, que eu principie pelos de Villa-viçosa, para seguir chronologicamente a marcha da revolução no Além-Téjo.

Andava por 8ϕ homens a força inimiga, que por este tempo existia naquella provincia: Kellerman tinha comsigo a maior parte em Elvas, huma guarnição de 3ϕ commandados por Avril em Extremoz, e hum destacamento em Villa-viçosa. Villa-

1808 Junho. viçosa dista quatro leguas de Elvas, e duas e meia de Extremoz; o que mostra bem, quanto era arriscada a sua situação. Com tudo foi a primeira terra do Além-Téjo que ousou quebrar o jugo; como se o ter sido assento da antiga Casa de Bragança, e o solar, d'onde em 1640 foi tirado hum João, para cingir a corôa de Portugal, que legitimamente lhe pertencia, a constituisse agora na obrigação de preceder ás outras da provincia em levantar o braço, para arrancar esta mesma corôa da cabeça de hum usurpador, e restituilla a outro João, descendente do primeiro.

Desde os principios de junho tinhão mostrado os seus habitantes huma grande fermentação, pelo motivo de verem passar huma escolta Franceza, que conduzia o dinheiro da contribuição, e a prata das igrejas da comarca: já os espiritos se achavão assás exaltados, para olharem de sangue frio os despojos das suas casas, e dos seus templos. A 16 apparecêrão os mesmos symptomas, por cau-

causa de huma ordem, que se intimou aos milicianos, para marcharem para Elvas no serviço Francez; mas o rompimento formal aconteceo na tarde do dia 19. 1808 Junho.

Era hum domingo, dia em que o povo de Villa-viçosa costuma concorrer, por devoção, á capella de N. Senhora dos remedios; e postando-se alguns Francezes junto a hum arco, que lhe he contiguo, como que o fazião de proposito, para insultarem as pessoas, que passavão, isto foi bastante para os nossos paizanos investirem a elles, com o fim de se desaggravarem. Do castello sahírão mais Francezes armados, em soccorro dos seus camaradas; mas cresceo o ajuntamento dos nossos de tal maneira, que os inimigos tiverão de recolher-se ao castello, fechando muito depressa as portas, para não serem feitos em pedaços.

Tocou-se a rebate, e o povo, amontoado á roda do castello, quiz forçallo, despedaçando a porta grande com machados, o que não pôde conseguir, por ser chapeada de ferro;

1808 Junho. e por esta razão se limitou a conservallo em bloqueio. Assim ficou toda a noite: lembrão entretanto os Francezes de Elvas, e de Extremoz, que voarião a libertar os seus camaradas, em lhes constando o aperto, em que se achavão, e occorre por tanto a necessidade de procurar auxilios, e hum chéfe, que commande: tomou-se consequentemente o partido de enviar deputados a Badajoz, a pedir soccorros, e de offerecer o commando ao General Francisco de Paula Leite. Este General, que residia então naquella villa, tendo governado as armas da provincia, como vimos, no tempo, em que fora occupada pelos Hespanhoes, e ficado sem governo com a entrada dos Francezes, e de que nos lugares competentes irei referindo os importantes serviços, que depois tem feito á patria, ou julgou, que não era ainda tempo de declarar-se, ou se não atreveo, o que fez foi encerrar-se na sua casa, onde passou huma grande parte da noite estirado sobre hum canapé, e entregue a meditações profundas.

Apro-

Aproximando-se mais o perigo, á proporção que o tempo decorria, o povo na manhã seguinte se dirigio ao Sargento-mór de milicias (hoje Coronel) Antonio Lobo Infante de Lacerda, antigo official de hum dos regimentos de linha, e este fiel, e honrado Portuguez aceitou o commando. Principiava elle a dar as suas ordens, e dispôr a sua gente pelos pontos, que dominão o castello, fazia-se fogo sobre os sitiados com muita intrepidez, principalmente de cima do telhado da igreja de N. Senhora da Conceição, quando chega a noticia de que o General Avril vem marchando a passos rápidos sobre Villa-viçosa com parte das suas tropas. Hum paizano pobre, mas muito agil, e possuido de sentimentos patrioticos, chamado Ignacio da Silva, que se achava casualmente em Extremoz, e observou os movimentos do inimigo, foi quem correo a Villa-viçosa com este aviso. Depois elle foi inseparavel de Antonio Lobo, trabalhando com huma incansavel actividade na obra da restauração,

1808 Junho.

1808 Junho. e merecendo por isso os elogios de alguns dos nossos Escritores. (*)

Dispõe-se Antonio Lobo a receber o inimigo com a sua gente indisciplinada, e mal armada, principiando por hum *Viva o Principe Regente Nosso Senhor, e em seu nome vencer ou morrer.* Corre depois á porta do nó, fazendo tremular a bandeira Portugueza, guarnece com os seus fuzileiros as paredes, que fechão a entrada, as casas proximas á esquerda da ultima porta da sahida da villa, e os torreões contiguos, de tal maneira que huns cobrião os flancos dos outros, e colloca os que tinhão armas brancas em frente da porta, esperando alli o inimigo a peito descoberto. Mas erão sómente 38 os fuzileiros, e 82 os de armas brancas, o mais era tudo povo tumultuario, armado de foices, e de chussos; força muito pequena para resistir a meio batalhão do regi-

(*) *Resumo dos success. da prov. do Além-t. pag.* 3. *Observ. Portug. pag.* 337., *e* 378. *Success. do Além-t.* de Biancardi pag. 18.

gimento 86, (a que pertencião os sitiados no castello) e 100 dragões, que erão as forças inimigas, que conduzião o General Avril em pessoa, e o Coronel Lacroix, com quatro peças de campanha. (*) 1808 Junho.

Acabava Antonio Lobo de fazer as suas disposições no campo, e andava observando os pontos de bloqueio do castello, quando ouve huma descarga. Elle corre velozmente ao campo, e vê a sua gente em acção de perseguir hum piquete de cavallaria inimiga, que se adiantára a descobrir o terreno, e apenas soffreo a primeira descarga, de que lhe resultárão tres mortos, ou feridos, que os seus camaradas conduzírão atravessados nos cavallos, evitava o combaba-

(*) Este calculo da força inimiga he tirado do boletim Francez; e eu o segui, apezar do pouco credito de hum tal documento, porque differe pouco do que dão os escritores citados na nota precedente; mas, depois de o ter escrito, me asseverou pessoa de criterio, que então existia com emprego público em Extremoz, que excedia a 2ϕ homens a força, que Avril moveo contra Villaviçosa.

1808 Junho. bate por hum movimento de conversão, e fuga rápida. O povo indiscreto já se imaginava victorioso, teimando em seguir o inimigo, que dizia ter-lhe fugido; mas o prudente Lobo o reconduzio com muito custo ás suas posições.

A pouco espaço apparece a infanteria Franceza, não pela estrada de Borba, por onde se esperava, e lhe estava preparada a emboscada, mas no alto, á esquesda da porta da tapada; e descendo em columna ao longo do muro, travou-se o combate. Os nossos ainda sustiverão por algum tempo os inimigos, mas estes saltão para dentro da estrada, e os tomão pelo flanco, ganhando as alturas dos muros proximos, e fazendo avançar duas peças em frente da porta: os paizanos fogem, e fica tudo limpo diante dos Francezes, apenas as peças começão a jogar. Antonio Lobo vio-se só, e rodeado de inimigos. Achando-se tomada pela cavalleria Franceza a sahida da villa pela parte do carrascal, e rocio dos Paulistas, elle se vio obrigado a rom-

per

per por entre ella, e o corpo inimigo, que vinha baixando do castello e foi refugiar-se em Olivença. 1808 Junho.

Mostrárão então os Francezes o seu valor sobre o povo inerme, matando quantos encontravão fugindo, e alguns que apparecião ás janellas, sem perdoarem a sexo, nem idade, e entregando a villa ao saque por espaço de huma hora. Relações de algumas pessoas, que assistírão a este successo infausto, computão a perda dos Francezes em 36 mortos, e a dos nossos sómente em 26, além de 6 prisioneiros, que o inimigo levou: sem contar com a exactidão destas relações, não tenho repugnancia em acreditar, que a perda dos vencedores fosse maior, que a dos vencidos; porque era decidida a vantagem destes, em quanto combatêrão do alto das paredes, e cobertos em grande parte; e quando o inimigo entrou na villa, a achou quasi deserta.

Kellerman sabendo em Elvas no dia 20 os successos de Villa-viçosa de 19, mandou tambem sahir daquella praça 600 homens para cooperarem

1808 Junho. rem com as tropas de Avril ; mas sabendo elles no caminho o resultado da acção , e que por tanto já não erão precisos , voltárão sem demora para Elvas.

Tal foi o exito da heroica resolução dos habitantes de Villa-viçosa , que , se por infeliz se faz crédora das nossas lagrimas , por ousada , e grande merece a nossa admiração , e reconhecimento. No boletim 1.º do exercito mandou Junot fazer huma pintura desta acção toda a seu geito : figurárão-se combates em diversos pontos , nos quaes deixárão os inimigos (assim nos chamavão os usurpadores , fallando a respeito de nós mesmos) 200 mortos nas ruas , além de outros em grande número , que soffrêrão no campo a mesma sorte , e de 12 , a que chamavão cabeças de rebellião , que forão colhidos , e espingardeados. Passou depois a fallar na clemencia do General Avril , e exaggerou no ultimo ponto a moderação das suas tropas , ousando asseverar , que *a pezar das leis da guerra , nenhuma casa foi saqueada.*

da. (*) Esta proposição, além de falsa, he bem demonstrativa do modo de pensar dos seus authores em materia de saques. Provavelmente no codigo destes canibaes da Europa ao titulo *dos direitos do homem* segue-se o do *direito do saque*, e seguir-se-hão da mesma fórma o do *assassinio*, o *da violação*, &c. São direitos, que competem aos invasores sobre toda a cidade, villa, ou lugar, que tiver a ousadia de pegar em armas, para se defender. E são estas as leis da guerra! Não creio, que os cafres, que os antropofagos da nova Zelandia adoptassem jámais, como lei, principios tão barbaros! 1808 Junho.

CA-

(*) Estas palavras são fielmente copiadas do boletim, o qual póde ver-se na gazeta de Lisboa de 8 de julho de 1808, e no *Observ. Portug. pag.* 354.

1808
Junho.

CAPITULO XXIV.

Moretti, e Lobo se apossão de Jarumenha, e fazem della o fóco da revolução. Expedições inuteis dos Francezes contra esta praça. Movimentos de Kellerman contra a Extremadura, e sua partida para Lisboa.

OS Deputados de Villa-viçosa tinhão sido tão bem recebidos em Badajoz, que immediatamente foi expedido D. Frederico Moretti, com a sua legião, a Olivença, para se informar do estado das cousas, e soccorrer Villa-viçosa, se fosse possivel. A partida de Moretti foi no dia 20, e no mesmo chegou a Olivença já de noite, onde o foi encontrar Antonio Lobo, no momento em que elle se estava informando do número, e situação dos inimigos, e lhe participou os successos. Conferirão ambos, e concordando em que

não

não tinhão forças para atacarem os Francezes, e os desalojarem do castello de Villa-viçosa, em que se tinhão feito fortes, resolvêrão apoderar-se no dia seguinte de Jurumenha, que lhe ficaria servindo de ponto de apoio á quem do Guadiana, para dirigirem depois as suas ulteriores operações. Foi esta a primeira empreza, em que obrárão associados estes dois illustres companheiros d'armas, cuja união foi firme, e teve os mais felizes resultados para a provincia, e para todo o reino. 1808 Junho.

O Governador de Jurumenha era Portuguez de nação, mas segundo todas as relações, não se lava da nodoa de ser muito adherente ao partido Francez. Tinha na vespora feito prender alguns habitantes de Villa-viçosa, que alli forão refugiar-se, e passado aviso a Kellerman, a fim de os mandar conduzir para Elvas, pedindo-lhe ao mesmo tempo, que enviasse huma guarnição Franceza para aquella praça. Que titulos para incorrer na indignação de todos os bons Portuguezes! A guarnição Franceza par-

1808 Junho. partio com effeito de Elvas, e já estava muito perto de Jurumenha, quando Moretti, e Lobo se apresentárão diante dos seus muros.

Resolveo-se pois começar pela prizão do Governador, para cujo fim se introduzírão na praça disfarçados 16 animosos Portuguezes, levando por guia hum João Antonio de Andrade; e destes, em quanto oito forão executar a prizão, os outros se fizerão senhores das portas. Entrou immediatamente D. Gabriel Lobo com 20 hussares da Extremadura, e apoderando-se da artilheria teve a gloria de rechassar os Francezes, que já se aproximavão aos muros por aquelle lado, em quanto Moretti entrava pelo outro. Por este modo ficárão os nossos senhores da praça, sem lhes custar huma gota de sangue. Duzentos Hespanhoes ás ordens de Moretti, e vinte, ou vinte e dois Portuguezes, vindos de Villa-viçosa, que seguião Lobo, forão as forças combinadas, que fizerão esta primeira conquista.

Então os Portuguezes de Jurumenha

nha enviárão aos Hespanhoes de Badajoz por via de Moretti huma energica representação, pedindo-lhes novos soccorros, para recobrarem a independencia nacional. (*) Os Hespanhoes os ouvírão, ampliando as ordens a Moretti, que até alli erão muito restrictas, e pondo á sua disposição mais algumas forças, para obrar com ellas segundo lhe parecesse, e Jurumenha ficou sendo o ponto central, que devia servir de foço á revolução do Além-Téjo. Dalli sahírão emissarios, e proclamações para os differentes póvos da provincia: alli se recebião os das terras, que se ião revolucionando; e no meio de tudo isto teve Moretti a delicadeza de conservar-se sempre como mero auxiliar, não aceitando o governo, que lhe offerecião os Portuguezes. 1808 Junho.

Os Francezes repellidos diante de Jurumenha forão os proprios, que levárão a noticia a Kellerman, o qual no primeiro accesso da sua raiva decre-

(*) Gazeta de Madrid de 16 d'agosto de 1808. Diario de Badajoz n.º 33.

1808 Junho. cretou a prizão de todos os Hespanhoes residentes em Elvas, e expedio ordens a Avril para que de Extremoz enviasse tropas a subjugar Jurumenha; acompanhando estes seus decretos com taes disposições, que parecia ameaçar a ruina da Extremadura inteira. Vãos esforços de huma cólera impotente!

Avril foi prompto em mandar hum corpo de infanteria com a competente artilheria contra Jurumenha; mas esta nova expedição, conhecendo a impossibilidade da empreza, voltou como a primeira, sem ousar combate; deixando reforçada a guarnição de Villa-viçosa, e fingindo, que o seu objecto não fora outro, que hum dos passeios militares, que estas tropas costumavão fazer a Evora, Arraiolos, e outras terras, para terem os póvos em respeito. Kellerman grita, e clama, que dalli por diante será elle o proprio executor das suas ordens; e averiguando pelas observações que fazia por hum oculo da torre da Sé, que a guarda avançada Hespanhola no porto do Caia

não

não excedia a 40 cavallos, determinou ir surprendella, e restabelecer por meio desta acção o credito das suas armas. 1808 Junho.

Sahio da praça á frente de 180 dragões na noite do dia 24, e chegou ao Caia pelas 11 horas. Alli distribuio as partidas, que devião surprender as vedetas, e as que havião de cahir immediatamente sobre o corpo da guarda, que estava sobre o monte de Santo Isidoro; e com effeito as suas medidas lhes sahírão tão justas, que tomou os seus quatro prisioneiros de surpreza: a guarda porém, apenas o presentio, pôz-se em armas, e Kellerman evitou o combate, voltando para Elvas, onde entrou triunfante da Extremadura, e tão ufano com a sua preza, qual outro Cesar com as riquezas das nações vencidas.

Animado com estas primicias tão lisongeiras, elle redobrou esforços, e actividade para continuar a sua campanha. Tinha já exercitado, e distribuido pelos differentes pontos a sua infanteria, artilheria, e ordenan-

1808 Junho. cas, para entrar em acção, quando foi obrigado a desistir de taes projectos, por huma ordem, que recebeo de Junot, seguida bem depressa de outras mais fortes, que lhe determinavão se recolhesse a Lisboa com todas as forças disponiveis da sua divisão. A tanto aperto se via já reduzido o General em chéfe, pelas noticias que recebia das provincias do norte! Kellerman quiz trazer comsigo alguns officiaes Francezes, que os Hespanhoes lhe tinhão tomado, e na esperança de o conseguir restituio ao governo de Badajoz os quatro prisioneiros, acompanhados de huma carta, conduzida por hum official Portuguez ao General Galluzo, para que este usasse de igual generosidade, mandando-lhe entregar os Francezes: foi porém recusado.

Com esta humilhação de mais, dispôz Kellerman a sua retirada do Além-Téjo, tendo ordenado hum novo plano para a defeza de Elvas, e seus fortes, deixando o commando geral das tropas Portuguezas, e ordenanças ao General Antonio José de

Mi-

Miranda Henriquez, e o de toda a artilheria da praça, e fortes a Collet, capitão do destacamento de artilheiros Francezes, que alli ficou. 1808 Junho.

CAPITULO XXV.

O povo de Béja se levanta contra os Francezes, e assassina dois dos seus proprios magistrados. Combate-se vigorosamente junto aos muros desta cidade. Os Francezes entrão, e commettem horriveis atrocidades.

HOrroroso espectaculo offerecia então ao mundo a infeliz Béja. Os Francezes, que evacuárão fugitivos o Algarve, tinhão-se reunido em Mertola a 21: dalli destacárão huns 200 que entrárão em Béja a 23, pedindo quarteis, e viveres para todo aquelle corpo de tropa, que devia tambem seguir por alli a sua marcha. Os habitantes, bem longe de se prestarem a esta requisição, derão logo tantos,

1808 Junho. e tão evidentes sinaes de insurreição, que os Francezes se vírão obrigados a sahir da cidade a 24, e acampárão fóra dos muros, communicando, como he de suppôr, os seus avisos a Mertola.

A sahida dos Francezes animou ainda mais o povo, e cresceo de tal modo a fermentação, que voltando dois soldados, para conduzirem viveres, forão assassinados. Pela demora o commandante Francez os julgou prezos, e não mortos; por cujo motivo os pedio imperiosamente, protestando ir libertallos por força, se lhe não fossem restituidos por vontade. He então que o povo em tumulto pede armas, não só para se defender, mas tambem para ir atacar o inimigo. Os magistrados, temendo o perigo proximo, quizerão ainda suffocar estes movimentos, propondo ao povo, que devião esperar huma melhor occasião, para o rompimento; mas foi debalde, porque começárão elles mesmos a ser ameaçados. O Corregedor rendeo-se ás instancias do povo na manhã do dia 25, fa-

fazendo-lhe entregar as armas, que pudérão haver-se; e sem esperar acontecimentos, de que era facil prever o fim desgraçado, ausentou-se, não para o inimigo, mas com direcção a Hespanha, a pedir soccorros, como ha pouco temos visto. 1808 Junho.

O Provedor Francisco Pessanha de Mendonça Furtado, e o Juiz de fóra Antonio Manoel Ribeiro Camizão tomárão differente partido. Sahírão a encontrar-se com os Francezes; e com affagos, e persuasões conseguírão, que não começassem as hostilidades, promettendo-lhes, que serião providos de viveres; mas voltando contentes a communicarem ao povo este triunfo aparente, e lhe persuadirem novamente, o quanto era intempestivo o rompimento na presença de hum inimigo armado, e tão superior em forças, o povo em lugar de escutallos, amotinou-se contra elles, tratando-os de traidores.

Retiravão-se já da cidade o Provedor, e o Juiz de fóra, desenganados do nenhum fructo dos seus offi-

cios,

1808 Junho. cios, e temerosos de perderem as proprias vidas, quando os foi alcançar hum mensageiro, e lhes propôz da parte do povo, que tendo-se tambem ausentado o Corregedor, ninguem restava para fazer apromptar os viveres aos Francezes; que voltassem pois, porque a sua falta produziria os mesmos males, que elles tinhão querido evitar. Os ministros voltão, para cahirem desgraçadamente nas mãos de hum povo irritado, suspeitoso, e furioso. O Provedor cahio logo morto de huma estocada: o Juiz de fóra, traspassado como elle pelo ferro, teve mais a infelicidade de sobreviver por alguns momentos, para soffrer insultos, que horrorizão. Biancardi, hum dos poucos authores, que tem escrito com pureza, e dignidade sobre a historia da nossa restauração, que sei bebeo em boas fontes a noticia dos factos, de que tratou, e que a estas qualidades ajunta huma grande modestia, e hum notavel cuidado em evitar imputações por factos illiquidos, não duvidou nomear o matador dos mi-

ministros; (*) e a voz pública faz derivar este successo de rixas familiares. 1808 Junho.

Com as mãos ainda tintas do sangue dos seus magistrados o povo corre ás velhas, e em parte já demolidas muralhas, onde se conserva em armas toda a noite. Pela manhã já o inimigo não apparecia, tendo aproveitado as trévas, para huma retirada furtiva: cantou-se intempestivamente o triunfo, e a cidade se julgou em perfeita segurança; mas forão breves estes momentos de alegria, porque a poucas horas se recebeo a noticia de que os mesmos Francezes, que se julgavão fugitivos vinhão de volta sobre Béja, reunidos ao resto das suas forças, que tinhão sahido de Mertola.

Novamente se amotina o povo, e sem soçobrar ainda, corre ás armas; porém sem ordem, sem chéfe, e sem plano de defeza, occupando ca-

(*) *Success. do Além-t. pag.* 22.: he hum folheto, que só tem o defeito de ser mui pequeno.

1808 Jnnho. cada hum o lugar que lhe parecia. Erão quatro horas da tarde, quando se avistou o inimigo: no primeiro assalto foi este na verdade repellido com vigor, e teve muitos mortos, entrando no número destes o chéfe de batalhão Berthier, official de muita reputação entre os seus; mas renovando o ataque por differentes pontos, forçou a cidade, e a entregou ao saque.

Sáo inauditos os crimes, e as torpezas, que neste acto commettêrão estes inimigos implacaveis da humanidade: matárão, roubárão, violárão, queimárão.... Não direi mais; sejão os proprios Generaes Francezes os que pintem o lastimoso estado, a que os seus soldados deixárão reduzida a infeliz Béja. Kellerman recebeo a noticia ainda em Elvas, mas já muito proximo ao momento de partir, e elle a fez publicar por meio de huma proclamação, que principiava desta maneira: *Habitantes do Além-Téjo: Béja tinha-se revoltado, Béja já não existe! Os seus criminosos habitantes forão passados*

dos ao fio da espada, e as suas casas entregues á pilhagem, e ao incendio. Junot fez huma semelhante participação em Lisboa no boletim 2.° do seu exercito, no qual, além do mais que contém, se lê o seguinte: *Os rebeldes deixárão 1$200 mortos no campo da batalha; tudo quanto se colheo com armas na mão foi passado ao fio da espada, e as casas, d'onde se fizera fogo sobre as nossas tropas, forão incendiadas.* 1808 Junho.

Béja existe, não perecêrão todos os seus habitantes, porque o effeito das chamas não correspondeo aos desejos dos que as atiçavão, e porque os monstros, sendo tão ávidos de ouro, e prata, como sequiosos de sangue humano, em quanto se precipitavão na pilhagem, não podião surprender todos os fugitivos; mas Béja será hum monumento eterno da barbaridade Franceza. He necessario ter hum coração muito familiarizado com o crime para commetter taes cruezas sobre os seus semelhantes! He necessario ter transgredido todos os lemites da decencia, para insultar hu-

1808 Junho. huma nação inteira, annunciando-lhe por este modo a destruição de huma das suas cidades, porque dera hum passo para recobrar os seus direitos! As margens do Araxes ainda conservão memorias horrorosas da destruição de Persepolis, decretada em hum momento de desacordo pelo mais humano dos conquistadores (se entre os conquistadores póde haver humanidade!) para satisfazer aos desejos de huma mulher desnaturalizada. Tres mil annos não tem sido bastantes para offuscar a lembrança deste criminoso excesso de Alexandre: tres mil seculos não poderáõ jámais escurecer a de tantas Persepolis incendiadas por estes destruidores implacaveis, que reflectidamente, por costume, e por systema tem convertido em cemiterios as mais bellas cidades d'Europa!

Reflectidamente, e por systema tem commettido taes atrocidades, porque o terror he o unico sustento do seu poder, o ferro, e as chamas são os seus ministros. Em conformidade com estes principios Kellerman pro-

proseguio na sua proclamação, prometendo o mesmo estrago a todos os *insensatos*, que pegassem em armas contra os Francezes, e a essas chusmas de *contrabandistas*, (assim chamava aos Hespanhoes) e de *criminosos* reunidos em Badajoz, que armavão os Portuguezes; e conclue, trazendo á memoria as ameaças de Junot da maneira seguinte: *Conhecei, que não foi em vão que o nosso General em chéfe vos disse, que nuvens de rebeldes desapparecerião entre nós, como as arêas do deserto pelo sopro impetuoso do vento do meio-dia.* 1808 Junho.

Nós continuámos a ser *insensatos*, imitando o exemplo dos *contrabandistas*, e *criminosos* de Badajoz, e por fructo da nossa demencia temos recuperado religião, pátria, Soberano, leis, honra, e fortunas. O vento assoprou do occidente, e fostes vós os que desapparecestes diante delle, mas não digo bem, diante de huma nação guerreira, e virtuosa, que vos sacudio do seu seio, como abutres. Vós vos tendes precipitado

(he

1808 Junho. (he verdade) em novos bandos sobre a nossa infeliz patria, para lhe despedaçardes as entranhas, e podereis repetir ainda impunemente as scenas de Villa-viçosa, de Béja, da Guarda, de Alpedrinha, de Leiria, e de Evora; a Hespanha, e a Europa inteira puderáõ ser ainda por algum tempo o theatro sanguinoso das vossas costumadas façanhas; mas hum dia virá, em que o raio da vingança ha de cahir sobre as vossas cabeças! O ceo, e a terra, que tanto insultaes, se conspiraráõ contra vós; temei as sombras de tantas victimas innocentes, que tendes feito descer aos tumulos, e descarregaráõ sobre vós o açoute da vingança; temei ser affogados nesses mesmos lagos de sangue, que tendes derramado!

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XXVI.

O Juiz de fóra de Marvão pertendendo restaurar esta praça, he perseguido, e foge para Hespanha. Trabalhos, e emprezas deste ministro, até que em fim consegue os seus intentos.

VOltando os olhos para o norte da provincia, divisa-se hum espectaculo tão alegre, quanto he triste o do sul: o patriotismo, conduzindo, e consummando a revolução, sem se derramar sangue humano.

O Juiz de fóra de Marvão, que se tinha conservado, por huma especie de prodigio, dentro desta praça, sem exercitar jurisdicção, e sem ser inquietado, apenas soube da revolução de Badajoz mandou o seu escrivão Joaquim Antonio da Cruz com huma carta ao General Galluzo, pedindo-lhe soccorros para tambem restaurar Marvão. Foi applaudi-

da

1808 Junho. da em Badajoz a resolução do Juiz de fóra, mas Galluzo não lhe pôde mandar os soccorros: voltou pois o escrivão com esta noticia, e tambem com a de que á sua partida daquella cidade já era público em toda ella o objecto da sua commissão.

Desde este momento o Juiz de fóra devia, ou pôr-se a salvo, ou preparar-se para o sacrificio. Elle se deixou ficar com o mesmo socego em Marvão, ajuntando o seu pouco fato em dois baús, e pondo em cima de huma meza cópia da carta, que havia escrito a Galluzo; de fórma que se lhe dessem algum assalto em casa, fosse logo vista, e se conhecesse por ella, que elle não tivera socios naquella empreza: até nisto foi admiravel a sua conducta, não querendo arrastar victimas na sua desgraça.

Não se enganou nos seus calculos. No dia 11 de junho passeando por huma sala, e deitando casualmente a cabeça á janella, vio o Corregedor da comarca (he a de Portalegre) com hum Ajudante d'ordens do Ge-

General Kellerman, e varios de cavallo, que se encaminhavão para a sua porta. Não teve tempo para mais, que o dizer a hum criado, que se aquella gente o procurasse, lhe dissesse, que não estava em casa, e retirou-se por huma porta de quintal. Ainda ouvio a voz do Corregedor, que perguntava por elle, e na rua passou por entre alguns da comitiva, que o não conhecêrão; mas o Corregedor, sahindo da porta, e divisando-o já em bastante distancia, começou a chamar por elle, dizendo-lhe, que voltasse, pois sómente querião tratar com elle sobre certos aquartelamentos. 1808 Junho.

A praça tem duas portas, huma chamada da villa, e outra do Rodão, mas como nesse tempo só tinha huma diminuta guarnição, conservava-se fechada esta ultima. Foi para esta parte, que se encaminhou o Juiz de fóra, e encontrando-se com Joaquim José de Matos, estudante de Coimbra, e natural de Marvão, que se achava em ferias, este o quiz recolher em sua casa; mas o Juiz de fó-

1808 Junho. fóra, vendo que o continuavão a seguir, correo sempre, e se precipitou da muralha abaixo, cahindo sobre huma extensa rampa, que naquelle sitio se prolonga desde os seus alicerces, pela qual foi escorregando, e felizmente se achou no fim della, sem prejuizo consideravel. O estudante, como tinha querido asilar o Juiz de fóra, tambem fugio, e por ser de estatura pequena coube por hum buraco da porta. Incorporados os dois fugitivos, dirigírão-se a Valencia de Alcantara; e quando já se achavão em bastante distancia de Marvão, ainda vírão huma numerosa escolta de Suissos, que ficára de guarda á porta da villa, e rodeou a cortina, até o lugar, onde o Juiz de fóra se precipitou, sem dúvida em seu alcance.

Soube-se depois, que além das ordens de Kellerman, tambem Lagarde tinha expedido as suas ao Corregedor, para a prizão do Juiz de fóra: exporei os motivos, que se presume tiverão as ultimas. Quiz o Juiz de fóra trazer comsigo huma ima-

imagem do Principe Regente, e em falta de retrato proprio, usava de huma peça de 6400, com o cunho de S. A. R., e chegou a apparecer algumas vezes em publico com ella pendente ao pescoço. Quiz depois enfeitar a peça com algum adorno exterior, e para este fim a entregou a hum portador, que foi com outros negocios a Lisboa, para lhe mandar pôr huma guarnição em roda: não lhe apparecêrão mais, nem o portador, nem a peça, e houve indicios de ter sido delatado este facto a Lagarde. 1808 Junho.

Passados tres ou quatro dias, o estudante confiado na sua innocencia, e aborrecido do seu desterro voluntario, voltou para sua casa, ficando o Juiz de fóra em Valencia. O Governador de Marvão fazia entretanto bravuras. Pôz em sequestro o pobre fato do Juiz de fóra, mandou-lhe pregar as portas, e o declarou banido, por meio de editaes, e proclamações, em que fulminava grandes penas contra todo aquelle que o não denunciasse, sabendo que elle

1808 Junho. se achava em terras de Portugal; e era hum Governador Portuguez, posto pelo Principe Regente de Portugal!

Estas noticias não abalárão o espirito do Juiz de fóra, mas elle ficou todo transtornado quando soube que forão prezos o estudante, seu pai, o Major d'ordenanças Francisco José de Matos (a quem não valeo o achar-se em huma cama doente de gota) e hum medico chamado Bartholomeu Lucio, por se julgarem complices no imaginario delicto daquelle ministro, e mais ainda, quando lhe disserão, que já se achava huma escolta Franceza em Marvão, para os conduzir a Elvas. Representava-se-lhe que elles iáo immediatamente a ser fuzilados, e não podia supportar a idéa de que elle mesmo tinha sido o instrumento, ainda que involuntario, desta fatalidade. Elle havia solicitado soccorros á junta de Valencia, para libertar Marvão, mas inutilmente, agora determinou-se a salvar os prezos a todo o risco.

Teve meios de aggregar a si alguns

guns Hespanhoes, e marchando com elles para o territorio Portuguez, foi-lhe facil ajuntar tambem a paizanagem daquelles sitios, que o conhecia, e respeitava. Com esta comitiva se encaminhou a certo ponto da estrada entre Marvão, e Elvas, para atacar a escolta, e tomar-lhe os prezos; mas quando chegou, a escolta tinha passado, e soube-se que não levava os prezos, porque o seu objecto tinha sido o conduzir de Marvão as munições, que lhe fosse possivel, e inutilizar o resto. 1808 Junho.

Como o nosso bravo Juiz de fóra se vio á frente de huma numerosa paizanagem, que lhe obedecia cégamente, aproveitou a conjuntura, para huma empreza maior: esperousse, que findasse o dia, e ajudados das trévas marchárão todos para Marvão. Era meia noite de 24 para 25 de junho, quando as muralhas forão escaladas. O Juiz de fóra dirigio-se logo á cadêa, com parte da sua gente, para libertar os prezos, mas acontecia que o carcereiro tinha desapparecido, porque lhe fugíra o estu-

1808 Junho. dante no dia precedente, e por isso não apparecião as chaves. Andárão-se procurando de casa em casa, e dando-se em fim com ellas na de hum vereador, soltárão-se os prezos com muito socego, porque a outra parte da paizanagem tinha ido entretanto segurar no seu proprio quartel o Governador, que era o unico, de quem se receava opposição.

O mais notavel he que a rogos do mesmo Governador acabavão de chegar 200 soldados Portuguezes, tirados do deposito d'Elvas, para reforçarem a guarnição da praça, e nem hum só sahio dos seus quarteis a embaraçar a diligencia, ou não sentírão cousa alguma do que se passava, ou se fizerão desentendidos; de fórma que o Juiz de fóra teve toda a opportunidade de voltar para Valencia, acompanhado da sua gente, com os prezos postos em liberdade, e o Governador prezo.

A' vista de huma resolução tão heroica, coroada com successos tão felizes a junta de Valencia não pôde mais negar-se a auxiliar os esforços

ços do Juiz de fóra, para o que se achava já authorizada pelo governo de Badajoz. Concedeo-lhe pois huma pequena guarnição, com a qual veio no dia 26 fazer a solemne entrada em Marvão, e reasumio consequentemente o exercicio do seu lugar, mas sem tirar ainda a vara d'entre as mãos da imagem do Senhor dos Passos; o que reservava para occasião, em que o podesse fazer com mais pompa. 1808 Junho.

Foi chéfe desta expedição por parte dos Hespanhoes D. Mattheus Monge, acompanhado do Sargento-mór D. André Villa-Real, e do Capitão D. Theodoro de Peñaranda. Vierão tambem o Medico Bartholomeu Lucio, como commissario do Governador de Valencia, e o Coronel D. José Gabriel, em virtude das ordens do General Galluzo. (*)

Na manhã de 27 se publicou hum bando, acclamando por Soberano de Portugal o Principe Regente, e se fez

(*) *Diario de Badajoz* de 13 de julho de 1808.

1808 Junho. fez tremolar a bandeira nacional com muitos repiques, innumeraveis vivas, e salva de huma unica peça, que se achava em estado de servir, por ter sido mal encravada pelos Francezes. Cuidou-se logo em desencravar a artilheria, e se aproveitarem as armas, que escapárão aos Francezes, e nas mais providencias proporcionadas á situação das cousas.

A função d'igreja foi reservada para o dia 7 de julho. Celebrou-se no convento de N. Senhora da Estrella *extra-muros* com novas acclamações, e salvas de artilheria, e fuzileria, manifestando-se como á porfia, as demonstrações de hum vivo prazer, tanto da parte dos Portuguezes, como dos Hespanhoes. Já em outro lugar deixo notado, que orou nesta festividade o P. M. Fr. Bernardo Joaquim de Santa Anna Mourato, que tão célebre se havia feito no tempo do governo intruso, pela sua adhesão ao Principe Regente, de que dera públicos testemunhos naquella mesma cadeira da verdade.

O Juiz de fóra tinha exigido, que

que a praça seria governada em nome do Principe, e com effeito assim se havia principiado, mas os chéfes Hespanhoes entrárão a exercer actos de jurisdicção tão soberanamente, que excitárão a emulação, e mesmo o descontentamento dos Portuguezes. Parecia que elles querião abusar da nossa fraqueza, e da sua superioridade, querendo governar Marvão como se fosse huma praça Hespanhola; mas as intenções das juntas d'Hespanha, e do governo supremo de Sevilha crão puras, e por isso tudo se terminou a contento d'ambas as partes. 1808 Junho.

CA-

1808
Junho.

CAPITULO XXVII.

Dois homens, pouco conhecidos, fazem a revolução em Campo-maior, auxiliados pelos Hespanhoes. Entrada destes na praça. Prizão do Governador, e de outros Portuguezes. Providencias, que se derão. Estabelecimento da junta governativa, &c. Ouguella, Castello de Vide, Portalegre, Arronches, e todas as terras comarcãs se restituem ao governo legitimo.

A Praça de Campo-maior achava-se em circumstancias mais arriscadas do que Marvão, pela sua proximidade a Elvas, e porque apezar de ser maior, e mais importante, era menos forte, pela sua situação, e ruinas das suas obras. Com tudo tambem nella houverão patriotas, de que as diligencias para a restauração sobem á mesma época que as do Juiz de

de fóra de Marvão. Pertence esta honra a Francisco Cesario Rodrigues Moacho, boticario de profissão, e a Luiz José Xara, homem de medeana esfera, que vivia de algum pequeno trafico, e mais abundante de patriotismo, do que de bens da fortuna. 1808 Junho.

Estes dois homens associados entre si, apenas vírão a Hespanha sublevada contra os invasores, formárão o projecto de libertarem a sua patria, (*) e estabelecida a junta de Badajoz, elles se apresentárão perante ella em 8 de junho, pedindo soccorros, para executarem aquelle projecto. (**) Conferírão sobre este as-

(*) Além de outras provas deste facto, vi huma attestação do Juiz de fóra de Campo-maior José Joaquim Carneiro de Carvalho, em que declara terem-lhe sido denunciados naquelle tempo os ajuntamentos de conspiração contra o governo intruso, feitos por Cesario, e seus alliados em casa de Manoel Antonio Gonçalvez Niza.

(**) Tambem vi huma attestação original deste facto, passada por decreto da junta de Badajoz, e assinada pelo seu Secretario D. Rafael Garcia de Luna

1808 Junho. assumpto com D. Ramon Gavinales, commissario do governo supremo de Sevilha, e forão adiados para 16 do mesmo junho. Comparecendo então de novo, e não se lhe podendo ainda dar os soccorros, continuárão secretamente as suas diligencias até o fim do mez, em que finalmente os obtiverão.

No dia 30 se entregou a Cesario huma carta para o Juiz de fóra de Campo-maior, a fim de dar as disposições necessarias, para a recepção das tropas, e Cesario a demorou ainda em seu poder, até que no dia seguinte teve a certeza de que as mesmas tropas tinhão com effeito sahido de Albuquerque, e tomavão a direcção daquella praça. Então he elle mesmo o portador da carta, que chegou ás mãos daquelle ministro pela meia noite de 1 para 2 de julho, e na madrugada immediata entrárão as tropas, que consistião em 700 homens, ou pouco mais de infanteria, e hum pequeno número de cavallos, ás ordens de D. Nicoláo Moreno de Monroy. A 3 entrou hum

Julho.

os.

esquadrão de cavalleria, e nos dias seguintes continuárão ainda a chegar de Hespanha mais algumas tropas. 1808 Julho.

Era precedentemente Governador da praça posto pelo Principe Regente, e conservado pelo governo intruso, o brigadeiro João Barreiros Garro Tavares, o qual tinha contra si desde alguns annos a opinião do povo, e tambem a de huma grande parte da propria officialidade. Tendo-lhe chegado, primeiro do que ao Juiz de fóra, as ordens para serem abatidas as armas Reaes, em consequencia dos iniquos decretos do 1.º de fevereiro, foi demasiadamente prompto em executallas nos lugares, que estavão debaixo da sua immediata inspecção, e em officiar á camara, e aos parocos, para tambem as executarem nos outros lugares públicos, e nas igrejas. Succedeo immediatamente depois da revolução da Extremadura, que passou por Campo-maior hum militar Hespanhol com cartas do governo de Badajoz para a praça de Albuquerque; e sendo prezo junto á porta de S. Pedro, e con-

du-

1808 Julho. duzido á presença de Barreiros, este o fez remetter para Elvas onde Kellerman o mandou passar pelas armas, e remetteo ainda ao mesmo Barreiros algum dinheiro, para se destribuir em premio pelas ordenanças, que fizerão a prizão. Estes factos augmentárão a animosidade, não só dos Portuguezes, mas tambem dos Hespanhoes, contra aquelle Governador, e he por isso que a primeira cousa, que fez Moreno, quando entrou em Campo-maior, foi mandar-lhe cercar as casas, e prendello.

Forão involvidos na mesma desgraça, como agentes dos Francezes, o Major d'ordenanças José Dias Alão, e seu genro Antonio Joaquim dos Santos. Todos forão prezos no castello pelos Hespanhoes, aprehendidos, e revistos os seus papeis; e ao ultimo tambem se tomárão os dinheiros, que lhe forão achados, ainda que alguns erão de contrato do tabaco, com o fundamento de ser commissario de compras de trigo em Hespanha, por ordem de Junot. He necessario dizer tudo: foi com este dinheiro, e com al-

algum outro, que pôde apurar-se de differentes repartições, entrando os donativos voluntarios, que Moreno principiou a pagar, e sustentar as tropas. As authoridades Portuguezas nunca quizerão tomar parte no negocio destes prezos, que passado hum mez forão postos em liberdade. 1808 Julho.

Tomou Moreno a si as chaves, e consequentemente o governo da praça; e examinando o estado, em que esta se achava, cuidou de acordo com os nossos em dar as providencias concernentes, e pedir a Badajoz o que se precisava para a sua defeza. Os Francezes não lhe tinhão mettido guarnição sua, mas por isso mesmo tiverão o cuidado de a reduzirem a hum estado indefezo, deixando-a sem gente, sem armas, e sem munições, que tudo lhe tirárão, á excepção de algumas peças de grosso calibre, difficeis de conduzir, e de huma porção de cartuxos embalados, que o almoxarife Portuguez pôde esconder: levárão-lhe até as roupas, e os utensilios do hospital, e do assento. Foi pois necessario virem de

Ba-

1808 Julho. Badajoz algumas peças ligeiras, dois obuses, polvora, e bala, alguns centenares de granadas, carcassas, e o mais que se julgou necessario.

O povo reparou em muito pouco tempo duas brechas, que tinha a muralha, huma de 22 varas de comprido no baluarte de S. Sebastião, outra mais pequena na cortina de Santa Roza. Principiou a reorganizar-se o regimento de linha n.º 20, e a levantar-se de novo huma companhia de eguas: passado algum tempo se deo tambem principio a hum novo regimento de cavalleria, que chegou a ter 260 cavallos.

Moreno foi o idolo de Campomaior nos primeiros momentos de enthusiasmo, enthusiasmo que soube inspirar aos Portuguezes, repetindo contínuamente acclamações ao Principe Regente, e exaltando o nome deste Soberano a par do nome de Fernando VII. Para dar huma idéa do modo, porque elle se expressava, e das ajustadas vistas do governo Hespanhol, copiarei a seguinte proclamação, por elle dirigida aos Portu-

gue-

guezes, em nome do General Galluzo. 1808 Julho.

Proclama.

Habitantes de Portugal. Llegó el momento deseado... llegó la hora en que el pueblo Español, siempre vuestro hermano y aliado, os manifestase los sentimientos de su corazon: sola la conducta de un gobierno debil, ó corrompido, que miraba con indiferencia la proxima ruina de los suyos, pudo hacer, que vuestros hermanos llorasen en secreto, y ante el Padre de las misericordias vuestros males y desgracias: llegó en fin el tiempo por la providencia destinado, para que Españoles y Portuguezes, siempre fuertes é invencibles hagan conocer á las naciones, que no han degenerado del valor de Viriato y Pelayo. Si, Portuguezes, los Españoles que, al parecer yacian en torpe letargo, han dado a conocer á las generaciones futuras, que reinan aun en ellos los sentimientos de magnanimidad, justicia, y ge-

1808 Julho.

generosidad, que han heredado de sus mayores: solo la violacion de derechos tan sagrados pudo hacer que un pueblo, al parecer subyugado, se alarmase contra los mismos, que en su seno tenia, y que en medio del horror de las armas le dictaba la ley. Y es posible, que vosotros, habiendo visto una nacion, que al entrar os llamó amigos, y aliados, y apoderandose de vuestra capital y principales plaças, tubo la osadia de imponeros el vergonzoso nombre de pais conquistado, que habiendo expatriado a vuestros amados Principes, violado vuestros derechos, y profanado vuestros templos, esteis quietos y tranquilos sufriendo el vil yugo de un Principe traidor, falso, ingrato y fementido? Pero que digo? Te ofendo, pueblo de Campomayor; tu te has aventajado á los tuyos en valor, y patriotismo, me has llamado: he venido, no como conquistador, si como amigo, y aliado, para que unidas tus fuerzas á las mias sacudamos el yugo

Fran-

Francez: pongamos nuestros amados Principes, Juan, y Fernando en el solio de sus Padres. Pero como podrá esto verificarse, si la discordia enemiga se introduce entre nosotros? Asi exijo de vosotros jureis, y prometais, como yo juro y prometo defender la religion, vivir en la mas perfecta union, respetar vuestros derechos, y verter la ultima gota de sangre por defendér nuestros amados Principes. Por tanto, viva la religion catolica: viva D. Fernando VII. de España: viva D. Juan Principe de Portugal: viva España, y Portugal. Dada en el quartel de Campo-mayor a tres de julio de mil ochocientos y ocho. = Nicolas Moreno. 1808 Julho.

A pezar de tão bellas expressões, e por mais generosos que fossem os sentimentos do governo Hespanhol, aconteceo em Campo-maior o mesmo que em Marvão: o poder, que Moreno se arrogava, sem dar demonstrações de o querer transferir, nem mesmo repartir com mãos Portu-

1808 Julho. tuguezas, excitou bem depressa o ciume, e a desconfiança dos nossos, que procurárão tirar-se deste embaraço, por hum meio mui prudente. Fizerão convocar no dia 5 hum congresso geral das tres classes do clero, nobreza, e povo, assistindo tambem a officialidade Hespanhola, para se tratarem, e pôrem em ordem as cousas do governo; e he delle que resultou o estabelecimento da junta governativa de Campo-maior, composta de hum Presidente, que foi o mesmo Moreno, doze Deputados escolhidos de todas as classes, e dois secretarios, hum Portuguez para o expediente ordinario, e outro Hespanhol para a escrita, e correspondencia com a Hespanha. Foi a primeira que se creou no Além-Téjo, e principiou a exercitar o poder supremo no dia 8.

Naquelle mesmo congresso se reconhecêrão os serviços dos dois authores da revolução, fazendo-se hum auto, que aqui transcrevo, porque contém huma parte desta historia.

Certificamos nós abaixo assi-

na-

nados, que vivendo na mais profunda tristeza debaixo de ferreo, e tyrannico jugo Francez, como em lethargo, vendo, e admirando as catastrofes acontecidas em hum tão curto espaço de tempo, sendo as mais fortes o vermo nos desarmados em geral, nossas tropas extinctas, e desterradas, nossos erarios nas mãos dos nossos pérfidos protectores, as igrejas roubadas, nossas fazendas, ou propriedades com huma enorme contribuição de guerra, sem auxilio, e no maior abandono, só esperavamos ver nossas casas mettidas a saque, nossas vidas perdidas, e em grande risco nossas honras, e familias, e finalmente ameaçando-nos huma total ruina: que triste scena! He de repente que tudo muda no feliz dia 2 de julho do presente anno nesta praça, quando, sem o esperarmos, entrão tropas Hespanholas em nosso auxilio, convocadas por Francisco Cesario Rodrigues Moacho, boticario, e por Luiz José Xara, naturaes, e moradores desta pra- 1808 Julho.

1808 Julho. *ça, auxilio, que com tanta ancia, zelo, e patriotismo alcançárão da suprema junta de Badajoz, e com tanto segredo, que pessoa alguma desta praça o esperava: elles desprezão todas as difficuldades, confiando em Deos, e na justiça da causa: seus heroicos, e magnanimos pensamentos só se fixão na restauração da sua monarquia, da sua religião, da sua patria, e por consequencia do nosso muito amado Principe: Que heroico modo de pensar! Que forte enthusiasmo patriotico, que mais se admira, conhecendo os sujeitos que a executão! Elles são huns homens do commum, sem cabedaes, sem partido, e não constituidos em dignidades, &c. Oh! Providencia de Deos! Parece que de proposito te serves dos pequenos para cousas grandes: elles, dignos heróes se arriscão a todas as perdas, se a malvada raça Franceza sonhasse suas pertenções, que conseguírão, sublevando, não só esta praça, mas com este exemplo se vai sublevando toda es-*

ta

ta provincia d'Além-Téjo, e esperamos se subleve todo o reino, confiando em hum Deos omnipotente, que restaurará hum reino, que elle escolheo para si na nossa monarquia, depositando nella as suas cinco chagas. Elles ditos nossos patricios são os que no dia de hoje convocão hum pleno congresso do clero regular, e secular, nobreza, e povo, e a officialidade existente do extincto regimento n.º 20: aqui se trata com calor dos meios da defeza, e da necessidade de hum governo, que represente a Pessoa do nosso Principe. Erige-se, e fórma-se huma junta provisional, e he neste congresso que em nome do Principe Regente nosso senhor nomeamos Capitães electivos aos benemeritos patricios nossos, Francisco Cesario Rodrigues Moacho, e Luiz José Xara com o seu competente soldo, cujo se dará desde logo a este ultimo, pela sua pobreza, e áquelle, quando o Estado possa, ou se acabe a guerra contra o inimigo da Europa com a nos-

1808 Julho.

1808 Julho.

nossa nação, cuja mercê nos atrevemos dar, fiados no cabal conhecimento, que temos da alma generosa, e remuneradora do nosso amado Principe, a quem supplicamos haja por bem quanto em seu nome temos feito a tão benemeritos patriotas, do que ficamos certos, e esperamos que o dito Senhor supprirá nossas faltas, premiando-os, segundo sua Real grandeza. E em como assim he, e passa na verdade, assinamos esta. Campo-maior em 5 de julho de 1808 Diogo Pereira da Gama, Presidente = José Joaquim Carneiro de Carvalho = André José de Vasconcellos = José Pedro Nogueira, Prior da igreja matriz, e Vigario da vara. = O Vigario Martinho Affonso de Almeida. = O Guardião do convento de Santo Antonio, Fr. José de Santo Antonio Reis = D. Estevão de Carvajal e Vasconcellos = Francisco da Fonseca Mexia = Manuel Dias de Carvalho, Alferes = o Padre Antonio Francisco Machado = Agostinho José Bernardo, Capitão

tão = *Francisco Antonio Vidigal*, *sargento maior reformado* = *o Padre João Baptista de Aguiar* = *o beneficiado José Coelho Pereira* = *José Francisco dos Santos Ribeiro*, *Capitão* = *Francisco Xavier Torres e Aguiar* = *D. José Carvajal e Obando* = *o Prior José Ignacio Rebello Soares* = *o Vigario José da Costa Soeiro* = *Fr. João Mariano de N. Senhora do Carmo Fonseca*, *Leitor de Theologia* = *Francisco Rodrigues Fangueiro* = *Joaquim José da Maia*, *Tenente* = *João de Matos* = *Manoel Antonio Gonçalves Niza* = *Domingos José da Rosa*, *sargento maior reformado* = *Manoel Rodrigues Lopes*, *feitor d'alfandega desta villa* = *Alvaro José de Vasconcellos*, *Alferes de granadeiros.* 1808 Julho.

O exemplo de Marvão, e de Campo-maior foi seguido rápidamente pelas terras commarcãas. Ouguela declarou-se a 4; Castello de vide a 6, recebendo guarnição Hespanhola, de que era commandante o Tenente-Coronel D. Vicente Peres; e a 7 se fez

1808 Julho. fez nesta praça a inauguração solemne da bandeira nacional.

No mesmo dia 6 succedeo ir a Portalegre huma pequena partida Hespanhola, que não excederia a 12 homens de cavallo, a sondar as intenções dos seus habitantes; e isto foi bastante para romper immediatamente a revolução nesta cidade. O povo a fez espontaneamente, sem outro algum auxilio externo; e sómente alguns dias depois he que tambem recebeo de guarnição huns 200 Hespanhoes, commandados por D. Pedro Salas.

Pelo mesmo tempo se levantou Arronches, e mandou hum Deputado a Campo-maior, para se incorporar na junta governativa, e poucos dias forão bastantes para tudo respirar livre por esta parte da provincia até o Téjo; o que se deveo em grande parte a huma partida de 40 homens de cavallo, que foi destacada de Campo-maior, para ir fazer a revolução.

Fim do Tomo III.

Advertencia.

Na pagina 98, *linha penultima*, *onde se diz* e a Relação ao Ministro, *deve ler-se* e huma parte dos membros da Relação ao Ministro.

INDICE

DOS

CAPITULOS DESTE III. TOMO.

CAPITULO I. *Pintura abbreviada da Europa na época, de que tratamos: fermentação da Hespanha. Moretti vem a Lisboa em commissão: o principado das Asturias, e todo o norte da Hespanha levantão o estandarte de Fernando VII. Palafox em Aragão.* . . Pag. 3.

CAP II. *Revolução no sul da Hespanha, principiada em Valencia, e continuada nas outras provincias. Fórmão-se varias juntas: governo supremo em Sevilha: providencias energicas. São mortos como traidores o Governa-*

nador de Badajoz, e o Capitão General da Andaluzia. Conducta de Morla: proclamação do governo de Sevilha aos Portuguezes. 15

CAP. III. *Os Francezes usão de todos os recursos, do artificio, e da força para suffocarem a revolução da Hespanha. Promoção de Reis: José he mandado vir para Bayona: Dupont na Andaluzia: Bessieres nas provincias do norte. Acções illustres dos Aragonezes: primeiro sitio de Saragoça.* . 32.

CAP. IV. *Duhesme na Cataluña: tentativas, e revezes dos Francezes neste principado. Successos de Valencia: attentados do conego Calvo, e seu castigo. Moncey em Valencia, e Caulincourt em Cuenca.* . . . 43.

CAP. V. *Situação, e conducta das tropas Hespanholas em Portugal, desde os principios da revolução. Ope-*

ra-

rações de Kelerman em Elvas, e suas inuteis tentativas contra Badajoz. . . 64.

CAP. VI *O espirito da revolução faz progressos em Portugal. Prizão dos Francezes no Porto: congresso convocado por Bellesta, em que fica decidido o restabelecimento do governo do legitimo Soberano.* . . . . . 76.

CAP. VII. *A bandeira nacional he arvorada na fortaleza de S. João da fós: heroismo, e trabalhos de Raymundo. Os Hespanhoes se retirão com os seus prisioneiros, e fica ainda suffocada a revolução.* . . . . 85.

CAP. VIII. *Notavel festim dado por Junot no theatro de S. Carlos: consequencias dos avisos, que recebeo este General sobre os acontecimentos do Porto. As tropas Hespanholas são atraiçoada, e ignominiosamente desarmadas, e prezas em Portugal.* 99.

CAP.

CAP. IX. *A festividade do Espirito Santo faz apparecer em Chaves, e em Villa pouca d'Aguiar os primeiros symptomas da revolução, e estes ainda ficão sem effeito. Exame de varios impressos a este respeito, e particularmente do folheto intitulado* Memorias de Chaves. 111.

CAP. X. *Soão em Braga as vozes da acclamação, a impulsos do Arcebispo, e ficão paralysadas por hum partido opposto. Em Melgaço ellas são recebidas com successo mais feliz: arvora-se a bandeira Portugueza com assistencia dos Hespanhoes, e fica firme, pelo valor, e fidelidade dos Portuguezes. Rebate falso de que se aproximavão Francezes, e consequencias que teve. . . 124.*

CAP. XI. *Restauração de Bragança. O General Sepulveda se põe á frente da revolução: huma conspiração de*

bo-

homens tímidos procura suspendella, e o General, ajudado de verdadeiros, e fiéis patriotas a consolida: ella se faz geral em toda a provincia de Tras-os-montes. Estabelecimento da junta do governo, e outras providencias. . . . . . 136.

CAP. XII. *Restauração de Villa-Real, e contestações entre Sepulveda, e Silveira. Restauração da comarca da Torre de Moncorvo: estabelecimento da junta da segurança, e administração pública: suas primeiras operações, e controversias, que teve com a de Bragança.* . . . . . 150.

CAP. XIII. *Revolução na provincia d'Entre Douro e Minho: restauração de Guimarães, e Porto: movimentos desta cidade: estabelecimento da junta provisional do governo supremo: seu acordo com a de Bragança: agi-*

agitações, e extinção desta ultima. . . . . . 136.

CAP. XIV. *Continuão-se os successos do Porto. Conducta, e desgraça do interino Governador das armas: o clero secular, e regular pega em armas, e se forma em corpo separado: novos movimentos, e tumultos populares: providencias do governo para o restabelecimento da tranquillidade, e sobre outros objectos.* . . . . . 186.

CAP. XV. *Sahe do Porto huma patrulha armada a procurar noticias do inimigo, e o que faz. Associão-se cinco homens, que auxiliados pelo Coronel de milicias de Aveiro, e paizanagem da Mealhada, e de Oiz, prendem os Francezes em Coimbra, depois de hum pequeno combate.* . . . . . 200.

CAP. XVI. *Continuão-se os successos de Coimbra. O Juiz do povo se une aos chefes da ex-*

expedição, e se faz a acclamação, estabelecendo-se hum governo, e dando-se as mais energicas providencias para a defeza. Trabalhos do corpo academico, do clero, e das outras classes. Meios com que se suprio a falta de armas, e de munições. . 214.

CAP. XVII. *Expedição da Figueira, emprehendida pelos Conimbricenses logo no segundo dia da sua revolução, e seus felizes resultados. Coimbra em convulsões.* . 226.

CAP. XVIII. *Loison sahe de Almeida com a sua divisão para ir castigar o Porto, passa o Douro junto á Regoa, e batido á entrada do Marão pelos paizanos he obrigado a retroceder. Successos, e infortunios da sua marcha retrogada.* . . . 235.

CAP. XIX. *Varias anecdotas, e operações de Junot, de seus Ministros, e Generaes em Lisboa. Memoravel função do*

Corpo de Deos. Novo desarmamento da capital. Mensagem de Pedro de Mello Brayner ás provincias do norte. . . . . . 254.

CAP. XX. *Restauração do Algarve principiada em Olhão, e acções gloriosas de Lopes, e Mestre. Os paizanos, conduzidos por este ultimo, surprendem, e aprisionão sobre o mar huma expedição inimiga, e acossão outra sobre terra. Meios pérfidos, de que se servírão os Francezes, com o intento de suffocarem a revolução.* . . . . . 270.

CAP. XXI. *Movem-se novas forças contra Olhão, abrem-se negociações, e entretanto se faz o levantamento em Faro. Heroismo de hum mercador, e de outros illustres patriotas. A revolução se faz geral, e os Francezes, depois de acossados em varios encontros, evacuão todo o Algarve.* . . . . . 282.

CAP.

CAP. XXII. *Estabelece-se hum conselho de regencia em Faro, de que he nomeado Presidente o Marquez de Olhão, que reasume tambem o governo do Algarve. Operações principaes do novo governo. Commoções populares. Motivos de desconfiança para com os Hespanhoes, de que resulta hum tratado de firme alliança. O Corregedor de Béja pede, e obtem soccorros.* . . . . . 294.

CAP. XXIII. *Principia a revolução do Além-Téjo no levantamento de Villa-viçosa. O General Avril marcha contra esta villa, e os seus habitantes, commandados por Antonio Lobo Infante, se defendem, mas succumbem. Exito infeliz desta empreza.* . . . . . 305.

CAP. XXIV. *Moretti, e Lobo se apossão de Jurumenha, e fazem della o fóco da revolução. Expedições inuteis dos*

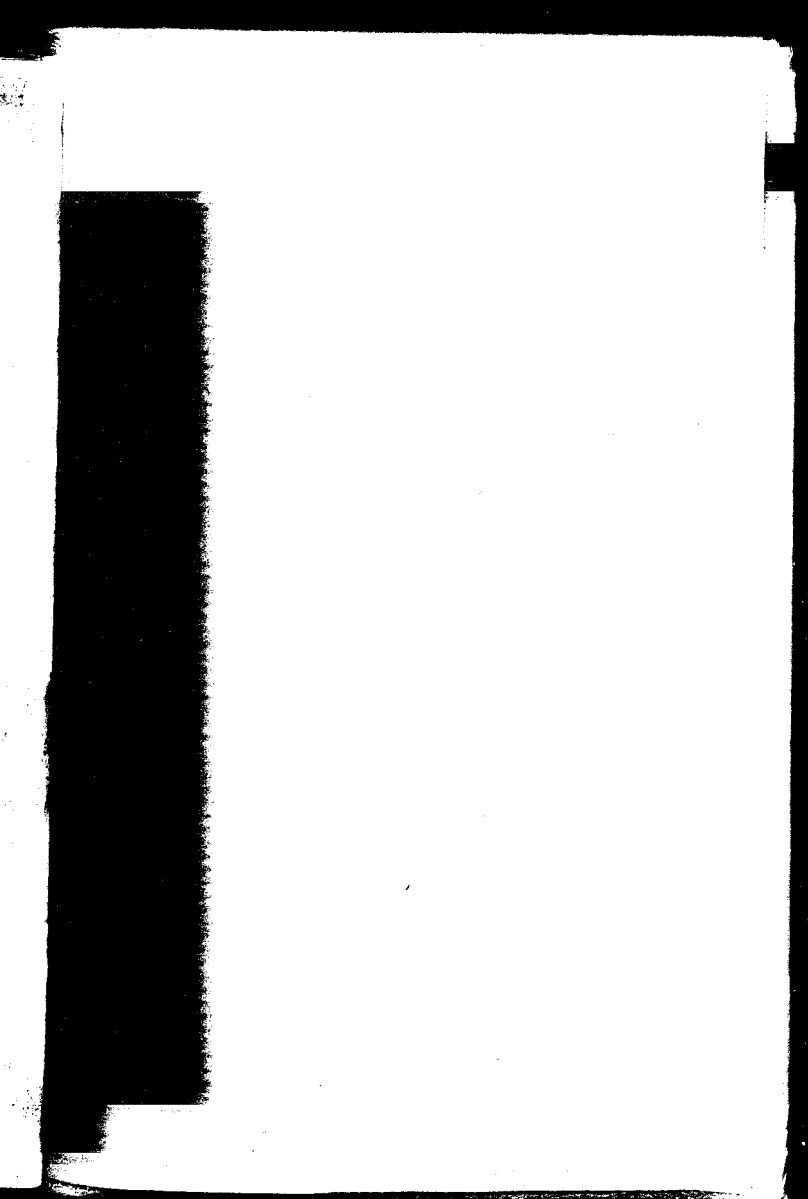
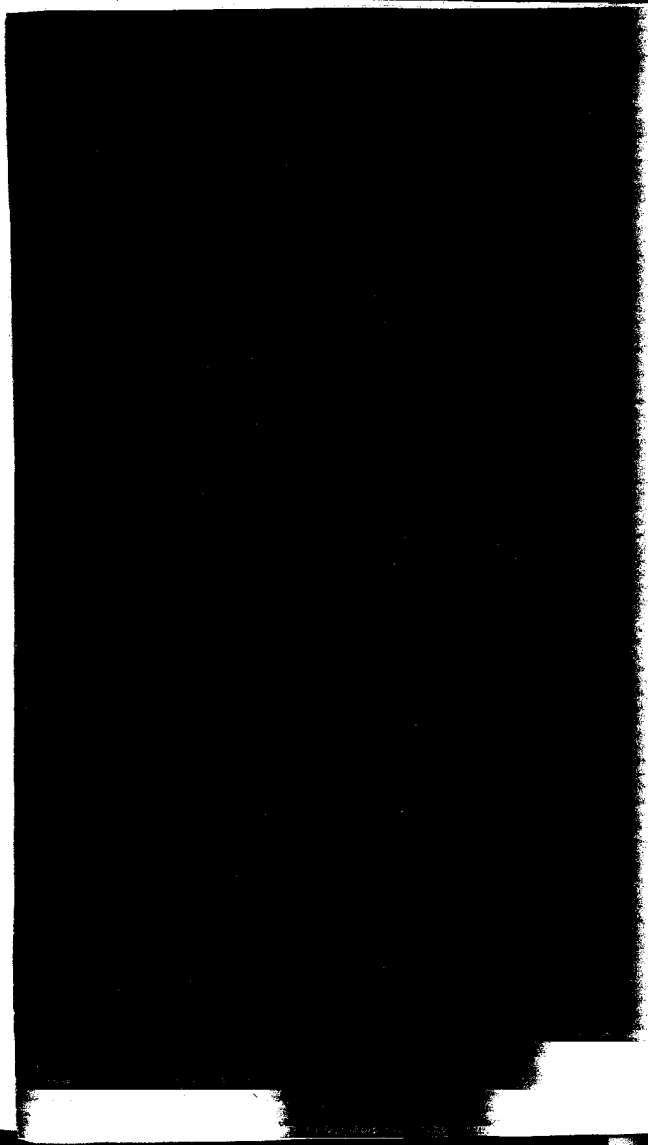
Fran-

Francezes contra esta praça. Movimentos de Kellerman contra a Extremadura, e sua partida para Lisboa. . . . . . 316.

CAP. XXV. *O povo de Béja se levanta contra os Francezes, e assassina dois dos seus proprios magistrados. Combate-se vigorosamente junto aos muros desta cidade. Os Francezes entrão, e commettem horriveis atrocidades.* . . . . . 323.

CAP. XXVI. *O Juiz de fóra de Marvão pertendendo restaurar esta praça, he perseguido, e foge para Hespanha. Trabalhos, e emprezas deste ministro, até que em fim consegue os seus intentos.* . . . . . 333.

CAP. XXVII. *Dois homens, pouco conhecidos, fazem a revolução em Campo-maior, auxiliados pelos Hespanhoes. Entrada destes na praça. Prizão do Governador, e de*

ou-

outros Portuguezes. Providencias, que se derão. Estabelecimento da junta governativa, &c. Ouguella, Castello de Vide, Portalegre, Arronches, e todas as terras comarcãs se restituem ao governo legitimo. . . . 344